



**11º
CONGRESSO
GIFE/
FRONTEIRAS
DA AÇÃO
COLETIVA**

GIFE25
ANOS

HORIZONTES E PRIORIDADES PARA FILANTROPIA E INVESTIMENTO SOCIAL NO BRASIL

documento final

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Horizontes e prioridades para a filantropia e o investimento social no Brasil [livro eletrônico] / organização Erika Sanchez Saez , Rogério Silva. -- 1. ed. -- São Paulo : GIFE, 2021.

PDF

"Vários colaboradores".

ISBN 978-65-86701-15-9

1. Assistência social 2. Filantropia - Investimentos 3. Investimentos 4. Serviço social I. Saez, Erika Sanchez. II. Silva, Rogério.

21-66157

CDD-361.765

Índices para catálogo sistemático:

1. Filantropia : Investimento social : Bem-estar social 361.765

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

© 2021 GIFE - Grupo de Institutos Fundações e Empresas

ISBN: 978-65-86701-15-9

Este material é disponibilizado sob a licença Creative Commons

Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional.

<http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0>

realização



GIFE25
ANOS

2021

HORIZONTES E PRIORIDADES PARA FILANTROPIA E INVESTIMENTO SOCIAL NO BRASIL

documento final

expediente

CONSELHO DE GOVERNANÇA

Americo Mattar Fundação Telefônica Vivo
Atila Roque Ford Foundation
Fábio Deboni Instituto Sabin
Giuliana Ortega Laudes Foundation
Guilherme Coelho Instituto República
Inês Mindlin Lafer Instituto Betty e Jacob Lafer
Leandro Pinheiro Fundação FEAC
Luis Fernando Guggenberger Instituto Vedacit
Maria Alice Setubal Fundação Tide Setubal (Presidente)
Maria de Lourdes Nunes Fundação Grupo Boticário
Mônica Pinto Fundação Roberto Marinho
Virgílio Viana Fundação Amazônia Sustentável

SECRETÁRIO-GERAL

José Marcelo Zacchi

COORDENAÇÃO GERAL

11º CONGRESSO GIFE | FRONTEIRAS DA AÇÃO COLETIVA
Erika Sanchez Saez

COORDENAÇÃO DA PUBLICAÇÃO, ORGANIZAÇÃO DO CONTEÚDO E REDAÇÃO FINAL

Erika Sanchez Saez (GIFE), Cris Chiófaló e Rogério Silva (Pacto)

SUPERVISÃO DA PRODUÇÃO DE TEXTOS E CONTEÚDOS TEMÁTICOS

Camila Aloí, Gustavo Bernardino e Pamella Canato

SISTEMATIZAÇÃO E TEXTOS

Aline Rosa, Aline Viotto, Carolina Magosso, Camila Aloí, Camila Cirillo, Elisângela Fernandes, Erika Sanchez Saez, Gustavo Bernardino, Karen Polaz, Leonardo Nunes, Luisa Moretti, Mariana Brunini, Neide Almeida, Pamella Canato, Paola Caiuby, Ricardo Batista, Rogério Silva, Thais Nascimento e Talita Ibrahim

REVISÃO DE TEXTOS

Gleice Regina Guerra

PROJETO GRÁFICO

Stefânia Sangi
Marcelo Hideki (assistente)
Zwei Arts (site)

PARCEIRO TÉCNICO NA ELABORAÇÃO DO DOCUMENTO

Pacto

— agradecimentos

A todas e todos palestrantes, convidados, puxadores de conversa e participantes das atividades do 11º Congresso GIFE. Cada um de vocês foi um motor do Congresso e fundamentais para a produção do conteúdo aqui sistematizado.

A todos os associados e parceiros, dos mais variados perfis, que formam a rede GIFE e a ação cotidiana da organização e do campo. Muitas de suas reflexões, desejos e compromissos estão retratados neste material.

Aos apoiadores do 11º Congresso GIFE, essenciais para que pudéssemos sustentar a jornada e chegar até aqui.

A toda a equipe do GIFE que, sem exceção, trabalhou árdua, amorosa e corajosamente ao longo de todo o 11º Congresso GIFE: Aline Rosa da Silva, Aline Viotto, Ana Cláudia Andreotti, Andréa Almeida Santos, Camila Fernanda Cavalcanti Aloi, Carolina Magosso, Erika Sanchez Saez, Giovana Bianchi Nurchi, Graziela Santiago, Gustavo Bernardino, José Marcelo Sallovitz Zacchi, Juliana dos Santos Linhares, Leonardo Nunes, Luciana Mikami, Luísa Moretti Chizzola, Marina Monteiro, Pamella de Cicco Canato, Ricardo dos Santos Batista, Paola Caiuby, Talita Ibrahim, Thaís Anselmo de Souza Rodrigues e Thaís do Nascimento.

platinum



master



ouro



prata



bronze



apresentação

MARIA ALICE SETUBAL
Presidente do Conselho de Governança

JOSÉ MARCELO ZACCHI
Secretário Geral

O ano de 2020 foi singular para cada um e cada uma de nós, de muitas maneiras. Para nós do GIFE, ele marcou também 25 anos de atuação na promoção do ecossistema de filantropia e investimento social privado (ISP) e práticas de ação cidadã no Brasil, hoje mais amplas e fortalecidas do que naquele início dos anos 1990, quando nossa jornada começou.

Ao longo dessas últimas duas décadas e meia, estivemos dedicados a desenvolver, qualificar e valorizar os diversos papéis da sociedade civil e do terceiro setor no Brasil, de forma abrangente, crescente e cumulativa.

Os desafios sempre foram e seguem sendo múltiplos, mas quando olhamos para o caminho que percorremos, podemos afirmar que temos um setor cada vez mais diverso e plural, que dialoga progressivamente com agendas temáticas, estratégias e territórios.

Nessa caminhada, três eixos têm sido fundamentais. O primeiro deles diz respeito ao fomento e ao aprimoramento do ambiente de atuação da filantropia e da cidadania ativa em todo o seu potencial: mais atores engajados e recursos mobilizados em um ambiente mais favorável

e diversificado nas suas variadas dimensões – do perfil das organizações e atores a uma ampla gama de estratégias de atuação –, incluindo modos de fazer, públicos-alvo, temas e regiões. O segundo eixo é sobre os desafios e oportunidades de somar novas camadas de articulação e de colaboração entre esses atores, unindo forças e criando teias mais adensadas de ação. Por fim, está o eixo que aponta para a necessidade de renovar a nossa capacidade de expandir e atualizar a conexão com os desafios da sociedade – agendas históricas e/ou contemporâneas que se mostram essenciais e precisam ser incorporadas na ação cotidiana.

Os Congressos GIFE têm sido momentos importantes dessa trajetória. Momentos de pausa e reflexão para a elaboração coletiva de sínteses e balanços dos acúmulos, avanços e desafios e, ao mesmo tempo, apontando caminhos e horizontes para seguirmos adiante.

Em 2020 foi diferente. Tivemos que nos adaptar a um contexto inédito e difícil. No entanto, a essência do Congresso GIFE permaneceu a mesma, bem como o trabalho cotidiano da organização, que se intensificou

para contribuir com uma nova atuação que ganhou protagonismo: a resposta à crise provocada pela pandemia de Covid-19, tanto na construção de ações imediatas e humanitárias quanto nas reflexões que ela impôs e/ou acelerou na atuação do ISP e filantropia brasileira e global.

A eclosão da pandemia nos fez mudar o passo, da caminhada à maratona. Acelerou processos em curso. Agregou, em tempo recorde, novos atores e estratégias, potencializando a colaboração e a mobilização de novos doadores e recursos, abrindo caminho para uma nova dimensão de expansão da filantropia. Por outro lado, os impactos da pandemia nos convidaram a repensar nossas premissas e modos de fazer.

Tudo isso se revela como um chamado para que possamos revitalizar o lugar da cidadania ativa e a clareza de que sociedades avançam na medida em que seus diferentes integrantes se veem e se pensam coletivamente – e somam suas habilidades, energias, visões e competências – para construir soluções conjuntas.

Nesse processo de reinvenção, nós do GIFE e o Congresso – que se tornou um trilha – dialogamos com esse espectro amplo de temas e atendemos ao chamado das necessidades postas e agregadas pelo contexto. O 11º Congresso GIFE, Fronteiras da Ação Coletiva, buscou contribuir para que a caminhada dos próximos 25 anos possa renovar e iluminar as possibilidades de ação nos três eixos, com a visão de aprofundar o papel do GIFE como plataforma para agregar aqueles que compõem o ecossistema da filantropia e do investimento social e que trabalham para o fortalecimento do setor e do ambiente público e cidadão no país.

Este documento, produzido de modo colaborativo por todas e todos que participaram das atividades realizadas ao longo dos oito meses de Congresso e dos mais variados espaços de rede da atuação cotidiana do GIFE, se propõe a compartilhar uma visão coletiva do ecossistema da filantropia e do ISP brasileiro sobre os horizontes e as prioridades para o conjunto do setor nos próximos anos, a partir do balanço dos acúmulos e aprendizados e em diálogo profundo com o contexto.

Os desafios para seguir adiante são, mais do que nunca, amplos e complexos. Precisamos de fato ressignificar o lugar da colaboração no âmago das organizações de filantropia e ISP e traduzir o discurso, que tanto foi repetido ao longo do último ano, em novas práticas conectadas com um olhar sistêmico para os problemas. Precisamos seguir no enfrentamento à pandemia, não apenas na sua dimensão sanitária, mas em todos os outros âmbitos que ela impactou, cuja expressão máxima encontra-se nas desigualdades históricas que não poderão ser superadas sem o enfrentamento do racismo estrutural e cotidiano. Precisamos combinar resposta emergencial, urgente e necessária, às soluções estruturantes para realizar transformações profundas. Precisamos fortalecer a sociedade civil como parte do ecossistema de cidadania ativa, do qual a filantropia e o ISP fazem parte. E precisamos fortalecer a nossa democracia, como pilar fundamental para essa construção.

É esse o chamado de futuro que nos propomos aqui. Sigamos na trilha e ampliemos nossa visão e ação, de forma cada vez mais coletiva e colaborativa, para a construção de um Brasil justo, sustentável e feliz para todas e todos.

SUMÁRIO

12 RESUMO DO PERCURSO

- 12 Percurso 11º Congresso GIFE: Fronteiras da Ação Coletiva
- 14 Notas metodológicas desta publicação

16 ENFOQUES PRIORITÁRIOS

07 TEMAS E PRIORIDADES POR AMBIENTE, SEGMENTOS DO SETOR, ESTRATÉGIAS E AGENDAS TEMÁTICAS

24 FILANTROPIA E SOCIEDADE

28 AMBIENTE

- 29 Ambiente legal e regulatório
- 34 Produção de dados e conhecimento

38 SEGMENTOS

- 38 Cultura e doação
- 44 Investimento social familiar
- 48 Investimento social independente
- 52 Investimento social empresarial
- 56 Investimento e negócios de impacto

60 ESTRATÉGIAS E PRÁTICAS DE ATUAÇÃO E GESTÃO

- 61 Filantropia colaborativa
- 64 Filantropia comunitária
- 68 *Grantmaking* e fortalecimento da sociedade civil
- 72 Cooperação com a gestão e políticas públicas
- 76 Avaliação e impacto
- 80 Comunicação e *advocacy*
- 84 Governança e gestão

88 DESAFIOS DA AGENDA PÚBLICA

- 89 Educação
- 92 Saúde
- 96 Proteção e desenvolvimento social
- 100 Direitos da infância e adolescência
- 102 Juventudes
- 106 Inclusão produtiva
- 110 Cultura
- 114 Leitura e escrita
- 116 Equidade racial
- 120 Direito das mulheres
- 122 Desenvolvimento territorial
- 124 Amazônia
- 128 Clima
- 132 Ciência e informação
- 136 Democracia

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

- BNCC** – Base Nacional Comum Curricular
CNM – Confederação Nacional de Municípios
CNPJ – Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica
CONANDA – Conselho Nacional dos Direitos das Crianças e Adolescentes
CONASEMS – Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde
CONGEMAS – Colegiado Nacional de Gestores Municipais de Assistência Social
Covid-19 – *Coronavirus disease 2019*
CRAS – Centro de Referência de Assistência Social
EJA – Educação de jovens e adultos
ESG – *Environmental, social and governance* (ambiental, social e governança, ASG)
FASFIL – Fundações Privadas e Associações Sem Fins Lucrativos no Brasil
FGV – Fundação Getúlio Vargas
FUNDEB – Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação
GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
ISP – Investimento social privado
ITCMD – Imposto sobre Transmissão Causa Mortis e Doação
LEQT – Leitura e Escrita de Qualidade para Todos
ODS – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
ONG – Organização não-governamental
ONU – Organização das Nações Unidas
OSC – Organização da sociedade civil
Rede PENSSAN – Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional
PIB – Produto interno bruto
PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
SJR – *Scimago Journal & Country Rank*
SUAS – Sistema Único de Assistência Social
SUS – Sistema Único de Saúde
UNDIME – União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação

RESUMO DO PERCURSO

percurso 11º Congresso GIFE: Fronteiras da Ação Coletiva

Todas as edições do Congresso GIFE buscaram dialogar com vários temas e desafios do setor, como parte do trabalho do GIFE e das várias organizações que integram o ecossistema da filantropia e do ISP no Brasil. Na sua 11ª edição, ao se deparar com um novo contexto, o Congresso se tornou um trilho de atividades virtuais organizado em três momentos:



SEMANA DO INVESTIMENTO SOCIAL

3 a 7 de agosto de 2020

1

- Abertura: Desafios e inspirações para o Brasil e o mundo
- Além da emergência - por um Brasil mais doador, sempre
- Investimento de impacto - avaliação e perspectivas de futuro
- Empresas e sociedade - propósito, impacto e a busca por novos paradigmas
- Filantropia, cidadania e democracia
- Plataforma filantropia ODS: filantropia e respostas socioeconômicas à Covid-19
- Horizontes pós-pandemia

3

ENCONTRO DE ENCERRAMENTO

24 a 26 de março de 2021

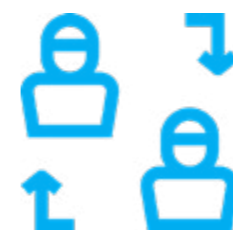


LIVES

- Percurso e fronteiras para a filantropia e o investimento social no país
- Pandemia, pós-pandemia e políticas sociais
- Nova economia: ESG, propósitos e valor público
- Investimento social por Amazônia e clima
- Investimento social por ciência e informação
- Democracia, cidadania e participação

OFICINAS

- Filantropia colaborativa
- Filantropia e sociedade
- Filantropia comunitária
- Saúde
- Educação
- Proteção e desenvolvimento social
- Equidade racial
- Governança e gestão organizacionais
- Avaliação e impacto
- Comunicação e advocacy
- Inclusão produtiva
- Grantmaking e fortalecimento da sociedade civil
- Direitos da infância e adolescência
- Cultura
- Juventudes
- Cooperação, gestão e políticas públicas
- Investimento social por ciência e informação
- Conhecimento
- Leitura e escrita
- Direitos das mulheres
- Desenvolvimento territorial
- Ambiente legal
- Cultura de doação
- Investimento social familiar
- Investimento social independente
- Investimento social empresarial
- Investimentos e negócios de impacto



TRILHA DE ATIVIDADES E TROCAS TEMÁTICAS

agosto de 2020 a março de 2021

2

PANORAMA SOCIEDADE VIVA

- Redes: manipulação e mobilização
- Proteção social: pensando desafios, comunicando soluções
- Narrativas sobre saúde e ciência
- Nem tudo é ruim

SÉRIE DA AGENDA PÚBLICA

- Investimento social pela Amazônia
- Investimento social por ciência e informação
- Cooperação e investimento social por cidades justas e sustentáveis
- Equidade racial

SÉRIE DIÁLOGOS CONTEMPORÂNEOS

- Democracia, pluralismo e diversidade
- Mudanças climáticas
- Novas tecnologias
- Nova economia
- Saúde global e pandemias

GRUPO DE COLABORAÇÃO

- Grantmaking
- Investimento e negócios de impacto
- Cooperação com a gestão pública

- #Filantropia colaborativa
- Filantropia e pandemia: a produção de conhecimento
- Financiamento baseado em relações de confiança

SÉRIE PAUTAS ISP

- Novos atores e arquiteturas na filantropia no investimento social
- Filantropia pelo Brasil: panorama e perspectivas
- Ambiente legal para a sociedade civil e o investimento social
- Filantropia, cidadania e desenvolvimento: balanços e trilhas de avanço
- Cooperação e desenvolvimento territorial
- endowments e fundos patrimoniais: tendências e desafios
- Blended Finance: experiências e potenciais no Contexto brasileiro
- Investimento social familiar
- Filantropia e movimentos sociais
- Filantropia pelo mundo

PODCAST FRONTEIRAS COLETIVAS

- Doação e transformação
- Empresas, filantropia e impacto social
- A importância do começo da vida
- O futuro que a gente quer
- Da educação à inclusão produtiva
- Apoio à arte e à cultura
- Transformação em verso e prosa
- A Mulher como motor de mudança social
- A Amazônia azul
- Filantropia estratégica
- Horizontes e prioridades para a ação cidadã

OFICINAS

- Dados do ISP
- Avaliação
- Comunicação e advocacy

notas metodológicas

Esta publicação busca refletir temas e prioridades para que se possa não apenas seguir, mas acelerar o desenvolvimento e o fortalecimento do setor, nas várias frentes e campos de trabalho que compõem a ação cotidiana de todos que dele formam parte. Assim, trata das pautas que mobilizam o pensar e o fazer da filantropia e do ISP em busca de contribuir com a agenda pública brasileira.

A partir dos vários diálogos promovidos ao longo do 11º Congresso GIFE, bem como nos vários espaços de atuação de sua rede de associados e parceiros, foi mais uma vez possível atualizar o olhar para o presente e o futuro de suas agendas estratégicas, celebrando acúmulos e conquistas, reconhecendo limites e desafios e projetando pautas, temas e iniciativas que requerem atenção e foco nos próximos anos.

A sistematização de diretrizes e prioridades necessárias para acelerar o desenvolvimento e o fortalecimento do setor, com vistas a aumentar as contribuições da filantropia e do ISP para o desenvolvimento justo e sustentável do país, é o objetivo deste texto. Sua produção requereu as seguintes etapas.

_ Produção de insumos para as oficinas do 11º Congresso GIFE, localizando contexto, desafios e possibilidades com base nas atividades realizadas ao longo do Congresso e em outros materiais produzidos pela rede de parceiros e associados do GIFE.

_ Uso dos insumos produzidos nas 26 oficinas e *lives* realizadas ao longo dos três dias de encerramento do 11º Congresso GIFE, fomentando análises e discussões com os participantes, fundindo-as com outras produções do GIFE e de outros atores da sociedade brasileira.

_ Desenho do roteiro deste documento, o que exigiu que toda a programação do 11º Congresso GIFE fosse revisitada, bem como diretrizes do plano estratégico do GIFE, e feita uma curadoria de conteúdos entre as várias possibilidades. O roteiro escolheu dar espaço a 30 textos temáticos produzidos com base em documentos, análises da equipe GIFE e revisão de produções das mesas e oficinas presentes na programação.

_ Elaboração de um texto de enfoques prioritários que aparecem de forma transversal e destacada em vários dos debates de temáticas específicas.

_ Curadoria de dados de contexto e referências complementares para cada um dos temas.

_ Produção de textos, revisão de conteúdos, revisão de gramática e normas de citação bibliográfica, diagramação e publicação.

ENFOQUES PRIORITÁRIOS

Em seus 25 anos de história, o GIFE e sua comunidade de parceiros sempre foram impulsionados a caminhar na vanguarda da filantropia, do ISP e da ação cidadã. Nesse processo, o apoio a agendas capazes de assegurar direitos fundamentais gerou experiências exitosas em diversos temas, tais como educação, cultura e garantia de direitos. Gerou também movimentos de convergência entre investidores sociais, instituições públicas e sociedade civil, numa demonstração de que a saída para superar as desigualdades brasileiras está umbilicalmente ligada à capacidade coletiva de agir de modo mais colaborativo.

Em sua última edição, o Congresso GIFE veio renovar tais responsabilidades. Apostando em um trilha formativo de longa duração e de intensa produção dialógica, escrita e audiovisual, o 11º Congresso produziu encontros, diálogos, articulações e pensamentos sobre os sentidos e os desafios da filantropia no Brasil. Atento ao contexto da pandemia, mas também comprometido com o futuro do país, o Congresso abriu espaço para que a rede GIFE reafirmasse seu compromisso com a democracia e com as equidades, reconhecendo a ação coletiva como a marca mais importante para a filantropia dos próximos anos.

Como demonstra esta publicação, a riqueza do 11º Congresso GIFE está naquilo que cada um dos participantes levou, viveu e produzirá a partir do trilha formativo, bem como na produção coletiva aqui sistematizada. Está, ainda, no reconhecimento de temas transversais presentes em toda a programação. Como insumos para reflexão, aprendizagem e planejamento, a seguir encontram-se elencados os temas que merecem atenção nos próximos anos, em busca de ações sociais e ambientais mais aderentes e potentes para o Brasil.

Como será percebido pelo leitor, os temas transversais são parte de movimentos de fortalecimento da cidadania, da defesa de direitos sociais, civis e políticos e de apoio ao fortalecimento da agenda pública em resposta aos desafios contemporâneos. Para as centenas de pessoas que participaram do 11º Congresso GIFE, este é um momento de ampliar o compromisso da filantropia e do ISP com a sociedade brasileira, realizando ações em interface com outros setores e com a sociedade civil, de forma ampla.

Mais colaborativo, projeta-se um setor mais participativo e capaz de promover ações com maior potencial transformador. Para além de impactos pontuais, um setor em busca de impactos sistêmicos de longo curso e capazes de alterar alguns dos vetores que seguem ancorando o Brasil na posição da nação mais desigual do planeta entre as grandes economias. As agendas estão lançadas.

Mais grantmaking, mais doação: dado o histórico de um setor majoritariamente executor de projetos próprios, é cada vez maior a consciência da importância do papel financiador da filantropia. São vários os apelos e recomendações para que institutos, fundações e empresas ampliem suas doações, especialmente – ainda que não somente – para OSC. Também ganham importância os debates sobre como fazer *grantmaking* na direção de flexibilizar processos e incluir, na tomada de decisão, organizações e comunidades apoiadas, por meio de práticas participativas e de filantropia comunitária.

Mais recursos para o fortalecimento institucional da sociedade civil organizada: uma sociedade civil ampla e diversa, com organizações fortes, é essencial para fortalecer a democracia, aprimorar a qualidade da gestão pública e assegurar direitos fundamentais. Para fortalecê-la, é preciso expandir doações para o seu desenvolvimento e fortalecimento institucional, oferecendo recursos não apenas para a execução de projetos, mas também para as despesas operacionais e para o investimento em gestão, contribuindo com sua atuação, legitimidade e sustentabilidade. É também essencial fomentar espaços de desenvolvimento profissional para lideranças, gestores e equipes em temas de gestão prioritários às organizações.

Instituições e políticas públicas mais fortes: agentes, instituições e políticas públicas são essenciais para que as soluções ganhem escala, perenidade e sustentabilidade, produzindo assim transformações capazes de tornar o Brasil um país mais igual e justo. A importância do diálogo, colaboração, parcerias, articulações, projetos conjuntos com o poder público, especialmente nos níveis municipal e estadual, surgem em várias pautas. A colaboração tanto requer que a filantropia saiba apoiar políticas, instituições e ações públicas já existentes, quanto buscar soluções efetivamente construídas em conjunto.

Novo paradigma da relação entre empresas e sociedade: as empresas têm papel fundamental na construção de mudanças positivas. Não por acaso a sigla ESG (*environmental, social and governance*) ganhou projeção em 2020, indicando que a relação das empresas com a sociedade precisa estar no centro do negócio. A ampliação da consciência e do compromisso das empresas com um país melhor é tendência no mercado e pode ganhar sinergia com mais diálogos e ações conjuntas com o ISP.

Ampliação da agenda de investimentos e negócios de impacto: a busca por negócios inovadores, o crescimento do número de empreendedores, o apelo por soluções com base em tecnologia digital, o interesse dos financiadores e fundos e a possível criação do marco legal das *startups* apontam para um ambiente mais favorável aos investimentos e negócios de impacto nos próximos anos. Espera-se que investidores mais abertos a riscos confirmem maior atenção a essa agenda.

Ações mais sistêmicas, expectativas mais reais, avaliações mais sensíveis: os processos de transformação social precisam ser percebidos em sua complexidade e analisados de modo sistêmico. Os problemas são interconectados e é preciso articular agendas intersetoriais apoiadas em construções coletivas. Tais experiências podem ajudar os investidores sociais a melhor compreender as dinâmicas de mudança e, com isso, a melhor regular suas expectativas, apostando em ações de mais longo prazo e em modelos de intervenção mais sistêmicos e colaborativos.

Nessa direção, cabe às avaliações buscarem desenhos mais sensíveis e responsivos a essa realidade, com maior capacidade de evidenciar processos, demonstrar resultados e fomentar reflexões e aprendizados.

Novas arquiteturas de ação e inovação: tendo em vista a necessidade de responder a objetos complexos e de dialogar com uma sociedade mais diversa em atores, linguagens e expectativas, é importante ampliar as arquiteturas de atuação e soluções inovadoras para responder tanto a desafios históricos quanto aos contemporâneos. Doações, fundos, *fellowships*, *advocacy*, *grantmaking*, *matching funds*, ativismo digital, comunidades de aprendizagem, alianças e coalizões são alguns dos modos de atuação já disponíveis, entre outros que podem ser formulados e experimentados. Só haverá evolução e inovação nos modos de agir com maior apetite a riscos.

Mais filantropia colaborativa em redes, alianças e coalizões: as ações de filantropia colaborativa têm sido cada vez mais reconhecidas por sua capacidade de produzir resultados mais significativos ao convergir recursos de diferentes origens e volume na mesma direção. Ao somar dinheiro, prestígio, conhecimento técnico, poder de mobilização, influência, articulação e força executiva, entre outros, a filantropia colaborativa é capaz de mover agendas e produzir efeitos mais abrangentes, relevantes e sustentáveis. Em muitos casos, realizar esforços e produzir efeitos que seriam impossíveis para organizações e ações isoladas.

Mais diálogos com a base da sociedade, comunidades e coletivos: a importância de ampliar diálogos e colaborações com comunidades locais, movimentos sociais, lideranças comunitárias, coletivos e outros grupos historicamente excluídos dos espaços de poder reaparece como uma prioridade e uma forma mais eficaz para alcançar as transformações desejadas. Na aproximação de tais atores, é importante reconhecer seus saberes e ativos e refleti-los na forma como se doa e se financia ações, adotando práticas que compartilhem poder (*shift the power*) e confirmem maior autonomia e estruturas mais participativas de governança e tomada de decisão.

Mais *advocacy*, incidência pública e comunicação de causas: o contexto brasileiro demanda posicionamentos mais fortes, resilientes e duradouros, com maior capacidade de dialogar com a sociedade e alterar o senso comum sobre pautas variadas (política, ciência, direitos humanos, entre outros). O poder de influência e articulação que grandes doadores têm é um ativo valioso e pode ser usado para evitar retrocessos e produzir avanços.

Mais abertura, flexibilidade, fluidez e transparência: é cada vez mais necessário que organizações e iniciativas coletivas desenvolvam modelos de governança e gestão que melhor se adequem à pluralidade de vozes dos territórios e agendas nas quais atuam, e melhor respondam a suas estratégias. A busca de espaços de poder distribuído, modelos de gestão ágil, estratégias flexíveis e demonstrações transparentes de processos, resultados e aprendizagens está no centro das mudanças necessárias.

Mais investimento em saúde e proteção social: se as agendas de saúde já eram importantes para a sociedade, elas se tornaram vitais com a pandemia e a maior visibilidade conquistada pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Do mesmo modo, a fome e o desemprego, a miséria e a violência escalados pela crise sanitária também demonstraram a importância do Sistema Único de Assistência Social (SUAS). A exemplo da agenda de educação, observa-se uma enorme oportunidade de ampliar as contribuições da filantropia para a saúde e a proteção social. Espera-se que os próximos anos assistam ao aumento do interesse do ISP e da filantropia nessas temáticas, com mais investimentos, parcerias, programas e projetos e em intenso diálogo e colaboração com a gestão pública.

Menos racismo e mais equidade: há forte apelo para que a equidade racial passe a ocupar lugar central nas agendas organizacionais. É preciso ampliar a presença de pessoas negras em conselhos, posições de liderança e equipes organizacionais. É também preciso que as estratégias de ISP evoluam na direção de mais doações para organizações, movimentos e ativistas negros, de mais apoio explícito à promoção da equidade racial e de estratégias (em educação, saúde, trabalho e renda, etc.) com recortes raciais.

Maior equidade de gênero: se por um lado celebra-se os números que atestam avanços na presença de mulheres em posições de liderança no setor, ainda é preciso avançar na composição dos conselhos e em fenômenos mais sutis de exclusão. Além disso, o tema da equidade de gênero pode também evoluir de modo transversal nas estratégias e programas organizacionais e como foco de atuação. Para além de olhar para as mulheres, a diversidade de gênero deve abarcar também a agenda LGBTQIA+, cuja timidez no ISP ainda é marcante.

Mais apoio à pesquisa, à ciência e à divulgação científica: o contexto brasileiro requer maior atenção ao papel das ciências e das pesquisas e maior ênfase na gestão e produção de informação baseadas em evidências. Nos próximos anos, será oportuno investir em pesquisas científicas, em tradução do conhecimento científico para a sociedade e em parcerias com universidades, fundações de amparo à pesquisa, associações de pesquisadores, publicações e agências comprometidas com a ampliação do acesso ao conhecimento científico.

TEMAS E PRIORIDADES POR AMBIENTE, SEGMENTOS DO SETOR, ESTRATÉGIAS E AGENDAS TEMÁTICAS

Esta sessão aprofunda e detalha temas de destaque, prioridades e horizontes para diversas agendas que são parte da ação da filantropia. Foi organizada em cinco blocos: (1) filantropia e sociedade, (2) ambiente, (3) segmentos, (4) estratégias e práticas de atuação e gestão e (5) desafios da agenda pública.

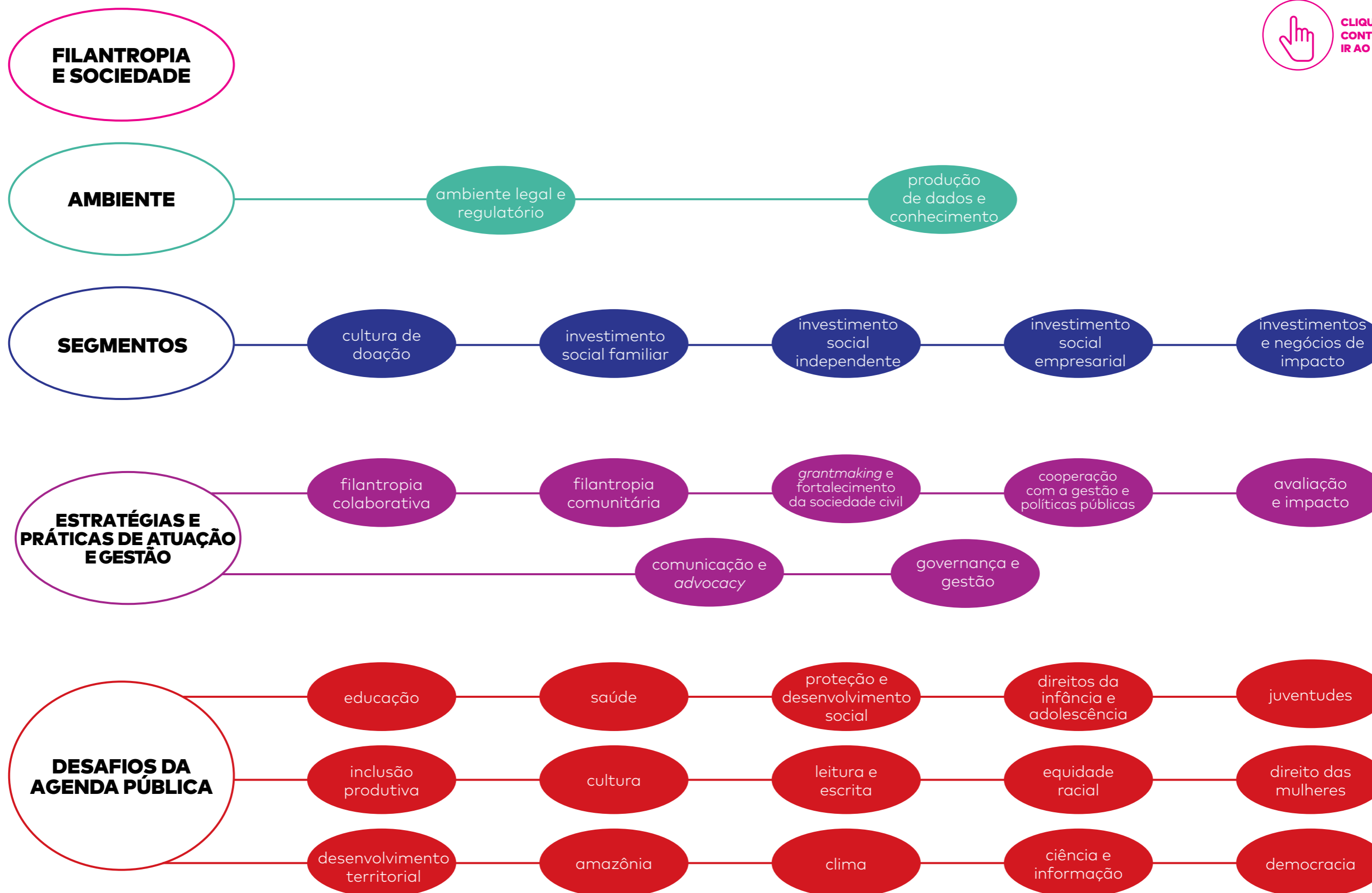
Filantropia e sociedade, que abre a sessão, é um tema transversal aos demais conteúdos e propõe um olhar ampliado sobre a vocação, o potencial de contribuição e os desafios do setor, em diálogo com o contexto atual brasileiro.

Em seguida, o tema ambiente encontra-se subdividido em ambiente legal e regulatório e produção de dados e conhecimento, agendas voltadas a contribuir com um ambiente institucional que potencialize a filantropia e o investimento social no Brasil, bem como eleve sua capacidade de analisar, formular, avaliar e refletir sobre a atuação e o desenvolvimento do setor e da sociedade civil de forma ampla.

Segmentos do setor é um tema que considera cinco diferentes perfis de investidores sociais – de doadores individuais na sociedade de forma abrangente a investidores de impacto – e formatos para promover a prática de filantropia e investimento social: cultura de doação, investimento social familiar, investimento social independente, investimento social empresarial e investimento e negócios de impacto, anunciando uma série de tendências e possibilidades para cada um desses perfis nos próximos anos.

Estratégias e práticas de atuação e gestão é o quarto bloco de conteúdo. Reúne modelos de intervenção relevantes e agendas que operam de modo transversal aos diferentes focos de atuação da filantropia: filantropia colaborativa, filantropia comunitária, *grantmaking* e fortalecimento da sociedade civil, cooperação com a gestão e as políticas públicas, avaliação e impacto, comunicação e *advocacy* e governança e gestão. É este o bloco ocupado com as estratégias centrais em diálogo com os principais parceiros de operação, a qualidade das práticas e a efetividade da filantropia.

Desafios da agenda pública formam o último bloco. Nele, estão concentrados os conteúdos temáticos mais frequentes e relevantes para o investimento social no país: educação, saúde, proteção e desenvolvimento social, direitos da criança e do adolescente, juventudes, inclusão produtiva, cultura, leitura e escrita, equidade racial, direitos das mulheres e desenvolvimento territorial. Ainda como parte do mesmo bloco, o material é concluído com alguns dos macrodesafios do contexto atual que têm estado em evidência, abrangendo Amazônia, clima, ciência e informação e democracia.



filantropia e sociedade

A pandemia de Covid-19 tem estimulado a sociedade brasileira a olhar mais atentamente para as desigualdades históricas do país, tornando as instituições e as pessoas corresponsáveis pelo seu enfrentamento.

O efeito da atuação na resposta emergencial por parte da filantropia contribuiu para ampliar e aprofundar a compreensão de que a resolução de desafios complexos requer visão sistêmica, bem como disposição para produzir respostas articuladas e colaborativas.

É nesse sentido que ganham força debates sobre como ampliar a capacidade da filantropia de produzir mudanças – econômicas, sociais e ambientais – sistêmicas, confrontando e superando os padrões que fazem do Brasil um dos países mais desiguais do planeta.

DADOS DE CONTEXTO

SEGUNDO O BANCO MUNDIAL, **O BRASIL É O 9º PAÍS MAIS DESIGUAL DO MUNDO** E ANÁLISES REALIZADAS PELO IBGE DEMONSTRAM QUE A **DESIGUALDADE AFETA MAIS A POPULAÇÃO PRETA E PARDA**. O CONTEXTO DOS ÚLTIMOS ANOS, AGRAVADO PELA CRISE GERADA PELA PANDEMIA, VOLTA A PRESSIONAR O AUMENTO DA DESIGUALDADE.



A POBREZA AUMENTOU 8,3 PONTOS PERCENTUAIS (17,7 MILHOES DE PESSOAS)

DADOS DA FGV MOSTRARAM QUE, ENTRE AGOSTO DE 2020 E FEVEREIRO DE 2021, **A POBREZA AUMENTOU DE FORMA ALARMANTE NO BRASIL, PASSANDO DE 9,5 MILHÕES (4,5% DA POPULAÇÃO) PARA 27,2 MILHÕES EM FEVEREIRO (12,8% DA POPULAÇÃO)**.

SEGUNDO PESQUISA DA REDE PENSSAN, **19 MILHÕES DE BRASILEIROS PASSARAM FOME EM 2020**, O DOBRO DO QUE FOI REGISTRADO EM 2009, COM RETORNO AO NÍVEL OBSERVADO EM 2004. DOS LARES BRASILEIROS, 55,2% CONVIVERAM COM ALGUM GRAU DE INSEGURANÇA ALIMENTAR NO FINAL DE 2020 E 9,0% VIVENCIARAM INSEGURANÇA ALIMENTAR GRAVE ENTRE SETEMBRO E NOVEMBRO DE 2020.

19 **MILHÕES** **PASSARAM FOME EM 2020 DE BRASILEIROS**



SEGUNDO O IBGE, **71,5% DA POPULAÇÃO UTILIZA O SUS**. O CONTEXTO EMERGENCIAL EVIDENCIOU A IMPORTÂNCIA DAS POLÍTICAS E DOS SERVIÇOS PÚBLICOS. **É DIFÍCIL IMAGINAR COMO SERIA 2020-2021 SE NÃO HOUVESSE O SUS, REFLEXÃO QUE PODE SER EXPANDIDA PARA OUTRAS ÁREAS.**

TEMAS E PRIORIDADES PARA OS PRÓXIMOS ANOS

- O foco na redução de desigualdades ganha força e centralidade na filantropia, trazendo consigo a necessidade de concentrar a atenção na busca por equidade racial nas várias dimensões da atuação.
- O combate aos efeitos da pandemia se coloca no centro da atuação da filantropia não apenas em 2021, mas também no longo prazo. Os retrocessos nos direitos e na cobertura de necessidades básicas (alimentação, trabalho, habitação etc.) requerem iniciativas de larga escala.
- Aproximação, diálogo e colaboração entre empresas, organizações da sociedade civil e governos são caminhos para o fortalecimento de iniciativas já existentes.
- Atuar em alianças, articulações e redes e fortalecer iniciativas de filantropia colaborativa é um ponto crítico. Por meio de arranjos colaborativos, podem ser pensadas soluções de curto prazo e emergenciais, bem como respostas a problemas estruturais do país (como trabalho, moradia, educação e saúde).
- O fortalecimento das OSC torna-se essencial em um cenário de recursos escassos, graves problemas e ameaças às liberdades democráticas. Em especial, há carência de destinação de recursos financeiros para as atividades meio das organizações.
- O fortalecimento das dimensões territorial e comunitária requer apoio e colaboração com organizações de base comunitária. Elas são fundamentais para desenvolver e implementar projetos, bem como para fortalecer políticas e serviços públicos nos territórios.
- O reconhecimento do papel das lideranças comunitárias como articuladoras para viabilizar ações também é muito importante. A ampliação da escuta e a criação de espaços multidisciplinares para ler o contexto e as demandas da sociedade é essencial para ampliar a relevância das ações filantrópicas.
- A exposição, o risco e as condições de trabalho das pessoas que estão na linha de frente dos projetos desperta a necessidade de cuidar de quem cuida. Isso significa reconhecer e valorizar, nas mais variadas dimensões, as pessoas que compõem as equipes de trabalho das organizações.
- As OSC devem estar no centro das decisões como planejadoras, não apenas como executoras. Para tanto, é preciso criar processos de fazer junto, sem imposição de agendas. Envolve, portanto, uma mudança de postura e de posicionamento do doador e do investidor social nas relações de parcerias.

- A contribuição para garantir o acesso, capacitar para uso e ampliar a conectividade é primordial, dada a necessidade de acesso à tecnologia.
- A busca de soluções nos mais diversos temas da agenda pública depende também do crescimento do investimento social em pesquisa e ciência.

PARA SABER MAIS

- ABRAMOVAY, Ricardo. Amazônia: por uma economia do conhecimento da natureza. São Paulo: Elefante, 2020.
 - BANCO MUNDIAL. O Banco Mundial no Brasil.
- FGV Social. A escalada da desigualdade: qual foi o impacto da crise sobre distribuição de renda e pobreza? 2019.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa nacional de saúde 2019. Rio de Janeiro, 2020.
 - IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Síntese de Indicadores Sociais: em 2019, proporção de pobres cai para 24,7% e extrema pobreza se mantém em 6,5% da população. 2020.
- MORIN, Edgar. É hora de mudarmos de via: as lições do coronavírus. Rio de Janeiro: Bertrand, 2020.
 - OXFAM. O vírus da desigualdade. 2021.
- PENSSAM – Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar. Inquérito nacional sobre insegurança alimentar no contexto da pandemia da Covid-19 no Brasil. 2021.
- POLAZ, Karen. Filantropia e investimento social na pandemia: respostas, aprendizados e reflexões sobre o futuro. GIFE, 2021.
 - SAEZ, Erika Sanchez. Filantropia colaborativa. GIFE, 2020.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. O futuro começa agora: da pandemia à utopia. Coimbra: Edições 70, 2020.



CLIQUE NO
CONTEÚDO PARA
SABER MAIS

CLIQUE PARA
VOLTAR AO MENU



ambiente

Para seguir no trabalho de ampliação e fortalecimento da filantropia e do ISP no Brasil, é necessário um ambiente legal e regulatório favorável que estabeleça os fundamentos do setor. É também preciso ampliar a produção de dados, informações e conhecimento que embasem e orientem o desenvolvimento das agendas sociais e ambientais brasileiras, na medida em que permitam a melhor compreensão da realidade e a identificação de oportunidades.

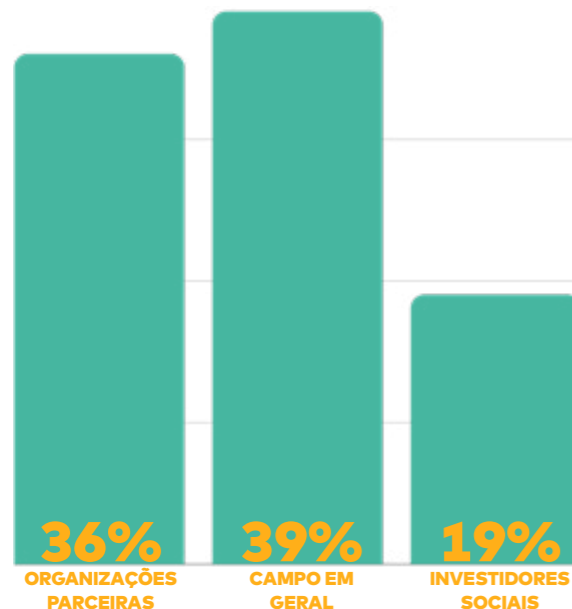
ambiente legal e regulatório

Um dos aspectos fundamentais para promover, fortalecer e ampliar as contribuições do setor da filantropia, do ISP e da atuação das OSC, potencializando seu impacto, refere-se a um ambiente legal favorável para a sua atuação.

Entre 2017 e 2020 o GIFE, em conjunto com seus parceiros, desenvolveu o projeto Sustenta OSC, com foco nos aspectos legais que incidem sobre questões relacionadas à sustentabilidade financeira da sociedade civil organizada no Brasil.

Agendas como a revisão do ITCMD, a ampliação de fundos patrimoniais, o marco que regula as parcerias entre OSC e poder público e os incentivos fiscais para doações de pessoas físicas foram amplamente discutidas e avanços foram conquistados. No entanto, ainda há espaço para a construção de um ambiente legal e regulatório que seja mais favorável à ação cidadã no país.

DADOS DE CONTEXTO



DE ACORDO COM O CENSO GIFE 2018, A PERCEPÇÃO FOI QUE **O AMBIENTE DE ATUAÇÃO SE DETERIOROU MAIS PARA ORGANIZAÇÕES PARCEIRAS (36% DOS RESPONDENTES) E PARA O CAMPO EM GERAL (39%) DO QUE PARA OS INVESTIDORES SOCIAIS (19%).**

DAS 133 ORGANIZAÇÕES RESPONDENTES, **29 (21,8%) REALIZARAM DIRETAMENTE AÇÕES DE ADVOCACY PARA INFLUENCIAR POLÍTICAS PÚBLICAS.**

21,8%

DAS ORGANIZAÇÕES RESPONDENTES REALIZARAM DIRETAMENTE AÇÕES DE ADVOCACY PARA INFLUENCIAR POLÍTICAS PÚBLICAS

O ITCMD APARECEU COMO BARREIRA PRINCIPAL PARA TODOS OS PERFIS DE INVESTIDORES SOCIAIS

DAS AGENDAS REGULATÓRIAS RELACIONADAS À SUSTENTABILIDADE ECONÔMICA, **O ITCMD APARECEU COMO BARREIRA PRINCIPAL PARA TODOS OS PERFIS DE INVESTIDORES SOCIAIS**, COM DESTAQUE PARA INSTITUTOS E FUNDAÇÕES FAMILIARES (38% DOS RESPONDENTES).

EM **JANEIRO DE 2019**, OCORREU A REGULAMENTAÇÃO DOS FUNDOS FILANTRÓPICOS POR MEIO DA LEI **13.800/19**, CONHECIDA COMO LEI DOS FUNDOS PATRIMONIAIS.



REGULAMENTAÇÃO DOS FUNDOS FILANTRÓPICOS

TEMAS E PRIORIDADES PARA OS PRÓXIMOS ANOS

- O ISP pode apoiar e colaborar para a construção de um marco legal amplo, que regre as organizações como um todo e ajude a estruturar o setor, a fim de garantir a sustentabilidade econômica e a atuação das organizações.
- O trabalho coeso e coletivo fortalece as ações de *advocacy*, em especial para avançar em causas estruturantes do setor e para fortalecer a incidência, tanto no legislativo como no judiciário. É central contar com a filantropia e o ISP no apoio e financiamento de ações de incidência voltadas ao aprimoramento do ambiente de atuação das organizações, realizando processos avaliativos dessas ações.
- Campanhas para fortalecer a atuação das OSC são um potente instrumento de controle social e de posicionamento do setor perante a sociedade. Também contribuem para fortalecer as ações de *advocacy* em curso e para atrair novos financiadores para as agendas regulatórias de fortalecimento das OSC.
- Acompanhamento e avaliação do impacto nas doações de interesse público e no financiamento das organizações, tendo o aumento gradativo da alíquota do ITCMD em vários estados brasileiros e as questões de benefícios fiscais concedidos às organizações como pontos de atenção.
- Avanços regulatórios dos fundos patrimoniais, que incrementam o fomento à filantropia e ao ISP, podem contribuir para o aumento das doações. Porém, a falta de clareza sobre o regime tributário das organizações gestoras de fundo patrimonial gera insegurança jurídica e merece atenção. A criação de novos incentivos fiscais para doações direcionadas aos fundos também seria uma forma de atrair recursos.
- Os mecanismos de *blended finance* são uma inovação nos modelos de captação de recursos para OSC. A soma de recursos de fontes diversas (privados, sociais ou públicos) e a criação de debêntures com impacto programado é um caminho promissor que requer teste, avaliação e sistematização de práticas.

- Mapeamento e monitoramento de mudanças no modelo atual dos incentivos fiscais para doação são necessários, pois já tramitam propostas nesse sentido no Congresso Nacional. As mudanças propostas e o apoio a agentes e grupos que acompanham a agenda devem ser objeto de atenção, já que diversas organizações, principalmente as que trabalham com cultura, dependem de doações incentivadas.
- O ISP deve apoiar e colaborar com iniciativas e organizações que buscam incidir na redução da burocracia e na agilidade dos processos. Muitas organizações enfrentam diversas dificuldades de gestão de suas atividades cotidianas, como para abertura de contas bancárias e registro em cartórios, que comumente impõem obstáculos que enfraquecem a autonomia das organizações.
- Ações de incidência política são importantes: há demandas pela criação de um estatuto do terceiro setor que intensifique a atuação conjunta para fortalecer o ecossistema da filantropia brasileira.

PARA SABER MAIS

- ALMEIDA, Eloísa Machado de; FERRARO, Luíza Pavan. Agenda da sustentabilidade econômica das organizações da sociedade civil no Supremo Tribunal Federal. GIFE, 2020.
- DONNINI, Thiago. O investimento social privado e o modelo de acordo de cooperação do MROSC. GIFE, 2020.
- GIFE . Ambiente legal para a sociedade civil e o investimento social. 11º congresso GIFE: 2020.
- GIFE. Portal de dados do investimento social: que ações/estratégias foram utilizadas pela organização respondente no projeto/ programa? 2020.
- GIFE. Portal de dados do investimento social: que estratégia(s) de aproximação ou alinhamento com políticas públicas a organização respondente adota? 2020.
- GIFE. Projeto Sustenta OSC: Projeto Sustentabilidade Econômica das Organizações da Sociedade Civil.

- HANAI, Andrea; FABIANI, Paula; PASQUALIN, Priscila; LEVISKY, Ricardo. Fundos patrimoniais filantrópicos: sustentabilidade para causas e organizações. : GIFE, 2020.
 - HIRATA, Augusto Jorge; GRAZZIOLI, Raquel; DONNINI, Thiago. Fundos patrimoniais e organizações da sociedade civil. GIFE, 2019.
- IDIS – Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social; CAF – Charities Aid Foundation. Fundos patrimoniais filantrópicos. Nota técnica.
- LEICHSENRING, Alexandre Ribeiro; SOUZA, Aline Gonçalves de; OLIVEIRA, Letícia de; BOAS, Lucas Vilas; MENDONÇA, Patricia; DONNINI, Thiago. Marco regulatório das organizações da sociedade civil: avanços e desafios. GIFE, 2020.
- PAGOTTO, Livia Menezes. Advocacy em rede: em busca de maior impacto do investimento social privado no Brasil. GIFE, 2019.
 - PANNUNZIO, Eduardo; VILELLA, Mariana; CARVALHO, Pedro Andrade C.; OLIVA, Rafael; TREZZA, Valéria Maria. Fortalecimento da sociedade civil: redução de barreiras tributárias às doações. GIFE, 2020.
- SALLA, Ana Leticia Mafrá; SANCHES, Michelle Baldi Ballon; SALINAS, Natasha Schmitt Caccia. Incentivos regulatórios à filantropia individual no Brasil. GIFE, 2019.



CLIQUE NO
CONTEÚDO PARA
SABER MAIS

CLIQUE PARA
VOLTAR AO MENU



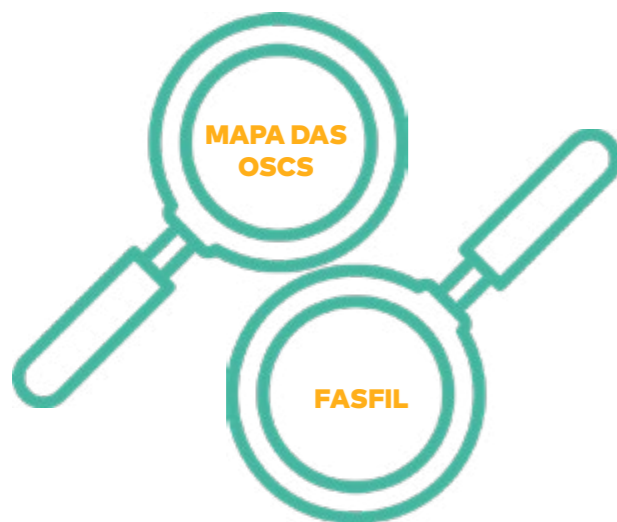
produção de dados e conhecimento

Dados, informações fidedignas e evidências têm se mostrado aliados imprescindíveis para a implementação de estratégias que almejam transformações sociais sólidas e de longo prazo. Isso se aplica tanto a agendas de trabalho da filantropia quanto ao próprio desenvolvimento do campo como um todo.

Em 2019, o GIFE criou o Grupo de Conhecimento, formado por algumas das principais organizações produtoras de conhecimento do campo da filantropia, para dialogar sobre oportunidades, desafios e lacunas na produção de informações. No mesmo ano, foi lançado o Mosaico – Portal de Dados do Investimento Social –, que abriga: dados e análises aprofundadas do Censo GIFE 2018; a Base de Projetos, plataforma que agrega iniciativas executadas e financiadas por investidores sociais; e o Diretório de Pesquisas, que reúne as principais pesquisas, publicações e plataformas que congregam dados sobre o campo.

Um dos destaques da atuação filantrópica entre março e dezembro de 2020 foi, justamente, a produção célere e intensa de dados, informações e conhecimento sobre o enfrentamento e os impactos da Covid-19 no setor.

DADOS DE CONTEXTO



DUAS PRINCIPAIS PESQUISAS ANALISAM O UNIVERSO DAS ORGANIZAÇÕES DA SOCIEDADE CIVIL NO BRASIL: O MAPA DAS OSCS, DO IPEA; E A PESQUISA FASFIL, DO IBGE.

A ÚLTIMA EDIÇÃO DO CENSO GIFE, EM 2018, CONTOU COM A PARTICIPAÇÃO DE 133 RESPONDENTES, O QUE CORRESPONDE A 84% DA BASE ASSOCIATIVA DO GIFE NA ÉPOCA DE COLETA DOS DADOS. NA PRIMEIRA EDIÇÃO DA PESQUISA, EM 2001, FORAM 48 ORGANIZAÇÕES RESPONDENTES, DE MODO QUE HOVE UM AUMENTO DE QUASE 300% NA BASE DA PESQUISA.

↑ 300%

1.221
PROJETOS OU PROGRAMAS COM APOIO DO ISP

A BASE DE PROJETOS DO GIFE DISPONÍVEL NO PORTAL MOSAICO CONTABILIZA 1.221 PROJETOS OU PROGRAMAS REALIZADOS COM O APOIO DO ISP.

EXISTEM **1.553 PUBLICAÇÕES**, DOCUMENTOS, PESQUISAS E VÍDEOS SOBRE A ATUAÇÃO DA FILANTROPIA, DO INVESTIMENTO SOCIAL E DA SOCIEDADE CIVIL DE FORMA ESTENDIDA DISPONÍVEIS ATUALMENTE **NA SINAPSE, A BIBLIOTECA VIRTUAL DO GIFE.**

1.553
PUBLICAÇÕES NA BIBLIOTECA VIRTUAL DO GIFE

11
PESQUISAS SOBRE O SETOR

O DIRETÓRIO DE PESQUISA DA PLATAFORMA MOSAICO É COMPOSTO POR 11 PESQUISAS SOBRE O SETOR.

TEMAS E PRIORIDADES PARA OS PRÓXIMOS ANOS

- Superação da "endogenia" na produção de conhecimento sobre ISP, ou seja, o padrão de disseminação-e-consumo das informações somente entre pares de conhecimento nas organizações, o que torna menor o alcance das informações e reduz seu uso estratégico como modo de influência.
- Na medida em que há um bom universo de informações e dados produzidos, cabe aos atores do ISP maior dedicação quanto à disseminação e comunicação dos saberes, bem como utilizá-los em diferentes espaços e ações, de modo a auxiliar a filantropia a conversar com outros campos e atores.
- Além da produção de conhecimento específico sobre a área de atuação de cada organização, é proficiente investir em conhecimento sobre agendas do setor e temas de interesse mais amplo, lançando mão de pesquisas que investiguem temas e experiências de interesse da sociedade, agregando valor aos estudos.
- A pandemia torna flagrante como os problemas sociais reúnem, em si mesmos, diversas questões concernentes a variados aspectos da vida social – saúde, interligada à educação, conectada à assistência, imbricada a questões de emprego e renda, e assim por diante. Quem produz conhecimento no campo deve buscar a articulação de conhecimentos, evidenciando inter-setorialidades inerentes às realidades sociais.
- Investir na consolidação de dados, informações e aprendizados de OSC de atendimento, que acumulam conhecimento produzido junto à população e aos territórios. Tais organizações muitas vezes não gozam de equipes de pesquisa, monitoramento e avaliação, o que pode requerer apoio e modelos mais leves e colaborativos de produção.
- A busca por mais inclusão e diversidade quanto à produção de conhecimento engloba incluir mais atores e pautas transversais ao campo, como desigualdades de raça e gênero, entre outros.
- O aprofundamento dos debates de questões-chave para a agenda de conhecimento é necessário: mais definições conceituais consensuais, caracterizações e dados do universo das OSC no país, mais transparência e visibilidade do campo ante à Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais.
- O amadurecimento quanto à aprendizagem baseada em evidências implica em observar o sucesso e o fracasso, as conquistas e os retrocessos, as alavancas vis-à-vis as armadilhas. Ampliar a transparência dos estudos pode ampliar a legitimidade do conhecimento produzido.

PARA SABER MAIS

- ABCR – Associação Brasileira de Captadores de Recursos. Associação Brasileira de Captadores de Recursos.
- GIFE. Grupo de conhecimento.
- GIFE. Filantropia e pandemia: a produção de conhecimento. 11º congresso GIFE. 1º out. 2020.
- GIFE. Panorama e agenda da produção de conhecimento sobre o terceiro setor. 2019.
- GIFE. Panorama e agenda da produção de conhecimento sobre o terceiro setor. 2020.
- GIFE. Plataforma Mosaico. s.d.
- GIFE. Sinapse: biblioteca virtual do investimento social. s.d.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. As fundações privadas e associações sem fins lucrativos no Brasil – FASFIL.
- IDIS – Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social. Conhecimento. s.d.
- IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Mapa das organizações da sociedade civil.
- WINGS. Knowledge hub. s.d.



CLIQUE NO
CONTEÚDO PARA
SABER MAIS

CLIQUE PARA
VOLTAR AO MENU



segmentos

A filantropia e o investimento social no Brasil podem ser compreendidos pela atuação de cinco segmentos, compostos por perfis de atores e modos de praticar filantropia e investimento social com características próprias e que, portanto, encontram-se em estágios diferentes de desenvolvimento e têm desafios e prioridades específicos:

- _ promoção da cultura de doação – na sociedade como um todo, incluindo todos os indivíduos e somando e valorizando todas as possibilidades de contribuição;
- _ investimento social familiar – famílias de alta renda que escolhem estruturar a sua contribuição filantrópica, investimento social e ação cidadã por meio de um instituto ou fundação, ainda que não de forma restrita;
- _ investimento social independente – conjunto de organizações com governança independente, não vinculada a uma família ou empresa específica e com fontes/ arquiteturas de mobilização de recursos variadas;
- _ investimento social empresarial – empresas com atuação filantrópica estruturada, compondo a agenda de sustentabilidade, responsabilidade social corporativa e/ou em diálogo com os indicadores ESG, que tem sido cada vez mais presente e importante;
- _ investimento e negócios de impacto – cooperação com todas as possibilidades que permitem que a filantropia possa potencializar esse ecossistema e promover sua ampliação e consolidação.

A seguir, explora-se os temas e prioridades desses cinco segmentos de atuação nos próximos anos.

cultura de doação

Poucos aspectos da sociedade podem ter sido afetados positivamente pela pandemia. Se isso ocorreu, talvez a cultura de doação seja um destaque. A pandemia iluminou a grande capacidade da ação cidadã e da sociedade civil, responsável, talvez, pela maior mobilização de doações da história do país, acompanhada pelo Monitor de Doações Covid-19, iniciativa da ABCR.

Doação virou manchete na mídia, quadro de destaque nos jornais televisivos, tema de conversa entre amigos e familiares. A pandemia contribuiu para acelerar a qualificação da relação da sociedade com a doação.

Em meio a tudo isso, em agosto de 2020, na semana de abertura do Congresso GIFE, o Movimento por um Cultura de Doação lançou o documento de diretrizes "Por um Brasil + doador, sempre" que, construído coletivamente, pauta as direções e prioridades que precisam ser ampliadas e fortalecidas da cultura de doação no Brasil, incluindo estratégias e atores que precisam estar envolvidos.

DADOS DE CONTEXTO



OS MAIS POBRES DOARAM QUATRO VEZES MAIS QUE OS MAIS RICOS

DE ACORDO COM O CAF BRASIL GIVING REPORT 2019, OS MAIS POBRES DOARAM PROPORCIONALMENTE QUATRO VEZES MAIS QUE OS MAIS RICOS (1,2% CONTRA 0,3% DOS RECURSOS).

QUASE A METADE DOS BRASILEIROS DOARAM AO REDOR DE 13 BILHÕES DE REAIS EM 2015, 0,23% DO PIB (VERSUS 1,5% NOS EUA), SEGUNDO A PESQUISA DOAÇÃO BRASIL. A MÉDIA ANUAL DE DOAÇÃO PER CAPITA FOI DE 200 REAIS, SENDO SAÚDE, CRIANÇA E COMBATE À POBREZA AS CAUSAS PREFERIDAS. AS PRINCIPAIS BARREIRAS PARA A PRÁTICA DA DOAÇÃO NO PAÍS RESIDIAM EM QUE (1) AS PESSOAS NÃO ENTENDEM O QUE FAZEM AS ONG E NÃO CONFIAM NELAS; (2) AS PESSOAS NÃO TÊM NOÇÃO DE CAUSA NEM DO PODER TRANSFORMADOR DA DOAÇÃO; (3) AS PESSOAS ACHAM QUE QUEM DOA NÃO DEVE FALAR SOBRE ISSO.



DOS RESPONDENTES DO CENSO GIFE FORAM CLASSIFICADOS COMO ESSENCIALMENTE FINANCIADORES DE TERCEIROS

APENAS 23% DOS RESPONDENTES DO CENSO GIFE 2018 FORAM CLASSIFICADOS COMO ESSENCIALMENTE FINANCIADORES DE TERCEIROS. ISSO SIGNIFICA QUE ESSAS 30 ORGANIZAÇÕES DOARAM MAIS DE 90% DOS SEUS RECURSOS DIRIGIDOS PARA AÇÃO FINALÍSTICA, EXCLUINDO CUSTOS ADMINISTRATIVOS, PARA FINANCIAR PROJETOS DE TERCEIROS.

ENTRE 2016 E 2018, **O VOLUME DE RECURSOS INVESTIDOS VIA ESTRATÉGIAS DE GRANTMAKING DOBROU**, PASSANDO DE 595 MILHÕES PARA 1,1 BILHÃO DE REAIS.

O VOLUME DE RECURSOS INVESTIDOS EM GRANTMAKING **DOBROU**

TEMAS E PRIORIDADES PARA OS PRÓXIMOS ANOS

- A ampliação da confiança, educação e colaboração promovem o avanço e a construção da doação como traço cultural, como ato de transformação e movimento cidadão, desenvolvendo um comportamento doador não vinculado somente a crises, problemas e situações de emergência.
- A importância do terceiro setor e o papel da sociedade civil organizada devem continuar em pauta, porque ainda existe muito desconhecimento e falta de compreensão do que é o tecido social brasileiro, qual o papel das OSC e sua importância nos territórios. Nesse sentido, organizações de filantropia e investimento social têm um papel fundamental.
- A ampliação das doações precisa dar conta, simultaneamente, da emergência e da regeneração do sistema que produz desigualdades extremas e destruição ambiental, trabalhando na raiz das questões estruturais e articulando o ecossistema da cultura de doação para atuar em rede.
- Fomento de maior articulação e ação conjunta por parte de institutos, fundações, empresas e OSC, ao redor de iniciativas bem-sucedidas já existentes e iniciativas de filantropia colaborativa, com arquiteturas de captação que permitam mobilizar recursos de fontes variadas para uma agenda comum.
- O apoio às organizações e iniciativas de infraestrutura do campo da doação no Brasil tem sido um aspecto fundamental para fortalecer o ecossistema e precisa ser ampliado.
- As OSC precisam ser fortalecidas, no sentido de legitimar sua atuação em contraponto à imposição de modelos mentais pré-estabelecidos. Significa ampliar o seu espaço de atuação. Diz respeito ao que cada organização precisa.
- Investimento em projetos de desenvolvimento organizacional das OSC, buscando seu fortalecimento institucional e a ampliação de seu impacto, podem ser concretizados com a doação de 10% a 20% dos recursos financeiros aportados às OSC para aplicação livre em despesas operacionais e desenvolvimento institucional.
- O incentivo à prática de doação recorrente é uma forma de impulsionar mudanças sistêmicas e efetivamente transformadoras. Dar a oportunidade de experimentar o ato de doar para mais pessoas promove a empatia, o sentido e a experiência de pertencimento comunitário.

R\$ 511,3 MILHÕES
FORAM REPASSADOS PARA OSC

DOS 1,1 BILHÕES DE REAIS REPASSADOS PARA TERCEIROS POR INSTITUTOS, FUNDAÇÕES E EMPRESAS, **511,3 MILHÕES (45%) FORAM REPASSADOS PARA OSC**, SEGUNDO O CENSO GIFE 2018.

PARA ESCOLHER QUE OSC APOIAR, DESTACARAM-SE CRITÉRIOS COMO:

- **CONFIABILIDADE**
- **TRANSPARÊNCIA**
- **EXPERTISE**

AINDA COM BASE NOS DADOS DO CENSO GIFE 2018, **PARA ESCOLHER QUE OSC APOIAR, DESTACARAM-SE CRITÉRIOS COMO CONFIABILIDADE, TRANSPARÊNCIA E EXPERTISE** EM SUA ÁREA DE ATUAÇÃO, ENQUANTO A AVALIAÇÃO E A MENSURAÇÃO DO IMPACTO DAS INICIATIVAS E A FRAGILIDADE NA GESTÃO DAS OSC FORAM VISTOS COMO PONTOS DE DIFICULDADE.

7 bilhões em doações

EM POUCO MAIS DE UM ANO, DESDE O INÍCIO DA CRISE PROVOCADA PELA PANDEMIA, O MONITOR DE DOAÇÕES COVID-19 CONTABILIZOU QUASE **7 BILHÕES DE REAIS DOADOS PARA A RESPOSTA EMERGENCIAL**.

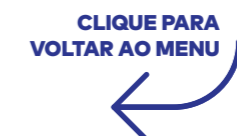
- A qualificação de executivos para o investimento social empresarial estratégico e a promoção da cultura de doação no ambiente das empresas podem se tornar exemplos inspiradores para outros. A cultura de doação incentivada pode combinar a doação da empresa e da pessoa física.
- A doação precisa ser valorizada em todos os espaços. Contar mais histórias de doação, tendo o doador como protagonista e depoente, pode ser uma ferramenta poderosa para gerar engajamento. Personagens que possam falar da sua experiência pessoal ao doar podem gerar empatia e conquistar novos doadores.
- A cobertura positiva do trabalho das OSC e de todo o ecossistema impulsionado pelas doações no país pode ser incentivada pela qualificação de profissionais da mídia.
- Um ambiente favorável à doação, com campanhas que conscientizem sobre os incentivos fiscais existentes, cria novas alternativas e novos modelos jurídicos que reflitam as necessidades de inovações.
- Plataformas de informação isentas e com dados confiáveis sobre o campo da doação fomentam a transparência no terceiro setor. A promoção da interlocução entre mecanismos de controle social com novas tecnologias e meios de comunicação assegura a confiabilidade da informação e o acesso dos mais diversos públicos de doadores.
- Esforços permanentes para ampliar a diversidade do ecossistema devem ser feitos, valorizando e estimulando a participação de pessoas de diferentes movimentos sociais – por exemplo, o movimento negro e LGBTQIA+ –, de diferentes regiões do país e de diferentes visões de mundo, em todos os diálogos ou processos decisórios.

PARA SABER MAIS

- ABCR – Associação Brasileira de Captadores de Recursos. Monitor das doações.
- CAF – Charities Aid Foundation. Brasil giving report 2019. 2019.
 - GIFE. Censo GIFE 2018. 2019.
 - GIFE. GrantLab. s.d.
- GIFE. Além da emergência: por um Brasil mais doador, sempre. 11º congresso GIFE: mesa. 2020.
- GIFE. Seleção do movimento por uma cultura de doação. s.d.
- IDIS – Instituto pelo Desenvolvimento do Investimento Social. Pesquisa doação Brasil. 2015.
- INSTITUTO MOL. 3º Seminário Doar: o ano da doação. 23 dez. 2020.
 - INSTITUTO MOL. Aqui se faz aqui se doa. Podcasts.
 - MOVIMENTO POR UMA CULTURA DE DOAÇÃO. Documento de diretrizes. s.d.
- MOVIMENTO POR UMA CULTURA DE DOAÇÃO. Página inicial. s.d.



CLIQUE NO
CONTEÚDO PARA
SABER MAIS



investimento social familiar

Atualmente, cerca de um quarto dos associados do GIFE são institutos e fundações de origem familiar. Em 2008, eram apenas 7%.

Com a mobilização da sociedade face à pandemia, muitas famílias engajaram-se na doação de recursos, em montantes expressivos, para contribuir com a mitigação dos efeitos da Covid-19 e conter seu avanço. Há bom potencial de crescimento e aporte do investimento social familiar para o país.

Esse tipo de investidor social demonstra ter vocação para maior independência na aplicação dos recursos e inovação em sua atuação – capazes, portanto, de congregiar recursos e capacidades para a expansão do engajamento do investimento social em causas diversas da nossa sociedade, experimentando novos modos de abordá-las e construindo parcerias profícuas com outros atores da sociedade civil e com o setor público.

DADOS DE CONTEXTO



EM POUCO MAIS DE UMA DÉCADA, **A PARTICIPAÇÃO DE INSTITUTOS E FUNDAÇÕES FAMILIARES** RESPONDENTES DO CENSO 2018 **CRESCERAM 14%.**

O VALOR MEDIANO DE INVESTIMENTO ANUAL DE **ORGANIZAÇÕES DE ORIGEM FAMILIAR** FOI DA ORDEM DE 5,7 MILHÕES DE REAIS, NUM TOTAL DE **386 MILHÕES DE REAIS EM DOAÇÕES EM 2018**

386 MILHÕES
EM DOAÇÃO DE ORGANIZAÇÕES DE ORIGEM FAMILIAR

TEMAS E PRIORIDADES PARA OS PRÓXIMOS ANOS

- Os investidores sociais familiares têm mais liberdade para assumir riscos e apostar em causas consideradas controversas. Os próximos anos requererão que as organizações familiares sejam laboratórios de inovação social, assumindo riscos e sendo indutoras de um modo de atuação mais colaborativo.
- As novas gerações das famílias estão conversando mais com seus pares e com a mídia, mas antigos desafios permanecem, como engajar mais membros da família.
- A exposição de visões e experiências de atores da filantropia familiar, falando de doação nos espaços em que circulam, é importante. A atitude mobilizadora requer, por um lado, deixar para trás a postura de caridade e a vergonha de falar sobre doação e, por outro, falar mais de responsabilidade, senso de cidadania, cultura de doação, impacto e transformação social.
- Ainda que as estratégias de investimento devam se alinhar a valores e interesses das famílias, é importante que o investimento social seja feito com aconselhamento de especialistas, lideranças e organizações de referência no tema e com foco em evidências científicas, de forma a certificar-se das realidades para as quais se destina o recurso filantrópico.
- A pandemia mostrou que é importante haver estruturação de longo prazo, mas, num país com as desigualdades sociais do Brasil, é necessário apoiar ações de emergência social simultaneamente.
- A filantropia precisa ser vista como jornada, como espaço de experimentação em que há tentativas e erros, testes, aprendizagem e mudanças de rota. O chamado às famílias é: comecem a fazer, observem o percurso e permitam que, com o tempo, haja melhor estruturação da prática.
- Famílias que quiserem fazer filantropia sem criar seus próprios institutos podem doar para OSC e outros *grantees* – há uma percepção de que famílias de fora do Brasil são mais *grantmakers* e, com a experiência da pandemia, a prática do *grantmaking* pode se difundir mais no

Brasil. Ou, ainda, criar outros mecanismos de mobilização de recursos, como fundos partilhados com outras famílias. É importante ter em vista que organizações familiares com pequenas estruturas e menor capacidade de investimento também podem gerar impactos relevantes.

- Investimentos sociais fora do eixo Rio-SP precisam florescer em todo o Brasil. Fora desse eixo, há um ecossistema de filantropia menos estabelecido, com movimentos ainda embrionários e que demanda mais atenção, retaguarda e impulsionamento.
- Doações são importantes estratégias de atuação e podem envolver diferentes tipos de contribuições. Mas é importante que haja construção de vínculos de confiança entre doadores e donatários para ampliar o escopo e o potencial das parcerias.

PARA SABER MAIS

- GIFE. Censo GIFE 2018. 2019.
- GIFE. Guia de tendências e práticas do investimento social familiar. 2017.
- GIFE. Investimento social familiar. 11º congresso GIFE. *webhour*. 2020.
- VELASCO, Ana; DEGENSZAJN, Andre; ROLNIK, Iara. Retratos do investimento social familiar no Brasil. GIFE, 2015.



CLIQUE NO
CONTEÚDO PARA
SABER MAIS

CLIQUE PARA
VOLTAR AO MENU



investimento social independente

Para potencializar a capacidade de mobilizar novos recursos privados para a produção de bem público, é preciso ampliar as possibilidades de engajamento por meio de novas arquiteturas, nas quais doadores (pessoas ou organizações), com mais ou menos recursos disponíveis e com graus muito diferentes de engajamento no universo filantrópico, se somem a iniciativas novas ou existentes.

O investimento social independente refere-se a um conjunto de organizações de perfis variados – não vinculados a uma única família ou empresa no que diz respeito a sua governança e fontes de recursos – que tem a importante função de trazer diversidade, em diferentes dimensões, à atuação da filantropia.

Fundos que se constituem como organizações são exemplos desse universo. As organizações comunitárias são um fenômeno global e também compõem o grupo de investidores sociais independentes. Por fim, temos visto surgir cada vez mais organizações criadas a partir de novas arquiteturas de mobilização de recursos que estimulam a doação nas situações cotidianas mais diversas e corriqueiras, como o arredondamento de centavos no caixa do supermercado, a compra de revistas ao pagar medicamentos em farmácias ou campanhas de doações via financiamento coletivo (*crowdfunding*).

DADOS DE CONTEXTO

INSTITUTOS E FUNDAÇÕES INDEPENDENTES REPRESENTAVAM



DOS ASSOCIADOS GIFE

INSTITUTOS E FUNDAÇÕES INDEPENDENTES REPRESENTAVAM 15% DOS ASSOCIADOS GIFE EM 2018, SENDO O PERFIL DE MENOR PRESENÇA ENTRE OS ASSOCIADOS. ESSA PORCENTAGEM TEM SE MANTIDO ESTÁVEL DESDE 2008.

O GRUPO DE INVESTIDORES SOCIAIS INDEPENDENTES

É RECONHECIDO COMO O QUE ACEITA

MAIS RISCOS

O GRUPO DE INVESTIDORES SOCIAIS INDEPENDENTES É RECONHECIDO COMO O QUE ACEITA MAIS RISCOS, POR ADMITIR MODALIDADES DIVERSAS DE INVESTIMENTO.

20%
DAS ORGANIZAÇÕES
ATUAVAM COMO
GRANTMAKERS

90%
DO ORÇAMENTO
FOI DESTINADO À
AÇÃO FINALÍSTICA

DAS ORGANIZAÇÕES DE FILANTROPIA E INVESTIMENTO SOCIAL INDEPENDENTES, 28% FINANCIAVAM ESSENCIALMENTE TERCEIROS, OU SEJA, ATUAVAM COMO GRANTMAKERS, E MAIS DE 90% DO SEU ORÇAMENTO FOI DESTINADO À AÇÃO FINALÍSTICA. PERCENTUALMENTE, ESTÉ É O SEGUNDO PERFIL COM MAIOR REPRESENTAÇÃO DO GRUPO ESSENCIALMENTE FINANCIADOR, ATRÁS APENAS DE EMPRESAS.

TEMAS E PRIORIDADES PARA OS PRÓXIMOS ANOS

- O significado de investimento social independente precisa ser disseminado, desvinculando o conceito de uma oposição à dependência e valorizando a importância da ampliação desse perfil de organização filantrópica.
- A governança independente permite maior autonomia para tomada de decisão e para definição de estratégias, com menor necessidade de atender a interesses específicos. Isso abre muitas possibilidades de inovação que precisam ser estimuladas e aproveitadas.
- A filantropia independente deve pensar em inovações e potencialidades. Esse é um motor fundamental para transformações. Isso pode ser feito sem que se descuide das agendas pautadas pela sociedade civil ou a partir da leitura do contexto.
- As boas práticas de investidores sociais independentes podem influenciar outros institutos e fundações e, por isso, precisam ser sistematizadas e disseminadas.
- A partir da experiência de alguns investidores independentes em estratégias de *grantmaking*, abre-se uma lista de oportunidades de novas práticas que, sistematizadas e disseminadas, podem contribuir para transformar a filantropia no Brasil em direção a um investimento social mais doador, incluindo:

- incorporação de estratégias de escuta e de transferência de poder em um horizonte colaborativo;
 - criação de modelos para estabelecer relações de confiança com as organizações e comunidades que recebem recursos, já que conhecem os locais em que atuam e favorecem maiores conexões fortes com a realidade;
 - o investimento independente precisa equilibrar confiança com monitoramento e avaliação. A confiança na organização escolhida deve guiar o investimento e os processos de monitoramento e avaliação devem ser desenhados em conjunto, de modo que faça sentido para todas as partes envolvidas;
 - mecanismos de apoio para grupos e comunidades excluídos são necessários, como movimentos e iniciativas sem CNPJ, adaptando os processos para o ponto de desenvolvimento e capacidades desses coletivos;
 - a ampliação da parceria com a sociedade civil inclui formações para que as organizações atuem de forma cada vez mais idônea e sustentável.
- Iniciativas de filantropia colaborativa são um caminho central para fortalecer organizações de filantropia independente, bem como para que organizações comunitárias possam mobilizar seus próprios recursos, criar fundos e sistemas de financiamento, somando-se assim ao universo do investimento social independente.
 - As fronteiras para a mobilização de novos recursos filantrópicos podem ser expandidas, abrindo possibilidades e experimentando novos mecanismos como *crowdfunding* (financiamento coletivo), *matchfunding* (doação cruzada), *blended finance*, fundos rotativos, *endowments* etc.
 - A redução de processos burocráticos pode deslocar a relação para uma maior responsabilidade compartilhada: desde a elaboração de relatórios que façam sentido para todas as partes e que possam retroalimentar as ações, até a criação de espaços de coparticipação e construção de agendas conjuntas, com multiplicidade de atores e interdependência.
 - Para que o investimento social independente possa crescer e aportar diversidade ao campo, é preciso que outros perfis de investidores sociais, bem como de doadores individuais, apoiem organizações de filantropia independente, como fundos temáticos e territoriais e organizações comunitárias. Potencializar as ações de organizações com perfil independente promove a entrada de novos atores no campo e aumenta a potência da filantropia e do investimento social brasileiros.

PARA SABER MAIS

- GIFE. Censo GIFE 2018. 2019.
- GIFE. Censo GIFE 2018: perfil dos respondentes.
- GIFE. Investimento social independente. 2014.
- GIFE. Investimento social independente: para fortalecimento e autonomia das organizações da sociedade civil. 2014.
- SAEZ, Erika Sanchez. Filantropia colaborativa. GIFE, 2020.



CLIQUE NO
CONTEÚDO PARA
SABER MAIS

CLIQUE PARA
VOLTAR AO MENU



investimento social empresarial

O investimento social empresarial é parte da origem e da história do GIFE e do próprio conceito de ISP no Brasil. As empresas e seus institutos e fundações são o grupo mais expressivo em termos de volume de investimento e número de organizações no investimento social brasileiro. Por conta disso, o GIFE se dedica a estudar esse perfil de investidor social – das tendências e práticas do investimento social empresarial ao tema do alinhamento entre o ISP e o negócio.

Um ambiente empresarial renovado, sintonizado à agenda dos ODS, que incorpore indicadores sociais e ambientais de longo prazo e se preocupe com a atuação da sua cadeia de fornecedores ganha amplitude pela demanda da sociedade e dos investidores.

DADOS DE CONTEXTO



NO CENSO GIFE 2018, 65% DOS RESPONDENTES ERAM DE ORIGEM EMPRESARIAL. E, DOS 3,25 BILHÕES DE REAIS INVESTIDOS EM 2018, QUASE 80% VIERAM DO INVESTIMENTO SOCIAL EMPRESARIAL. EM 2020, **85% DAS DOAÇÕES DIRIGIDAS PARA O ENFRENTAMENTO DA EMERGÊNCIA FORAM REALIZADAS PELO SETOR PRIVADO**, SEGUNDO O MONITOR DE DOAÇÕES COVID-19. ESSES NÚMEROS REVELAM A IMPORTÂNCIA DA ATUAÇÃO DESSE SETOR.

DOIS TIPOS DE ORGANIZAÇÕES

ESSE GRUPO É COMPOSTO POR **DOIS TIPOS DE ORGANIZAÇÕES: ÁREAS DAS EMPRESAS RESPONSÁVEIS PELO INVESTIMENTO SOCIAL** (FREQUENTEMENTE AS ÁREAS DE SUSTENTABILIDADE E RESPONSABILIDADE SOCIAL CORPORATIVA QUANDO EXISTENTES, MAS PODENDO SER TAMBÉM RECURSOS HUMANOS, COMUNICAÇÃO, RELAÇÕES INSTITUCIONAIS, **MARKETING**, ETC.); **E INSTITUTOS E FUNDAÇÕES EMPRESARIAIS**, CUJAS FORMAS DE ATUAÇÃO SÃO **MARCADAS POR DIFERENÇAS IMPORTANTES.**



TEMAS E PRIORIDADES PARA OS PRÓXIMOS ANOS

- O contexto da pandemia reforçou ainda mais que as empresas devem ser agentes de transformação da sociedade. Essa função social deve orientar sua atuação em todos os sentidos, reforçando as noções de valor público e propósito de atuação.
- Discussões e reflexões sobre a coerência da atuação para o funcionamento interno da empresa precisam ser feitas para evitar o distanciamento entre a proposta de atuação na sociedade e as práticas corporativas desenvolvidas, por exemplo na relação com os colaboradores. A aproximação entre o investimento social e as áreas de gestão de pessoas das empresas pode ampliar o compromisso social das pessoas.
- Para que o sentido público da atuação do ISP empresarial seja preservado e fortalecido, a aproximação e o alinhamento devem se basear em princípios sólidos de ética, governança, transparência, equidade social e sustentabilidade.
- Fortalecimento de agendas como gênero, raça e outras desigualdades, com ações externas e políticas internas que reforcem a atuação de empresas e do investimento social empresarial nesse sentido.
- Mobilização de novos atores empresariais para doação de recursos, de forma estratégica e de longo prazo, incluindo apoio a OSC, caminho que contribui com a defesa de causas sociais relevantes e fortalece a democracia.
- Atuação do investimento social empresarial enquanto *grantmaker*, apoiando o desenvolvimento de OSC com recursos desvinculados de projetos ou programas específicos. O repasse de recursos financeiros às OSC reconhece os conhecimentos e as capacidades específicos desses atores para lidar com os desafios dos territórios e permite que as organizações tomem decisões acerca da melhor gestão e alocação dos recursos. É o apoio institucional que permite à organização se desenvolver como um todo e olhar de maneira mais global para sua missão e estratégias de ação.
- Atuação alinhada a políticas públicas para ampliar o potencial de gerar resultados sistêmicos e relevantes, fortalecendo o sentido público do ISP. Essas estratégias podem ampliar o impacto social positivo das iniciativas e contribuir com o fortalecimento de instituições fundamentais para a cidadania e a democracia.

PARA SABER MAIS

- ABCR – Associação Brasileira de Captadores de Recursos. Monitor das doações.
- GIFE. Censo GIFE 2018. 2019.
- GIFE. Diálogos contemporâneos: nova economia e futuro do trabalho. 11º congresso GIFE: debate. 2020.
- GIFE. Empresas e sociedade: propósito, impacto e a busca por novos paradigmas. 11º congresso GIFE: mesa. 2020.
- GIFE. Guia de tendências e práticas do investimento social empresarial: 2017.
- GIFE. Nova economia, ESG, propósitos e valor público. 11º congresso GIFE: live. 2020.
- GIFE. Percursos e fronteiras para a filantropia e o investimento. 11º congresso GIFE: encontro de encerramento. 2020
- GIFE. Empresas, filantropia e impacto social. *Podcast GIFE. Fronteiras coletivas*, n. 2. 25 jan. 2021.
- OLIVA, Rafael. Alinhamento entre o investimento social privado e o negócio. GIFE, 2016.



CLIQUE NO
CONTEÚDO PARA
SABER MAIS

CLIQUE PARA
VOLTAR AO MENU



investimentos e negócios de impacto

As reflexões sobre a atuação das empresas na sociedade e sua corresponsabilidade pelos desafios coletivos, por um lado, e a busca por estratégias filantrópicas que enfrentem os desafios acumulados, por outro, aumentaram o interesse da filantropia pelo apoio a investimentos e negócios de impacto.

Em outubro de 2015, a Aliança pelos Investimentos e Negócios de Impacto, na época chamada Força Tarefa de Finanças Sociais, lançou uma publicação com 15 recomendações prioritárias para dar continuidade à consolidação do mercado de investimento de impacto. No ano seguinte, criou-se no GIFE a Rede Temática de Investimento e Negócios de Impacto. Em 2018, o GIFE lançou uma publicação que discute em profundidade a relação da filantropia com negócios de impacto.

Em 2020, a Aliança fez um balanço dos avanços e, com base em estudos, escutas e colaborações, 9 novas recomendações foram estruturadas para avançar na agenda de investimentos e negócios de impacto no Brasil até 2025.

DADOS DE CONTEXTO



SEGUNDO O ÚLTIMO CENSO GIFE, 26% DOS 133 INVESTIDORES SOCIAIS REPASSARAM RECURSOS PARA NEGÓCIOS DE IMPACTO OU ACELERADORAS E INTERMEDIÁRIAS DO CAMPO DE NEGÓCIOS DE IMPACTO.

O VOLUME DE RECURSOS REPASSADOS POR INSTITUTOS E FUNDAÇÕES AOS NEGÓCIOS DE IMPACTO AUMENTOU EM 2018. ENTRE OS INVESTIDORES SOCIAIS QUE AINDA NÃO SE ENVOLVIAM COM ESSA AGENDA, APENAS 18% NÃO TINHAM A INTENÇÃO DE ATUAR NO FUTURO.



FORAM REPASSADOS 117 MILHÕES DE REAIS PARA O ENVOLVIMENTO DO TEMA DE NEGÓCIOS DE IMPACTO SOCIAL 2018, SEJA PARA OS NEGÓCIOS DE IMPACTO DIRETAMENTE, EJA PARA OUTRAS FORMAS DE PROMOÇÃO DESSE TEMA.



INSTITUTOS E FUNDAÇÕES INDEPENDENTES SÃO OS QUE MAIS SE ENVOLVERAM COM NEGÓCIOS DE IMPACTO SOCIAL.



21%
NA FASE DE ORGANIZAÇÃO

25%
NAS FASES INICIAIS

18%
NA FASE DE PRÉ ESCALA E ESCALA

COM BASE NO MAPA DE NEGÓCIOS DE IMPACTO REALIZADO PELA PIPE SOCIAL, 21% DOS NEGÓCIOS DE IMPACTO SOCIAL NO BRASIL ESTÃO NA FASE DE ORGANIZAÇÃO DO NEGÓCIO, 25% ESTÃO NAS FASES INICIAIS, ENTRE A IDEIA E O PROTÓTIPO, E 18% ESTÃO NA FASE DE PRÉ ESCALA E ESCALA EM SI, COM EMPRESAS ESTRUTURADAS, PRONTAS PARA COMEÇAR OU AMPLIAR A ESCALA DE SEUS NEGÓCIOS.

TEMAS E PRIORIDADES PARA OS PRÓXIMOS ANOS

- A atuação e o investimento do ISP em organizações dinamizadoras e aceleradoras, dado seu papel estratégico na ampliação da infraestrutura de negócios de impacto, é fundamental. Conexões ampliadas com organizações de fomento a ecossistemas locais de impacto, que nascem em territórios vulnerabilizados e promovem empreendedorismo de base local, fortalecem o território e desenvolvem sistemas próprios de impacto e tecnologias sociais.
- Condições para que diferentes perfis de empreendedores tenham oportunidade, com ênfase em negros e mulheres, devem ser criadas e ampliadas, com mecanismos de fomento e acesso a mercados e capital para atender às suas necessidades.
- Fundos com lentes de gênero e raça e lentes específicas para comunidades, favelas e periferias têm potencial de ampliar a diversidade de empreendedores no ecossistema.
- Grupos estruturados como Aliança por Investimento e Negócios de Impacto, ENIMPACTO, SIMPACTO (em cada região) e FIIMP podem ter papel decisivo no avanço da regionalização e da interiorização dos negócios de impacto. É importante a participação de atores do ISP em coalizões que fomentem soluções estruturantes.

- A agenda deve estar atenta à realidade dos negócios de impacto: emergência de acesso à crédito, tratamento devido para empreendedores e trabalhadores em situações precarizadas, consideração de diferentes realidades regionais.
- Manutenção da atenção e apoio aos esforços para melhorar o ambiente legal e regulatório, de modo a torná-lo mais seguro e capaz de potencializar os negócios e sua relação com terceiros: financiadores, clientes, poder público etc.
- Para que os negócios de impacto estejam no *mainstream*, é oportuno falar sobre eles para um público mais amplo. As pessoas precisam saber que essa é uma opção de carreira, estimulando-as para olhar problemas socioambientais como empreendedores e empreendedoras. As empresas devem incluir na sua cadeia de valor soluções de impacto e os investidores precisam pensar em impacto.
- Investimento de longo prazo possibilita o crescimento das organizações e do setor, com ações que considerem ciclos mais longos, considerando que transformações sistêmicas precisam de pelo menos três anos.
- Linhas de financiamento para o fortalecimento institucional de organizações as ajudam a se desenvolver como instituição, dando conta, por exemplo, de sua folha de pagamento, estratégia de comunicação ou assessoria jurídica. A lógica de financiamento de projetos deve ser parcialmente substituída pela de fortalecimento e sustentabilidade da própria organização.
- Para a criação de indicadores e metas de avaliação e a mensuração de impacto dos negócios é necessário qualificar o diálogo e a ação com investidores, a fim de que os negócios de impacto evoluam.
- Alavancas para o ecossistema podem ser criadas com o uso de tecnologias, prática de gestão de impacto e comunicação para impacto.

PARA SABER MAIS

- ALIANÇA PELOS INVESTIMENTOS E NEGÓCIO DE IMPACTO. O ecossistema de investimentos e negócios de impacto entre 2015 e 2020. São Paulo, 2020.
- ALIANÇA PELOS INVESTIMENTOS E NEGÓCIO DE IMPACTO. Visões de futuro para a agenda de impacto no Brasil: recomendações para o avanço dos investimentos e negócios de impacto até 2025. São Paulo, 2021.

- ALIANÇA PELOS INVESTIMENTOS E NEGÓCIO DE IMPACTO. Recomendações até 2025.
- BRETAS, Gabriela. Olhares sobre a atuação do investimento social privado no campo de negócios de impacto. GIFE. 2018.
- CAMPOS, Julio Nunes. Conectando o investimento social privado aos negócios de impacto ambiental: o papel das organizações intermediárias. GIFE, 2020, v. 2, n. 2.
- FIIMP – Fundações e Institutos de Impacto. Nossa jornada de aprendizado em finanças sociais e negócios de impacto. São Paulo, 2018.
 - GIFE. Censo GIFE 2018. 2019.
 - GIFE. Censo GIFE 2018: infográfico.
- GIFE. Conheça 10 instrumentos financeiros inovadores para alavancar negócios de impacto. 2019.
- GIFE. Grupo de colaboração: investimentos e negócios de impacto social. 11º congresso GIFE. 2020.
- GIFE . Investimento de impacto: avaliação e perspectivas de futuro. 11º congresso GIFE. Semana do Investimento Social.
 - MINISTÉRIO DA ECONOMIA. Enimpecto.
- PATROCÍNIO, Fernanda. Guia rede temática de negócios de impacto do GIFE 2019. GIFE, 2019.
- PONTEAPONTE EMPREENDEDORISMO SOCIAL. Cenários e tendências sobre o campo de negócios de impacto e intermediários frente à Covid-19. GIFE, 2020
 - SUS – Sistema Único de Saúde. Simpacto. S.d.
 - PIPE SOCIAL. Mapa 2019. 2019.



CLIQUE NO
CONTEÚDO PARA
SABER MAIS

CLIQUE PARA
VOLTAR AO MENU



estratégias e práticas de atuação e gestão

Outro desafio permanente para a filantropia e o investimento social é o de mover sua atuação para práticas cada vez mais sólidas, efetivas, com impacto positivo e crescente.

Novas estratégias, arquiteturas, ferramentas e modos de fazer estão em constante atualização e aperfeiçoamento. A adoção de práticas de filantropia colaborativa e comunitária, a ampliação do *grantmaking*, a cooperação com a gestão pública, o desenvolvimento de práticas e cultura avaliativas, a produção e compartilhamento de aprendizados, a ampliação da capacidade de comunicação e de incidência na agenda pública e o aprimoramento dos processos de governança e gestão, e, sempre revisados e melhorados: a seguir apresenta-se os acúmulos produzidos em torno dessas frentes estruturantes para o desenvolvimento do setor.

filantropia colaborativa

O ecossistema da filantropia e do ISP no Brasil se ampliou e se desenvolveu, avançando na criação e adoção de práticas e capacidades. O campo diversificou-se, incorporando mais e novos atores de perfis variados.

Essas conquistas reforçam o sentido e a importância de pensar novas camadas e etapas de construção para a ação coletiva – no setor e na sociedade de forma ampla –, que estejam cada vez mais sintonizadas com as transformações, as demandas e os novos desafios que os contextos locais e global trouxeram nas últimas décadas.

Para isso, há oportunidades e espaços para transpor novas fronteiras também no que diz respeito à colaboração.

O conceito de filantropia colaborativa diz respeito à colaboração entre agentes doadores e refere-se ao conjunto de formas de colaboração em que há a participação de pelo menos dois atores da filantropia – doadores ou gestores de recursos filantrópicos. A filantropia colaborativa também envolve, necessariamente, cooperação no que concerne aos recursos financeiros requeridos na atuação nas esferas de colaboração: mobilização e/ou coordenação, alocação e/ou gestão de recursos financeiros privados para a produção de bem público.

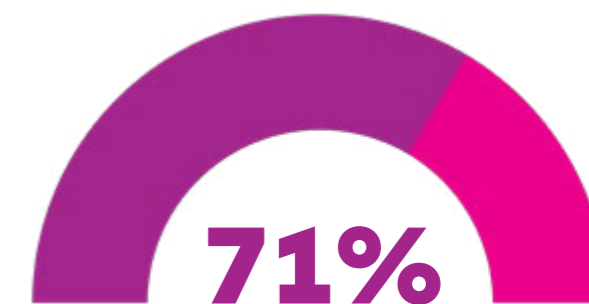
DADOS DE CONTEXTO

8%

NÃO PARTICIPAM DE REDES OU GRUPOS

APENAS 8% DOS 133 RESPONDENTES DO CENSO GIFE 2018 NÃO PARTICIPAM DE REDES OU GRUPOS. E METADE DAS ORGANIZAÇÕES PARTICIPAM EM MAIS DE UM ESPAÇO COLABORATIVO DE FORMA REGULAR.

INICIATIVAS DE COINVESTIMENTO FORAM DESENVOLVIDAS POR 71%, ENVOLVENDO OU NÃO APORTE DE RECURSOS FINANCEIROS.



FORMATOS RELACIONADOS À ATUAÇÃO EM REDE, NETWORKING E COMPARTILHAMENTO DE METODOLOGIAS E CONHECIMENTO SÃO MAIS PRESENTES DO QUE OS QUE ENVOLVEM APORTE OU RECEBIMENTO DE RECURSOS FINANCEIROS.



TEMAS E PRIORIDADES PARA OS PRÓXIMOS ANOS

- O ISP deve olhar para as novas possibilidades da filantropia colaborativa como uma oportunidade de trazer novas abordagens para os problemas estruturais e complexos da sociedade. E a colaboração tem muitos aspectos a serem constantemente alinhados, questionados e melhorados pelos atores do ISP.
- Visões diversas conjugadas e a perspectiva sistêmica permitem que cada parceiro aporte sua expertise. A colaboração pressupõe a inclusão de um arco de atores e a criação de mecanismos participativos, com base em processos claros, distribuição de responsabilidades, relações de confiança e boas práticas de gestão.
- Diversidade de atores na gestão e na governança dos projetos colaborativos contribui para enfrentar problemas complexos. As transformações sociais passam por trabalhar com quem é diferente e não apenas entre iguais, especialmente com grupos que, historicamente, têm menor poder econômico e político. É importante que o tema do poder seja enfrentado para garantir autonomia e potência dos projetos. Colaboração não é apenas dinheiro, é trazer rede, conexões e *expertise*.
- O engajamento de atores locais em iniciativas de filantropia colaborativa é desejável desde o planejamento, considerando modelos de conhecimento que levem em conta a territorialidade e os saberes locais. Os territórios são diferentes e saber ouvir e trabalhar com suas vozes é essencial.
- Novos fundos compartilhados e novos arranjos de doações e investimentos colaborativos, que escalem as soluções e o impacto, devem ser criados. Mais iniciativas temáticas de impulsionamento de causas e maior número de coalizões e outras iniciativas de colaboração em temas estruturantes no Brasil são necessárias.
- Institutos, fundações e OSC mobilizados para uma mesma agenda aumentam o poder de pressão junto ao poder público e a torna mais responsiva e efetiva: essa é uma das estratégias centrais para mudanças sistêmicas e em larga escala.
- Novos atores e recursos podem expandir o diálogo, com um arco maior de temas da agenda pública e iniciativas mais sustentáveis, eficientes e com maior impacto no longo prazo.

- Condições para uma ampla compreensão do valor agregado e de longo prazo da colaboração precisam ser criadas. O ISP deve fomentar projetos que já nasçam com uma proposta colaborativa e as organizações investidoras devem priorizar o apoio a iniciativas e projetos colaborativos em seus portfólios, envolvendo abordagem de longo prazo e de risco, construindo um novo padrão de colaboração.
- Zelo pela racionalidade dos resultados esperados e estratégias escolhidas, bem como na seleção de indicadores de resultado, evitam um investimento disperso que não reflita o potencial da ação convergente.
- Avanço nas experiências de filantropia colaborativa e revisão do modo de operação das organizações, investigando alguns temas importantes: o que os aprendizados da prática da filantropia colaborativa agregam e transformam nas organizações, nos projetos e nas suas equipes? Como os investidores sociais podem colaborar e combinar esforços de maneiras mais sofisticadas? Como criar oportunidades para que outros e novos atores, que não têm tamanho, recursos, porte ou disposição para criar organizações, possam somar?

PARA SABER MAIS

- GIFE. Censo GIFE 2018. 2019.
- GIFE. Censo GIFE 2018: colaboração e filantropia. 2019.
- GIFE. Filantropia colaborativa. 11º congresso GIFE: mesa. 2020.
- SAEZ, Erika Sanchez. Filantropia colaborativa. GIFE, 2020.



CLIQUE NO
CONTEÚDO PARA
SABER MAIS

CLIQUE PARA
VOLTAR AO MENU



filantropia comunitária

A filantropia comunitária é uma estratégia de atuação que inclui práticas para promover o engajamento das comunidades em iniciativas, de modo a deslocar o poder em sua direção, envolvendo-as de forma efetiva e corresponsabilizando-as pelos processos de elaboração e implementação de projetos e soluções, incluindo mobilizar e aportar doações e outros recursos necessários também entre os próprios atores da comunidade.

O termo também pode ser empregado para caracterizar um tipo específico de organização – instituições formais, independentes e de finalidade pública dedicadas a melhorar a vida das pessoas em uma área geográfica ou temática determinada. São instituições formadas por atores diversos da comunidade ou temática a que se dedicam e mobilizam recursos financeiros para apoiar iniciativas, lideranças ou organizações relevantes em suas comunidades.

Considerando as realidades comunitárias nas quais as iniciativas filantrópicas se desenvolvem, é importante reconhecer que as práticas de filantropia comunitária podem levar a diferentes arranjos contextualizados e adaptados às culturas e demandas. A premissa central é a não imposição de soluções de cima para baixo ou de fora para dentro, fortalecendo a centralidade dos atores e seu poder de produzir soluções para seus desafios, com intensa valorização de seus ativos.

DADOS DE CONTEXTO

SEGUNDO O CENSO GIFE 2018, **70% DOS INVESTIDORES SOCIAIS RESPONDENTES AFIRMAM QUE O "FORTALECIMENTO DE GRUPOS, COMUNIDADES E ORGANIZAÇÕES" ESTÁ ENTRE AS SUAS ESTRATÉGIAS DE ATUAÇÃO.**

70%

ENTRE INVESTIDORES EMPRESARIAIS COM AÇÕES VOLTADAS PARA O ATENDIMENTO DE UM TERRITÓRIO, **43% APOIAM COMUNIDADES NO ENTORNO DAS UNIDADES DAS EMPRESAS MANTENEDORAS.**

43%

DE ACORDO COM O MAPEAMENTO REALIZADO PELO COMMUNITY FOUNDATION ATLAS PROJECT (CFA, 2014), **HÁ 1.876 FUNDAÇÕES COMUNITÁRIAS NO MUNDO, DAS QUAIS MAIS DE 1.000 ESTÃO NA AMÉRICA DO NORTE. CONTUDO, MUITAS ORGANIZAÇÕES COMUNITÁRIAS NÃO SE RECONHECEM COMO TAL E NÃO SÃO FACILMENTE MAPEADAS, DE MODO QUE ESSE NÚMERO DEVE SER BEM MAIOR.**

HÁ **1.876** FUNDAÇÕES COMUNITÁRIAS NO MUNDO DAS QUAIS MAIS DE **1.000** ESTÃO NA AMÉRICA DO NORTE

NO ESTADO DE SÃO PAULO **28 ORGANIZAÇÕES CLASSIFICADAS COMO COMUNITÁRIAS.**

11 ORGANIZAÇÕES COMUNITÁRIAS

NA AMÉRICA LATINA CONSTAM APENAS **11 ORGANIZAÇÕES COMUNITÁRIAS** NESSE MAPEAMENTO GLOBAL, SENDO TRÊS NO BRASIL. JÁ O MAPEAMENTO REALIZADO PELO IDIS, **NO ESTADO DE SÃO PAULO, IDENTIFICOU PELO MENOS 28 ORGANIZAÇÕES QUE PODEM SER CLASSIFICADAS COMO COMUNITÁRIAS.**

NA AMÉRICA LATINA CONSTAM APENAS **11 ORGANIZAÇÕES COMUNITÁRIAS** NESSE MAPEAMENTO GLOBAL, SENDO TRÊS NO BRASIL. JÁ O MAPEAMENTO REALIZADO PELO IDIS, **NO ESTADO DE SÃO PAULO, IDENTIFICOU PELO MENOS 28 ORGANIZAÇÕES QUE PODEM SER CLASSIFICADAS COMO COMUNITÁRIAS.**

TEMAS E PRIORIDADES PARA OS PRÓXIMOS ANOS

- Com potencial de transformar realidades, é fundamental que investidores se aproximem da filantropia comunitária, invistam em novas experiências e sejam capazes de dar maior visibilidade a essa atuação.
- O apoio da filantropia é decisivo para comunidades, organizações comunitárias e movimentos sociais alavancarem e fortalecerem suas experiências e capacidades. Tais apoios devem vir acompanhados de um foco genuíno no fortalecimento dos territórios e públicos, tornando-os protagonistas e dando-lhes autonomia.
- A ampliação da escuta ativa por parte das organizações do ISP em relação às comunidades com as quais trabalham valoriza seus saberes e modos de produção, bem como permite compreender os recursos e as culturas locais. Para isso, é necessário estimular o diálogo franco e acolhedor entre os atores, investindo em construir relações de confiança com os agentes no território em que se deseja atuar.
- Para conexões mais horizontais entre doadores, equipes das organizações de filantropia e membros das comunidades em que se atua, é preciso dar voz à diversidade de atores nos territórios, que não pode ser representada por uma única liderança local.
- A ampliação da filantropia comunitária pressupõe a criação de condições necessárias para que haja diversidade e participação de grupos vulneráveis, de mulheres e negros na construção das práticas nos territórios. É preciso criar condições para participação social, bem como garantir a existência de instâncias decisórias e deliberativas com todas essas vozes. Questões relacionadas à governança são centrais para construir estratégias sólidas de filantropia comunitária.
- A adoção de estratégias de *grantmaking* e a reflexão sobre sua implementação são fundamentais para expandir as práticas de filantropia comunitária, pois permitem transferir recursos para os territórios, empoderar organizações e coletivos locais, atender suas demandas e fortalecer o seu tecido social. O *grantmaking* sinaliza a disposição do investidor para absorver as proposições dos atores e respeitar as demandas e necessidades das organizações de base comunitária.
- Os *grantmakers* precisam atuar de modo a rever ou recalibrar a métrica do que é considerado sucesso ou eficiência. O foco deve estar na oportunidade de alavancar as comunidades, assim como em aumentar a permanência e o legado do que é doado.

- *Grantmakers* devem encontrar formas mais dinâmicas de financiar comunidades e movimentos, flexibilizando a exigência de que se constituam como OSC. É importante diminuir entraves burocráticos decorrentes dessa personificação jurídica, além de manter a essência original pela qual trabalham as organizações comunitárias e movimentos.
- Soluções para as comunidades devem buscar um equilíbrio entre ações estruturantes (formação, governança, infraestrutura, comunicação, gestão estratégica, avaliação) e ações emergenciais.
- Relações de longo prazo favorecem o alcance de resultados e reduzem os custos de transação. Na medida em que novos projetos requerem maior tempo de aproximação, diálogo e pactuação, é oportuno criar relações e iniciativas de longo termo, bem como estar atento a outras iniciativas já existentes nos territórios, que podem funcionar como porta de entrada para se aproximar das comunidades.
- A filantropia comunitária precisa criar mecanismos que favoreçam o diálogo permanente e que sejam capazes de ultrapassar aspectos cosméticos dos problemas, aprofundando nas questões fundamentais de cada comunidade. Do mesmo modo, é preciso considerar que mudanças repentinas do eixo de atuação dos investidores devem ser pensadas com cuidado, já que podem romper apoios ainda incipientes e comprometer a sustentabilidade das ações e organizações comunitárias
- Não é somente o apoio financeiro que importa. Para o desenvolvimento e fortalecimento de movimentos, também é importante o fortalecimento de capacidades institucionais: apostar na construção de capacidades locais para fomentar a formalização de iniciativas; desenvolver estratégias de mobilização de recursos; e fomentar a percepção de corresponsabilidade das comunidades pela mobilização de recursos de fontes variadas.
- A articulação e o diálogo com o poder público são essenciais para o trabalho da filantropia comunitária. É dessa relação que podem ser criadas condições de maior sustentabilidade das mudanças almejadas e de maior abrangência das ações e garantia de direitos.
- Em um contexto de estigmatização e criminalização de grupos vulneráveis, é ainda mais importante a presença da filantropia, pois o convívio entre diferentes classes sociais também serve de rede de proteção para esses grupos. Estratégias de filantropia comunitária contribuem para a busca de aprendizado mútuo, em que diferentes Brasis podem trabalhar juntos em prol de um propósito comum. E dessa relação podem nascer tecnologias sociais replicáveis.

PARA SABER MAIS

- CANDID. What is a community foundation? Where can I learn more about them? 2020.
- CFA – Community Foundation Atlas. Community Foundation Atlas Project. 2014.
- CFC – Community Foundations of Canada. What is a community foundation? 2018
- CHARLES STEWART MOTT FOUNDATION; IDIS – Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social. Filantropia comunitária: terreno fértil para o desenvolvimento social. 2019.
- DOAN, Dana R. H. What is community philanthropy? A guide to understanding and applying community philanthropy. Global Fund for Community Philanthropy, 2019.
- GIFE. Censo GIFE 2018. 2019.
- GIFE . Cooperação e desenvolvimento territorial. 11º congresso GIFE. Série Pautas ISP. 2020.
- HOPSTEIN, Graciela. Expandindo e fortalecendo a filantropia comunitária no Brasil. Rede de Filantropia para Justiça Social, 2019.
- GIFE . Filantropia e movimentos sociais. 11º congresso GIFE: Série Pautas ISP.
- POND, Anna. HODGSON, Jenny. Como a filantropia comunitária transfere o poder. São Paulo, 2018.
- SAEZ, Erika Sanchez. Filantropia colaborativa. GIFE, 2020.



CLIQUE NO
CONTEÚDO PARA
SABER MAIS

CLIQUE PARA
VOLTAR AO MENU



grantmaking e fortalecimento da sociedade civil

Historicamente, a filantropia e o ISP brasileiro, enquanto setor, concentram-se na execução de projetos próprios. Para estratégias de repasse de recursos financeiros para terceiros, via doação, o termo amplamente utilizado na filantropia em âmbito internacional é *grantmaking*.

Nos últimos anos, o padrão de atuação vem mudando em direção a um investimento social mais doador. Para além dos números, as reflexões sobre como fazer *grantmaking* ganharam espaço e importância.

Durante a pandemia, o contexto emergencial deu tração a esse movimento. Além disso, a experiência na ação emergencial de enfrentamento à Covid-19, devido à urgência e velocidade de resposta, também modificou a forma de fazer *grantmaking*: houve maior flexibilidade, simplificação de processos, menos controle e mais autonomia para as OSC.

No entanto, há muito que avançar. Ainda que tenham sido fundamentais na resposta à emergência, as OSC foram profundamente afetadas pela pandemia e o tema de sua mortalidade, ou "extinção em massa" de *grantees* (DALBERG, 2020), apareceu, em 2020, como grande preocupação dos envolvidos no terceiro setor.

DADOS DE CONTEXTO

SEGUNDO DADOS DO CENSO GIFE (2018), 23% DAS ORGANIZAÇÕES RESPONDENTES ERAM ESSENCIALMENTE FINANCIADORAS, 40% ESSENCIALMENTE EXECUTORAS E 38% HÍBRIDAS – UTILIZAVAM AS DUAS ESTRATÉGIAS NOS SEUS DIFERENTES PROJETOS E PROGRAMAS.

AS ORGANIZAÇÕES RESPONDENTES SÃO



O CENSO GIFE 2018 APONTOU UM CRESCIMENTO DE ORGANIZAÇÕES QUE DOARAM RECURSOS FINANCEIROS PARA TERCEIROS, PASSANDO DE 21% EM 2016 PARA 35% EM 2018 E DOBRANDO O VOLUME DOADO (DE 595 MILHÕES DE REAIS PARA 1,1 BILHÃO DE REAIS).

DURANTE A PANDEMIA, O CONTEXTO EMERGENCIAL DEU TRAÇÃO A ESSE MOVIMENTO. PELA PRIMEIRA VEZ, A UTILIZAÇÃO DE ESTRATÉGIAS DE GRANTMAKING PREVALECEU EM RELAÇÃO À OPÇÃO PELA EXECUÇÃO DE INICIATIVAS PRÓPRIAS: 59% DOS RESPONDENTES DA PESQUISA EMERGÊNCIA COVID-19 (GIFE, 2020) UTILIZARAM ESTRATÉGIAS DE FINANCIAMENTO DE INICIATIVAS DE TERCEIROS E 50% REALIZARAM PROJETOS PRÓPRIOS.

59%

UTILIZARAM ESTRATÉGIAS DE FINANCIAMENTO DE INICIATIVAS DE TERCEIROS

50%

REALIZARAM PROJETOS PRÓPRIOS



EM MAIO DE 2020, 46% DAS OSC RESPONDENTES DO ESTUDO IMPACTO DA COVID-19 NAS OSC BRASILEIRAS AFIRMARAM TER ORÇAMENTO DISPONÍVEL PARA OPERAR POR, NO MÁXIMO, MAIS TRÊS MESES. ENQUANTO SOMENTE 9% APONTARAM CONSEGUIR ANTEVER DISPONIBILIDADE ORÇAMENTÁRIA PARA MAIS DE 12 MESES DE OPERAÇÃO.

TEMAS E PRIORIDADES PARA OS PRÓXIMOS ANOS

- Necessidade de ampliação do perfil doador do ISP e da filantropia no Brasil, com mais organizações adotando o *grantmaking* como estratégia e maior volume de recursos doados para OSC e outros tipos de donatários/ organizações apoiadas.
- A continuidade do trabalho de difusão de estratégias de *grantmaking* entre os investidores sociais, especialmente para o fortalecimento das OSC, é uma premissa de transformação.
- Projetos podem ser construídos em conjunto com os parceiros, trabalhando a partir da troca ao invés de apenas com a transferência de recursos. É preciso focar na aprendizagem e no potencial de transformação conjunta. Isso requer um estreitamento da relação e ampliação do diálogo entre financiadores e donatários.
- A relação com as organizações apoiadas precisa ter a confiança como base, valorizando a competência das OSC e seus valiosos capitais imateriais.
- Os aprendizados obtidos ao longo da resposta à pandemia precisam ser integrados para seguir simplificando as doações. As ações emergenciais em 2020, como foco na resolução rápida de problemas, permitiram desenvolver instrumentos jurídicos mais simples, flexibilizar processos e protocolos, agilizar as aprovações internas e o repasse de *grants*, aumentar o prazo para prestação de contas e diminuir o rigor técnico no monitoramento, obter maior liberdade para realocar recursos nas rubricas orçamentárias etc.

- A liberdade de alocação de recursos de organizações apoiadas deve ser ampliada. Isso não significa entregar todo o recurso para uso livre da organização doadora, mas sim criar canais de diálogo e processos de comunicação contínua. Ao mesmo tempo, é evidente a necessidade de definir uma porcentagem relevante em qualquer doação como recurso livre ou irrestrito, de forma que as OSC possam utilizá-lo para cobrir custos fixos, operacionais, logísticos e despesas não previstas.
- Relações mais horizontais e menos hierárquicas entre financiadores e *grantees*, colocam o poder de alocação de recursos nas mãos dos que são diretamente afetados pelos problemas que os recursos pretendem resolver, como preconizam movimentos como *#ShiftThePower* ("transferir o poder", em tradução livre) (GFCF, 2018).
- O financiamento com foco institucional para OSC deve combinar apoio operacional geral com fortalecimento de competências. O setor precisa compreender que as OSC são formadas por pessoas que precisam ser remuneradas e que gastos com aluguel, banco, internet, luz e água são despesas diretamente vinculadas à capacidade de a organização cumprir sua missão.
- Recursos doados para ações de fortalecimento institucional das organizações devem estar de acordo com as necessidades por elas identificadas e com o seu ponto de desenvolvimento interno. Exemplos de recursos dirigidos ao fortalecimento institucional das organizações são: criação ou desenvolvimento de uma área ou de estratégias de captação de recursos; programas de formação em gestão nos mais diversos temas – financeira, de pessoas, técnica; doações para criar estruturas e garantir as ferramentas necessárias para uma atuação mais virtual.
- As crises têm mostrado a importância da sociedade civil organizada nos territórios e que é preciso fortalecer organizações comunitárias, de base, movimentos sociais, coletivos e grupos sem CNPJ para além do contexto emergencial.
- Investidores sociais com mais experiência, tempo de atuação ou com uma reflexão e consciência mais amadurecida sobre o papel da sociedade civil podem inspirar e contribuir para articular o campo do ISP, atraindo novos doadores, gerando experiência e conhecimento que apontem a importância do *grantmaking*.
- As organizações de ISP precisam avançar no uso de dados e evidências, conhecer os grupos e as OSC que atuam em dado território, saber o que já alcançaram de resultados, como se relacionam com o poder público etc., para entender melhor as necessidades e serem mais efetivas nos resultados de *grantmaking*.
- O ISP precisa ampliar a diversidade de perfis de organizações que recebem os recursos e outros tipos de apoio da filantropia. Para tanto, é preciso considerar a possibilidade de descentralizar doações, visto que as desigualdades regionais no Brasil são enormes e há OSC precisando de financiamento em todas as regiões.

- O *grantmaking* também pode ser usado como estratégia de fortalecimento de políticas públicas, apoiando a construção de soluções mais estruturantes em parceria com a gestão pública.

PARA SABER MAIS

- CITI FOUNDATION; SYNERGOS. Financiamento baseado em relações de confiança: análise sobre a importância do financiamento operacional geral e do desenvolvimento de competências institucionais. 2020.
- DALBERG. The impact of covid-19 on the global philanthropic sector: CEO barometer survey and deep-dive interview result. 5 jun. 2020.
- GFCF – Global Fund Community Foundations. What we stand for.
 - GIFE. Censo GIFE 2018. 2019.
 - GIFE. Emergência Covid-19. S.d.
- GIFE. Filantropia e movimentos sociais. 11º congresso GIFE. Série Pautas ISP.
- GIFE. Financiamento baseado em relações de confiança. 11º congresso GIFE: debate. 2020.
 - GIFE. GrantLab. S.d.
 - GIFE. Grupo de colaboração: grantmaking. 11º congresso GIFE: oficina. 2020.
- GIFE. Grupo de colaboração: grantmaking: sistematização. 11º congresso GIFE. 2020.
- MOBILIZA; REOS PARTNERS. Impacto da COVID-19 nas OSCs brasileiras: da resposta imediata à resiliência. 2020.
- POLAZ, Karen. Boas práticas na relação entre financiadores e donatários. Notas Técnicas. GIFE, 2020.
 - SAEZ, Erika Sanchez. Filantropia colaborativa. GIFE, 2020.



CLIQUE NO
CONTEÚDO PARA
SABER MAIS

CLIQUE PARA
VOLTAR AO MENU



cooperação com a gestão e políticas públicas

A relação e a interface entre o ISP e o setor público no Brasil é histórica, por razões como o interesse por ganho de escala e capilaridade dos projetos, a conferência de legitimidade à ação filantrópica e o desejo de desenvolvimento de uma comunidade da qual a gestão pública local constitui-se como um de seus principais agentes.

Mediante os desafios que se colocam e que ainda estão por vir no pós-Covid, a importância da colaboração com a gestão pública é evidente. Em qualquer agenda de atuação, o montante de recursos do ISP – ainda que seja um montante significativo – é irrisório se comparado aos orçamentos alocados para a implementação de políticas públicas efetivas. Os recursos filantrópicos, portanto, precisam ser direcionados de forma estratégica a fim de, por um lado, potencializar os demais investimentos estatais e, por outro, fortalecer as capacidades institucionais do próprio setor público.

DADOS DE CONTEXTO

ATORES DA GESTÃO PÚBLICA CORRESPONDEM AO SEGUNDO PRINCIPAL TIPO DE PARCEIRO DO ISP PARA IMPLEMENTAÇÃO DE PROJETOS, PRÓXIMO ÀS OSC, QUE APARECEM EM PRIMEIRO LUGAR, DE ACORDO COM O CENSO GIFE 2018. SÃO **80% DOS INVESTIDORES SOCIAIS QUE ADOTARAM ESTRATÉGIAS DE APROXIMAÇÃO COM POLÍTICAS PÚBLICAS.**



A PRINCIPAL VIA DE APROXIMAÇÃO E ALINHAMENTO SE DEU POR MEIO DAS ESTRATÉGIAS DE **RECONHECIMENTO DE POLÍTICAS SETORIAIS PARA PÚBLICOS OU TEMAS ESPECÍFICOS, BEM COMO DE AÇÕES DE FORMAÇÃO/ CAPACITAÇÃO DE GESTORES PÚBLICOS (AMBAS COM 44%).**

O ALINHAMENTO COM POLÍTICAS PÚBLICAS ACONTECE MAIS NA ESFERA MUNICIPAL



O ALINHAMENTO COM POLÍTICAS PÚBLICAS ACONTECE MAIS NA ESFERA MUNICIPAL DO QUE NOS NÍVEIS ESTADUAL E FEDERAL. DOS INVESTIDORES SOCIAIS, 13% TÊM ESTRATÉGIAS DE ALINHAMENTO COM POLÍTICAS PÚBLICAS APENAS NO NÍVEL MUNICIPAL.

MOROSIDADE, DESCONTINUIDADE DE AÇÕES E EXCESSO DE BUROCRACIA SÃO AS PRINCIPAIS DIFICULDADES NA APROXIMAÇÃO DOS INVESTIDORES SOCIAIS COM AS POLÍTICAS PÚBLICAS.

- MOROSIDADE
- DESCONTINUIDADE DE AÇÕES
- EXCESSO DE BUROCRACIA

SÃO AS PRINCIPAIS DIFICULDADES NA APROXIMAÇÃO COM AS POLÍTICAS PÚBLICAS



TÊM ÓRGÃOS, SERVIÇOS OU PROGRAMAS DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA COMO **BENEFICIÁRIOS DIRETOS** DOS PROJETOS/PROGRAMAS MAIS **REPRESENTATIVOS**

DAS ORGANIZAÇÕES, **10% TÊM ÓRGÃOS, SERVIÇOS OU PROGRAMAS DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA COMO BENEFICIÁRIOS DIRETOS** DE PELO MENOS UM DOS TRÊS **PROJETOS/PROGRAMAS MAIS REPRESENTATIVOS.**

TEMAS E PRIORIDADES PARA OS PRÓXIMOS ANOS

- Tendo em vista o anseio do ISP em promover transformações de longo prazo nas realidades socioambientais, continua importante discutir a capacidade e resiliência da filantropia em se manter sustentável no longo prazo, apostando em agendas estruturantes articuladas a políticas públicas
- Embora em franco crescimento, formatos colaborativos são ainda pouco explorados e testados, como redes, alianças, coalizões etc. Em busca de melhor governança para os projetos, esses formatos devem ser perseguidos e estudados.
- A identificação dos modos como os atores do poder público percebem e reconhecem as possibilidades de cooperação com o ISP pode mostrar novas sinergias possíveis, ainda ignoradas pelo setor. Importante que isso seja feito em interlocução com a alta gestão pública, mas também com técnicos de nível tático-operacional, essenciais ao desenvolvimento das iniciativas e, muitas vezes, responsáveis diretos por sustentá-las.
- A escuta da população beneficiária das ações, programas e serviços, buscando alternativas que fortaleçam a participação e o controle social nas localidades, ajuda a promover a cidadania, no sentido de participação e de uma cultura democrática.
- Pesquisas, eventos e diálogos que revelem como os atores do poder público percebem e reconhecem as possibilidades de cooperação com o ISP também podem auxiliar a identificar sinergias possíveis, demandas e oportunidades de trabalho conjunto.
- Na medida em que ainda é difícil alcançar consensos sobre a interface entre ISP e gestão pública, são bem-vindas práticas de sistematização de experiências, modelagens de parcerias e outras conexões possíveis, com vistas a produzir conhecimento nessa aproximação, inclusive com o apoio da academia.
- É oportuno pensar novos vetores de indução de modelos de financiamento de projetos, tais como fundos garantidores para potencializar as ações e fundos de desenvolvimento, mecanismos que podem angariar novas parcerias, favorecer inovações e dar maior perenidade às experiências.

- O desenho de critérios que assegurem que o investimento apoie quem mais precisa é importante para desconcentrar geograficamente os recursos e fortalecer capacidades institucionais de estados e prefeituras em regiões com aparato estatal mais frágil.
- A conexão entre atores, ampliando diálogo com gestores públicos parceiros e organizações representativas da gestão pública – tais como CONASEMS, CONGEMAS, UNDIME, CNM –, bem como a expansão do leque de atores institucionais com quem o ISP pode se relacionar – por exemplo, o Fórum de Governadores da Amazônia e Consórcio Nordeste – implica novas concepções de governança a serem absorvidas e novos aprendizados.
- Quanto a agendas específicas de fortalecimento da gestão pública, é oportuno investir em: apoio ao equilíbrio fiscal em gestões municipais; fortalecimento das capacidades de gestão (sistemas, processos, procedimentos, gestão de dados, informações e tecnologia, recursos humanos etc.); incorporação dos recortes de minorias na formulação e implementação de políticas públicas (adotando a perspectiva de transversalidade, por exemplo como incorporar práticas e concepções de direitos humanos nas ações de educação, saúde, assistência social, atuação das polícias etc.).

PARA SABER MAIS

- GIFE. Censo GIFE 2018: alinhamento do ISP às políticas públicas. 2019.
 - GIFE. Censo GIFE 2018. 2019.
- GIFE. Grupo de colaboração: cooperação com a gestão pública. 11º congresso GIFE: palestra. 2020.



CLIQUE NO
CONTEÚDO PARA
SABER MAIS

CLIQUE PARA
VOLTAR AO MENU



avaliação e impacto

Fomentar a cultura avaliativa entre os atores da filantropia e do investimento social é uma agenda sempre atual do setor. Muito se avançou no tema nos últimos anos.

No entanto, há ainda muito espaço para a qualificação e a disseminação das práticas de monitoramento e avaliação no ISP e nas organizações da sociedade civil em geral. As organizações esbarram em dificuldades para desenvolverem uma boa avaliação, como os custos e a dificuldade para definir e mensurar resultados e impactos.

Por meio de processos avaliativos, identificam-se erros, acertos, mudanças geradas, impactos, caminhos possíveis para o aprimoramento das iniciativas etc. Além disso, as avaliações são potentes ferramentas para promover aprendizagem e para auxiliar na tomada de decisão.

Desde 2019, a Agenda Avaliação, criada pelo GIFE, tem abrigado debates e produções referentes a essa temática no campo do ISP, em articulação com outros atores importantes, trabalhando por uma maior cultura avaliativa junto a institutos, fundações e empresas.

DADOS DE CONTEXTO

AVALIAÇÃO DE PROJETOS É MAIS FREQUENTE DO QUE AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL: DOS RESPONDENTES DO CENSO GIFE 2018, **80% DAS ORGANIZAÇÕES DECLARARAM AVALIAR SEUS PROGRAMAS E PROJETOS MAIS REPRESENTATIVOS, ENQUANTO 62% AFIRMARAM TAMBÉM FAZER ALGUM TIPO DE AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL.**

80%

DAS ORGANIZAÇÕES DECLARARAM AVALIAR SEUS PROGRAMAS E PROJETOS MAIS REPRESENTATIVOS

64% AFIRMARAM TAMBÉM FAZER ALGUM TIPO DE AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL

FORMAS MAIS COMUNS DE PRÁTICAS AVALIATIVAS:

90% RELATÓRIOS PERIÓDICOS DE ANDAMENTO DOS PROJETOS

70% MATRIZ DE INDICADORES

66% DIAGNÓSTICO INICIAL, MARCO ZERO OU LINHA DE BASE

SEGUNDO OS RESULTADOS DO CENSO GIFE 2018, **AS FORMAS MAIS COMUNS DE IMPLEMENTAÇÃO DE PRÁTICAS AVALIATIVAS FORAM: RELATÓRIOS PERIÓDICOS DE ANDAMENTO DOS PROJETOS (90% DOS PROJETOS REGISTRADOS DENTRE OS TRÊS PRIORITÁRIOS DAS ORGANIZAÇÕES), MATRIZ DE INDICADORES (70%) E DIAGNÓSTICO INICIAL, MARCO ZERO OU LINHA DE BASE (66%).**

PARA OS RESPONDENTES, O OBJETIVO PRIORITÁRIO AO SE FAZER AVALIAÇÕES FOI: APRENDER SOBRE O PROGRAMA OU PROJETO (80%), NECESSIDADE DE RELATAR AO CONSELHO E/OU A APOIADORES (80%), OBJETIVOS RELACIONADOS À APRENDIZAGEM PARA A ORGANIZAÇÃO E PARA O PRÓPRIO PROJETO OU PROGRAMA (79%).

OBJETIVO PRIORITÁRIO AO SE FAZER AVALIAÇÕES:

80% APRENDER SOBRE O PROGRAMA OU PROJETO
80% RELATAR AO CONSELHO E/OU A APOIADORES
79% APRENDIZAGEM PARA A ORGANIZAÇÃO

TEMAS E PRIORIDADES PARA OS PRÓXIMOS ANOS

- Na conjuntura atual, decidir com base em evidências é ainda mais importante frente à aparição de movimentos e forças contrários a pautas de promoção e defesa da agenda pública, da cidadania e da cultura democrática. Ao mesmo tempo em que isso impõe dificuldades, desafia a busca de soluções para os problemas da sociedade contemporânea. E assim, o desenvolvimento de uma cultura de práticas avaliativas é indispensável para buscar respostas para os desafios do nosso tempo, bem como para o próprio fortalecimento da filantropia no Brasil.
- A máxima entre avaliadores é: "O que não se pode medir, não se pode melhorar". Tal enunciado, apesar de simples, é elucidativo: é necessário que as organizações realizem avaliações, independentemente dos métodos, ferramentas e instrumentos utilizados, pois a prática leva ao aprimoramento e isso ajuda a organização a reunir maiores ganhos de eficiência quanto à produção de bens públicos.
- Clareza de onde a organização quer chegar, do que está sendo feito e do que se quer investigar, com disposição para se deparar com eventuais erros que estejam sendo cometidos, deve ser buscada. O registro e a sistematização de processos e atividades ajudam a aprimorar a capacidade reflexiva da organização; geram aprendizagem para dirigentes e equipes; ao longo do tempo, promovem avanços nas práticas de monitoramento e avaliação; e facilitam a comunicação com o grupo de *stakeholders* da organização.
- Com vistas a sensibilizar diferentes públicos para a agenda em questão, é preciso pensar estrategicamente a comunicação do impacto avaliado, adaptando-a a públicos específicos: cada *stakeholder* tem linguagens próprias e interesses diferentes, o que requer um zelo específico.

- O uso de macroindicadores que oferecem uma visão sistêmica da área e/ou temática em que a organização atua pode auxiliar no desenho de estratégias em microescala e permitir identificar lacunas, que podem orientar o aporte de recursos em determinadas frentes de atuação.
- Articulação dos atores do campo para gerar e disponibilizar mais dados, indicadores e métricas é essencial: bases de dados conjuntas, que possam ser alimentadas por diversas organizações, que permitam o compartilhamento de dados e se tornem fonte de informações sobre o campo.
- Quanto mais as organizações do campo deixarem de buscar resultados de curto prazo por meio de ações isoladas, melhor será o benefício das ações da organização para a sociedade e mais amplo será o legado e o impacto efetivo delas.
- Para que a agenda avaliativa avance nos próximos anos, é preciso evoluir nas práticas de aprendizagem – com a incorporação de saberes e o compartilhamento de fazeres e práticas para circulação do conhecimento reunido – e nas de escalabilidade – como modo de reconhecer fatores que alavancam as iniciativas.
- Evidências mostram que o setor começa a viver uma transição em favor da criação de condições e capacidades reais de atuação conjunta em avaliação em diversas frentes e agendas.

PARA SABER MAIS

- GIFE. Agenda de avaliação. s.d.
- GIFE. Censo GIFE 2018. 2019.
- GIFE. Censo GIFE 2018: monitoramento e avaliação no ISP. 2019.
 - GIFE. Materiais de referência. s.d.
- GIFE. Oficina avaliação. 11º congresso GIFE. 23 fev. 2021.
- GIFE. Rubricas avaliativas: marco de análise das iniciativas de enfrentamento aos efeitos da Covid-19. s.d.
 - RBMA – Rede Brasileira de Monitoramento e Avaliação. Página inicial. s.d.



CLIQUE NO
CONTEÚDO PARA
SABER MAIS

CLIQUE PARA
VOLTAR AO MENU



comunicação e advocacy

Comunicação de causas e construção de narrativas engajadoras são uma fronteira importante para caminhar na direção de maior impacto nas agendas com as quais se atua, bem como no próprio fortalecimento da ação coletiva e cidadã, incluindo a valorização do ISP e da filantropia e da sociedade civil de forma ampla.

Expressões como “furar a bolha” e aprender a comunicar-se “com quem pensa diferente” tornaram-se comuns nas reflexões do campo. As profundas transformações que as redes sociais e outros instrumentos trazidos pela tecnologia incitam a rever afetam profundamente as estratégias de comunicação.

A pandemia soma-se a tudo isso como mais um ingrediente. Com os enormes desafios que já se colocam e que ainda estão por vir no pós-Covid, a preocupação de diversos atores do campo da filantropia e do ISP é o de não regredir nos avanços conquistados coletivamente pela sociedade brasileira. Não por acaso, em 2020 o *advocacy* esteve mais presente no debate interno das organizações e ganhou mais destaque estratégico no ISP, mostrando que o campo precisa valer-se da influência e dos espaços aos quais tem acesso para investir, fortalecer e incidir em políticas públicas.

Ações de *advocacy* ou incidência pública são aquelas voltadas a identificar, adotar e promover uma causa junto ao poder público (no âmbito do legislativo, executivo ou judiciário) ou via percepção pública, caminhando de mãos dadas com estratégias potentes de comunicação e mobilização social.

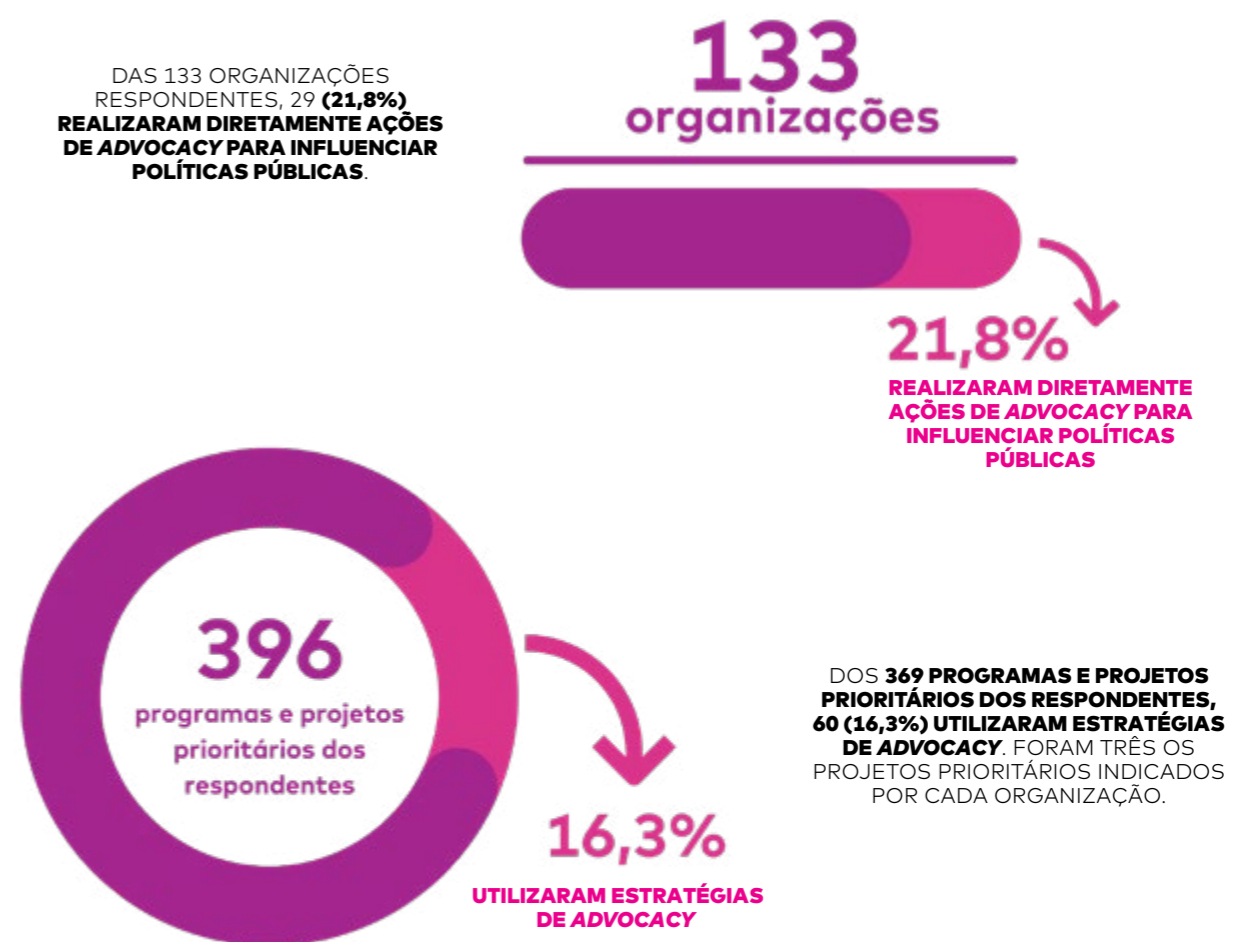
DADOS DE CONTEXTO

DOS RESPONDENTES DO CENSO GIFE 2018, **44% UTILIZARAM COMO ESTRATÉGIA A COMUNICAÇÃO A SERVIÇO DE CAUSAS OU GRUPOS POPULACIONAIS ESPECÍFICOS E 17% DOS INVESTIDORES SOCIAIS TIVERAM PROJETOS OU PROGRAMAS COM FOCO, PRIORITÁRIO OU COMPLEMENTAR, EM COMUNICAÇÃO DE CAUSAS.**



23%

OUTROS **23% DAS ORGANIZAÇÕES EFETIVARAM INICIATIVAS DE COINVESTIMENTO OU DESENVOLVERAM INICIATIVAS COM OUTROS INVESTIDORES SOCIAIS PRIVADOS, INTERMEDIANDO O ACESSO A MEIOS DE COMUNICAÇÃO PARA DAR VISIBILIDADE A PROJETOS OU PROGRAMAS.**



TEMAS E PRIORIDADES PARA OS PRÓXIMOS ANOS

- Comunicação e democracia correm juntos. Fazer *advocacy* com uma comunicação efetiva é fundamental no processo democrático.
- O trabalho coeso e coletivo fortalece as ações de *advocacy*, em especial para avançar em causas estruturantes do setor e para aumentar a incidência, tanto no legislativo como no judiciário. É central contar com a filantropia e o ISP no apoio e financiamento de ações de incidência voltadas ao aprimoramento do ambiente de atuação das organizações, realizando processos avaliativos dessas ações.

- A comunicação é uma estratégia fundamental para incentivar a sociedade civil a incidir politicamente e a promover transformações.
- Em decisões estratégicas das organizações, a comunicação deve ser contemplada e sua potência ampliada, com a valorização das equipes de comunicação.
- Barreiras de comunicação devem ser superadas com vistas a influenciar o debate público, incidir politicamente e fazer com que a comunicação atinja, cada vez mais, uma maior diversidade de público.
- O foco em uma comunicação mais acessível e o desapego a terminologias são capazes de furar bolhas. É preciso refletir sobre o que é necessário para gerar conversa, traduzir informação para as pessoas e explicar temas complexos para diferentes públicos.
- A partir da análise do público que se deseja alcançar, influenciar e mobilizar, definir estratégias, objetivos e insumos mais concretos. Uma escuta qualificada do público auxilia a inventar e regular processos de comunicação de forma afirmativa e continuada.
- A ampliação da compreensão da sociedade a respeito do papel estratégico e democrático da atuação das OSC pode ser feita pela comunicação.
- Estratégias mais coordenadas, diversificadas e objetivas de produção de informações devem ser fortalecidas: peças, veículos, canais.
- Estratégias de *advocacy* estão visceralmente ligadas ao momento histórico em que se realizam e operam tanto nas esferas de poder institucional quanto nas ruas e nas redes. Portanto, é necessário muita atenção e abertura para mudanças de rota em função de modificações importantes de contexto.
- Ética, integridade e transparência são elementos-chave para a implementação de estratégias de *advocacy*.
- A produção de dados e evidências precisa ser fomentada e ampliada, pois confere fundamentação e embasamento para o posicionamento adotado e respalda a incidência pública em qualquer agenda.
- Processos colaborativos e coletivos são fundamentais para lograr mudanças decorrentes de *advocacy*. É preciso ampliar a conexão com atores que têm relação com o foco da ação de *advocacy*, inclusive com aqueles com os quais podem haver divergências.

PARA SABER MAIS

- DOC SOCIETY. O guia de campo para o impacto: da arte ao impacto. 2015.
- FUNDAÇÃO TIDE SETUBAL. Comunicação de causas: reflexões e provocações para novas narrativas. 2020.
 - GIFE. Censo GIFE 2018. 2019.
 - GIFE. Censo GIFE 2018: a comunicação no ISP. 2019.
- GIFE. Desafios e contribuições para a cultura e comunicação cidadã na pandemia. WebHour GIFE, n. 5.
- GIFE. Diretrizes GIFE de *advocacy* e incidência pública. s.d.
- GIFE. Oficina de comunicação e *advocacy* 11º congresso GIFE. 2020.
- PULSO Público. Responsabilidade política: sugestões de boas práticas em transparência, ética e *compliance* em *advocacy*. 2016.
 - REDE DE FILANTROPIA PARA A JUSTIÇA SOCIAL. s.d. Os desafios para comunicar a filantropia comunitária e de justiça social. s.d.
 - REDE NARRATIVAS. Comunicação de causa: reflexões e provocações para novas narrativas. Mesa de lançamento. s.d.
 - REDE NARRATIVAS. Página inicial.
- TOMA, Costanza de. Advocacy toolkit: guidance on how to advocate for a more enabling environment for civil society in your context. 2020.



CLIQUE NO
CONTEÚDO PARA
SABER MAIS

CLIQUE PARA
VOLTAR AO MENU



governança e gestão

Governança e gestão são agendas contínuas no processo de desenvolvimento e aprimoramento do setor.

Em relação à governança, de um lado surgem novos modelos e propostas, em um movimento de repensar e reinventar as estruturas de tomada de decisão; de outro lado, estão as questões colocadas já há alguns anos e que ganham cada vez mais centralidade, como a diversidade – de gênero, raça e perspectivas – nos conselhos das organizações do ISP e em cargos de liderança.

No que tange à gestão, propostas que estavam muito presentes nas reflexões do campo tornaram-se realidade a partir das condições impostas pela pandemia, provocando uma transformação relâmpago e, ao mesmo tempo, profunda nos modos de operar das organizações.

DADOS DE CONTEXTO

DE ACORDO COM O CENSO GIFE 2018, A AMPLA MAIORIA DAS ORGANIZAÇÕES (89%) CONTA COM CONSELHO DELIBERATIVO ESTRUTURADO, COM DESTAQUE PARA INSTITUTOS E FUNDAÇÕES INDEPENDENTES (94%), SEGUIDOS POR INSTITUTOS E FUNDAÇÕES EMPRESARIAIS (88%) E INSTITUTOS E FUNDAÇÕES FAMILIARES (86%).



SÃO 49% DAS ORGANIZAÇÕES QUE NÃO CONTAM COM CONSELHEIROS INDEPENDENTES EM SUA ESTRUTURA, PROPORÇÃO QUE SOBE PARA 55% QUANDO SE OBSERVA APENAS INSTITUTOS E FUNDAÇÕES EMPRESARIAIS.

A COMPOSIÇÃO DOS CONSELHOS GANHOU CARÁTER MAIS PLURAL EM TERMOS DE RAÇA E GÊNERO. **A EXCLUSIVIDADE DA PRESENÇA MASCULINA EM CONSELHOS DELIBERATIVOS CAIU DE 18% (2016) PARA 3% (2018).**

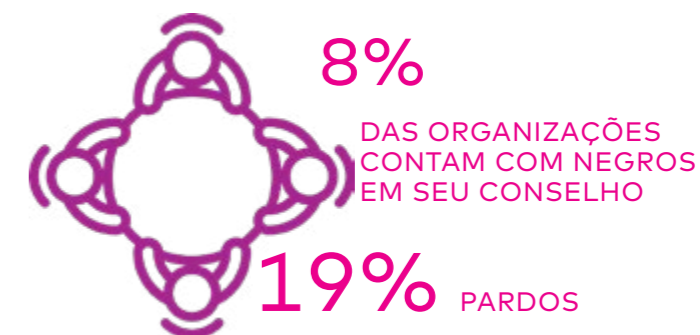


A POPULAÇÃO FEMININA E NEGRA PERMANECIU SUB-REPRESENTADA NOS CONSELHOS



APESAR DOS AVANÇOS, **A POPULAÇÃO FEMININA E NEGRA PERMANECIU SUB-REPRESENTADA NOS CONSELHOS.** A PROPORÇÃO DE MULHERES SUBIU DE 24% EM 2016 PARA 27% EM 2018. A PARCELA DE ORGANIZAÇÕES QUE CONTA EXCLUSIVAMENTE COM PESSOAS BRANCAS CAIU DE 71% PARA 58% ENTRE 2016 E 2018, E A PROPORÇÃO DE INVESTIDORES SOCIAIS COM CONSELHEIROS DE DIFERENTES RAÇAS SUBIU DE 20% PARA 31%.

SOMENTE 8% DAS ORGANIZAÇÕES CONTAM COM NEGROS EM SEU CONSELHO DELIBERATIVO E 19% DELAS TÊM CONSELHEIROS PARDOS.



73%

CONSELHO FISCAL NAS ORGANIZAÇÕES

CONTAM COM CONSELHO FISCAL 73% DAS ORGANIZAÇÕES DE ISP. A EXISTÊNCIA DE AUDITORIA INDEPENDENTE DAS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS É REALIZADA POR 74% DOS RESPONDENTES.

DO PONTO DE VISTA DAS EQUIPES, OS RESPONDENTES DO CENSO GIFE 2018 ERAM, MAJORITARIAMENTE, DE PEQUENO PORTE: **65% TÊM ATÉ 25 FUNCIONÁRIOS E 10% TÊM MAIS DE 100. EMPRESAS EM GERAL TÊM AS MENORES EQUIPES**, ENQUANTO INSTITUTOS E FUNDAÇÕES INDEPENDENTES SÃO AS QUE CONTAM COM EQUIPES MAIORES.



TEMAS E PRIORIDADES PARA OS PRÓXIMOS ANOS

- Estudos, trocas e trabalhos para consolidar experiências e boas práticas sobre tendências de modelos de gestão e governança no setor, adequados às necessidades contemporâneas e mudanças promovidas pela pandemia, são desejáveis.
- O desenvolvimento de modelos e boas práticas de governança para todos os portes de organizações precisa ser promovido. Pequenas e médias organizações, que muitas vezes não têm condições de atender a requisitos impostos, precisam de especial atenção para encontrar modelos viáveis às suas realidades.
- Conselheiros ativos e engajados, com diversidade de perfis e trajetórias, podem ser mais relevantes do que conselheiros notáveis com baixa presença e envolvimento.
- A formação para os membros do conselho deve ressaltar aspectos de ética, justiça, inclusão social, trabalho colaborativo e sustentabilidade ambiental, com perspectiva multidisciplinar.
- A maior diversidade de gênero e raça nos conselhos das organizações do ISP e em cargos de liderança deve ser perseguida e ampliada, bem como nas equipes internas.
- Discussões e estudos sobre os impactos da pandemia, o trabalho remoto e a possibilidade de desenvolver modelos híbridos de trabalho pós-pandemia devem ser propostos, com vistas a motivar e cuidar das equipes.
- Além do cuidado e olhar para a gestão interna, as organizações de filantropia e ISP podem e devem apoiar a profissionalização da gestão das OSC com foco no desenvolvimento institucional, tanto no que se refere a organizações donatárias, como por meio de iniciativas que contribuam com o terceiro setor como um todo.

PARA SABER MAIS

- GIFE. Censo GIFE 2018. 2019.
- GIFE. Portal de dados do investimento social: gestão institucional. 2019.
- GIFE. Indicadores GIFE de governança. s.d.
- IBGC – Instituto Brasileiro de Governança Corporativa; GIFE. Guia das melhores práticas de governança para institutos e fundações empresariais. s.d.
- IDIS – Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social. Guia de gestão de pessoas no terceiro setor: módulo 2.
- KISIL, Marcos; SPERCEL, Thiago. Organizações da sociedade civil: melhores práticas de governança para terceiro setor. GIFE. 2019.



CLIQUE NO
CONTEÚDO PARA
SABER MAIS

CLIQUE PARA
VOLTAR AO MENU



desafios da agenda pública

O desafio de expansão e conexão da filantropia e do investimento social com os vários temas da agenda pública é permanente e precisa ser sempre incremental. O rol de agendas é extenso e, no contexto atual, muitas delas podem ser vistas como prioritárias e urgentes.

Está posta para a filantropia e a sociedade civil a necessidade de esforço continuado para buscar responder, da forma mais ampla possível, ao conjunto de temas nas frentes social, ambiental, de direitos e garantia de cidadania para todas e todos os brasileiros.

Desafios clássicos como educação, políticas sociais em geral e saúde se desdobram em temas mais específicos, muitos deles com um caráter transversal. Vários deles têm sido trabalhados pelo GIFE na sua agenda de promoção da diversificação temática do investimento social, como cidades sustentáveis, gestão da água e saneamento, primeira infância, segurança pública, justiça criminal, oceanos, migrações e refugiados. Muitos deles foram abordados ao longo do Congresso e, também, têm sido aprofundados na agenda regular do GIFE, especialmente por meio do projeto O que ISP pode fazer por, em parceria com OSC e investidores sociais de referência na atuação nessas agendas.

Na sequência, são apresentados temas que foram foco de oficinas do encontro de encerramento do 11º Congresso GIFE ou compõem a reflexão contínua acumulada por meio das redes temáticas promovidas pelo GIFE e coordenadas por seus atores.

Parte dos temas são desafios históricos e contemporâneos da agenda pública: educação, saúde, proteção e desenvolvimento, direitos da infância e adolescência, juventudes, inclusão produtiva, cultura, leitura e escrita, equidade racial, direito das mulheres e desenvolvimento territorial.

Outra parte são, em particular, desafios de destaque do contexto atual: Amazônia, clima, ciência e informação e democracia. Não por acaso, esses temas também fizeram parte da programação do Congresso e das *lives* realizadas no encontro de encerramento e estão colocados no presente contexto como absolutamente centrais e estratégicos para promover e produzir uma sociedade mais justa e sustentável no Brasil e no mundo. A ampliação do diálogo do ISP e da filantropia com essas agendas são certamente uma prioridade no contexto atual. O momento tem mostrado ser essencial não somente avançar, mas trabalhar para preservar os avanços que já pareciam garantidos no que diz respeito à gestão e governança da Amazônia, ao desenvolvimento da ciência e da pesquisa e à produção de informação de qualidade e acessível, bem como à preservação do espaço democrático e de instituições sólidas no país.

Assim se encerra o bloco de agenda pública, com uma síntese dessas quatro temáticas e alguns caminhos para aproximar e aprofundar a atuação da filantropia e do ISP também nessas agendas.

educação

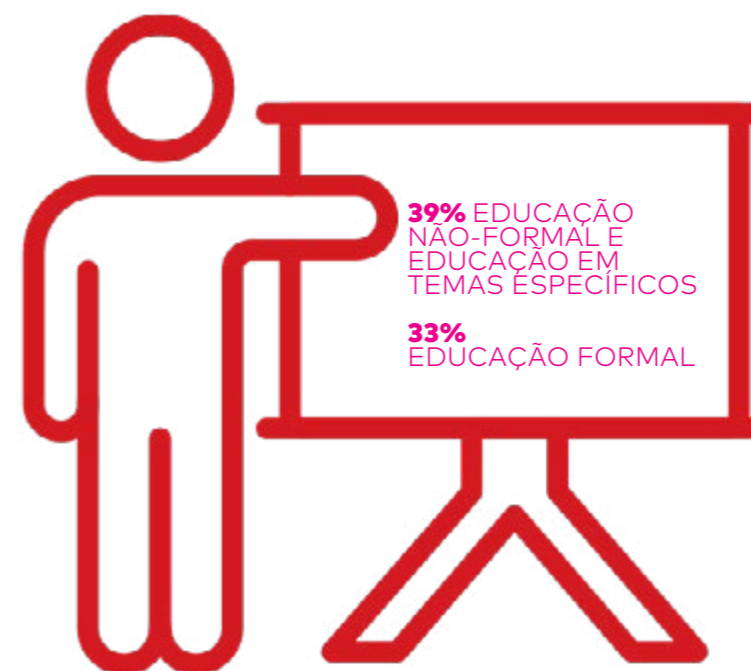
A área de educação foi severamente afetada durante a pandemia e viu seus desafios estruturais aprofundados. Com o fechamento de escolas, professores tiveram que se reinventar. Famílias com filhos em idade escolar tiveram uma alteração abrupta de rotina e viram a necessidade de se adaptar ao ambiente digital em curto tempo, buscando dar continuidade ao ano letivo.

No que se refere à atuação da filantropia nessa temática – historicamente a agenda de atuação mais importante e consolidada do setor – foram diversas as mudanças em decorrência da emergência. Investidores sociais privados precisaram se articular para responder a um contexto absolutamente novo. Muitas foram as dúvidas e incertezas, a exemplo dos desafios para manter o vínculo da criança e do adolescente com a escola, já que milhões de alunos da rede pública de ensino deixaram de ter aulas e, dentre aqueles que passaram a ter aulas remotas, muitos sequer possuíam acesso à internet. O tema de inclusão digital, portanto, emerge na agenda de primeira hora, deixando de ser mero aspecto ferramental para a promoção de uma educação de qualidade.

Nesse sentido, em 2020, o campo do ISP se articulou e intensificou parcerias com secretarias municipais e estaduais de educação para pensar e construir planos emergenciais e, também, para projetar cenários de retomada em 2021, ainda que híbridos, combinando ensino presencial e à distância.

DADOS DE CONTEXTO

DADOS DO CENSO GIFE 2018 INDICAM QUE, SEGUINDO UMA TENDÊNCIA HISTÓRICA, EDUCAÇÃO CONTINUA SENDO A PRINCIPAL ÁREA DE ATUAÇÃO DE INVESTIDORES SOCIAIS, COM 80% DELES ATUANDO NESTA AGENDA.



AS PRINCIPAIS SUBÁREAS DOS PROJETOS OU PROGRAMAS PRIORITÁRIOS DOS INVESTIDORES SOCIAIS COM FOCO EM EDUCAÇÃO SÃO EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL E EDUCAÇÃO EM TEMAS ESPECÍFICOS (AMBOS COM 39%). ENQUANTO 33% DOS PROJETOS DE EDUCAÇÃO ATUAM NA EDUCAÇÃO FORMAL.

TEMAS E PRIORIDADES PARA OS PRÓXIMOS ANOS

- Apoio à contenção dos números crescentes de evasão e abandono na volta às aulas. Para a retomada das aulas, é fundamental uma comunicação clara e próxima às famílias, fundamental para diminuir inseguranças e gerar engajamento.
- A formulação de saídas para minimizar o aprofundamento das desigualdades educacionais é necessária: intraescolar, interescolar e intersistemas, que se aprofundaram durante a pandemia. Há experiências mostrando que a grande solidariedade e resiliência verificada na educação induziu a práticas e experiências criativas e cheias de energia, que podem ser replicadas. A volta à normalidade no pós-pandemia pode ser beneficiada com o suporte das comunidades de trocas surgidas em 2020 – afinal, apesar das perdas e defasagens do período, houve expansão das conexões entre experiências municipais e estaduais, que podem ajudar a mitigar os efeitos das crescentes desigualdades.
- Capacitação, orientação e apoio a professores, inclusive valendo-se da tecnologia a serviço do ensino-aprendizagem. No retorno às aulas presenciais, não se pode perder de vista que o uso supletivo da tecnologia remota pode ser proveitoso. Para isso, entretanto, é preciso atuar pela universalização da inclusão digital dos professores, sem que isso ocorra em detrimento de sua formação continuada, que o ISP já apoia tradicionalmente em articulação com secretarias de educação.
- Apoio à avaliação diagnóstica, pelo desnivelamento que pode haver entre os alunos no retorno, também considerando modalidades de aulas de reforço a serem oferecidas. Boas experiências mostram que a volta às aulas precisa ser escalonada, prevendo a readaptação por alunos e professores.
- Em contexto tão adverso, o ISP pode trabalhar para aprofundar conexões e escutas: com gestões formais da educação (professores, gestão escolar, secretarias de educação) e também com OSC (considerando também educação inclusiva, quilombolas, rurais, EJA etc.).
- O Brasil está estagnado nos resultados educacionais do ensino fundamental II e patina no ensino técnico profissionalizante, em que há lacunas significativas. Poderia haver maior contribuição do ISP nesses segmentos, etapas nevrálgicas.
- Conexões e escutas – com gestores formais da educação (professores, gestão escolar, secretarias de educação) e também com OSC (educação inclusiva, quilombolas, rurais etc.) – precisam de aprofundamento. Necessário sempre ter em vista a perspectiva de se deixar um legado local real, desenvolvendo e

fortalecendo capacidades e, potencialmente, criando experiências exitosas de longo prazo.

- A educação é uma agenda setorial prioritária do ISP, mas precisa ser também para a sociedade. É preciso haver o convencimento generalizado da urgência das políticas educacionais. Como promover mudanças de cultura no sentido de transformar a educação numa paixão nacional? Sem essa cobrança e acompanhamento pela sociedade como um todo não será possível alcançar resultados sustentáveis de longo prazo, a despeito de todos os esforços que o campo do ISP tem realizado.
- Apesar das perdas de receita e diminuição de orçamento, a aprovação do novo FUNDEB, maior e em caráter permanente, foi uma vitória importante dos atores do campo educacional e da própria sociedade civil – em particular, atores do ISP, que se mobilizaram para tal aprovação. Na atual conjuntura, esse acompanhamento precisa ser atento e continuado.
- A migração para a escola de tempo integral, principalmente em articulação com organizações sociais que fazem levam atividades de música, idiomas, computação etc. para promover e aprofundar o engajamento comunitário, pode alavancar a aprendizagem das crianças e jovens que estão nas escolas em determinado turno e, no outro, seguem experimentando novas vivências e desenvolvendo competências.

PARA SABER MAIS

- GIFE. Censo GIFE 2018. 2019.
- GIFE. Censo GIFE 2018: temas e focos de atuação. 2019.
- GIFE. Pandemia, pós-pandemia e políticas sociais. 11º congresso GIFE: live. 2020
- GIFE. Panorama sociedade viva, proteção social. 11º congresso GIFE: palestra. 2020.
- GIFE. Portal de dados do investimento social: base de projetos.
- GIFE. Portal de dados do investimento social: focos de atuação.
- POLAZ, Karen. Filantropia e investimento social na pandemia: respostas, aprendizados e reflexões sobre o futuro. Temas ISP. GIFE, 2021. DOI: 10.33816/978-65-86701-10-4.



CLIQUE NO
CONTEÚDO PARA
SABER MAIS

CLIQUE PARA
VOLTAR AO MENU



saúde

Como esperado em uma emergência sanitária, a temática de saúde, que historicamente não se configura como uma das áreas de maior priorização pelo campo filantrópico, adquiriu relevância e atraiu recursos de diversos setores da sociedade no último ano.

Segundo apurou a pesquisa global da Dalberg junto a organizações filantrópicas dos Estados Unidos, cerca de 30% das fundações que antes da pandemia não tinham foco em saúde estavam planejando engajar-se no tema. No caso brasileiro, investidores sociais privados que nunca haviam atuado com essa área viram-se compelidos a criar um projeto próprio ou a colaborar com outros parceiros nessa temática, ou ainda internalizá-la de algum modo nas estratégias de atuação da organização – até pelo fato de que a pandemia e seus efeitos continuarão sendo pauta por um longo período.

DADOS DE CONTEXTO

NO CENSO GIFE 2018, **42% DOS RESPONDENTES AFIRMARAM TRABALHAR NA ÁREA DE SAÚDE**. DELES, 20% OPERAVAM PROJETOS PRÓPRIOS E 29% APOIAVAM PROJETOS DE TERCEIROS.

42%
TRABALHAM NA ÁREA DE SAÚDE

242
INICIATIVAS DE AÇÕES EMERGENCIAIS RELACIONADAS AO COVID-19

NA BASE DE PROJETOS DO GIFE FORAM MAPEADAS 242 INICIATIVAS DE AÇÕES EMERGENCIAIS RELACIONADAS AO ENFRENTAMENTO DA COVID-19. DENTRE ELAS, A ÁREA DE SAÚDE E BEM-ESTAR FOI A MAIS CONTEMPLADA PELAS INICIATIVAS (48%)

48%
DAS AÇÕES FORAM PARA A ÁREA DE SAÚDE

TEMAS E PRIORIDADES PARA OS PRÓXIMOS ANOS

- Esforços e recursos devem ser envidados para que as políticas públicas de saúde estejam orientadas a atender e proteger os mais vulneráveis e pressão para que agentes do Estado e gestores públicos governem para as pessoas, sobretudo para as mais expostas a doenças negligenciadas (causadas por agentes infecciosos ou parasitas e que são consideradas endêmicas em populações de baixa renda).
- Além disso, seria importante o ISP concentrar parte dos seus esforços para prevenção e promoção da saúde, como expedientes de alívio da pressão sobre os sistemas de média e alta complexidade da população em geral.

- A pandemia tem mostrado que não pode ser tratada apenas na esfera de políticas públicas, mas sim na integração de agentes e setores, para uma resposta mais efetiva de proteção dos mais vulneráveis. A articulação em rede deve ser uma das características do investimento em saúde, de forma a assegurar uma atuação mais integrada. É necessário promover novos arranjos de cooperação do ISP com políticas públicas de saúde, identificando atores na sociedade dispostos a se engajar efetivamente na temática.
- O SUS, que nasceu da demanda da sociedade por mais participação na elaboração da política pública de saúde, é um tema que continua merecendo atenção e requerendo que espaços de participação e acompanhamento sejam fortalecidos. O subfinanciamento do SUS pode ser objeto de pesquisas e ações de *advocacy*, exercendo pressão por uma melhor gestão pública e acompanhamento pela sociedade. O ISP pode trabalhar no sentido de facilitar o entendimento da sociedade sobre o funcionamento do setor público e das potencialidades do SUS como um dos pilares do tripé da seguridade social (a saúde, ao lado da assistência e previdência social).
- O ISP também tem larga margem de contribuição no apoio à elaboração e desenvolvimento de práticas e métodos de planejamento, gestão, monitoramento e avaliação dos projetos, programas e políticas de saúde. Produção, compartilhamento e análise de dados e informações georreferenciados para atuação territorial é um caminho promissor de contribuição do ISP para o aprimoramento do SUS e do investimento em saúde.
- Os contextos local, cultural e social das populações em cada território devem ser valorizados pelo ISP. A esse propósito, organizações de base têm se mostrado fundamentais para democratizar o acesso à saúde, principalmente numa lógica preventivo-paliativa, e a filantropia pode fortalecê-las.
- A exemplo da educação, o desenvolvimento na área da saúde deve se pautar por uma atuação mais perene, estratégica e coordenada do setor, aproveitando articulações e infraestrutura criadas para responder à pandemia.

PARA SABER MAIS

- AGLER, Ellen; BOULOS, Marcos; ARROYAVE, Verónica; POLLARA, Wilson Modesto. Investimento social privado e inovação na saúde. III Fórum Brasileiro de Filantropos e Investidores Sociais. 2015.
- DALBERG. The impact of covid-19 on the global philanthropic sector: philanthropic sector CEO barometer survey and deep-dive interview results. Jul. 2020.
- GIFE . Apoio ao sistema de saúde e às políticas de proteção social. WebHour GIFE, n. 1.
 - GIFE. Censo GIFE 2018. 2019.
 - GIFE. Censo GIFE 2018: temas e focos de atuação. 2019.
 - GIFE. Diálogos contemporâneos: saúde global e pandemias 11º congresso GIFE. 2020.
 - GIFE. Investimento social em saúde. Especial Rede GIFE.



CLIQUE NO
CONTEÚDO PARA
SABER MAIS

CLIQUE PARA
VOLTAR AO MENU



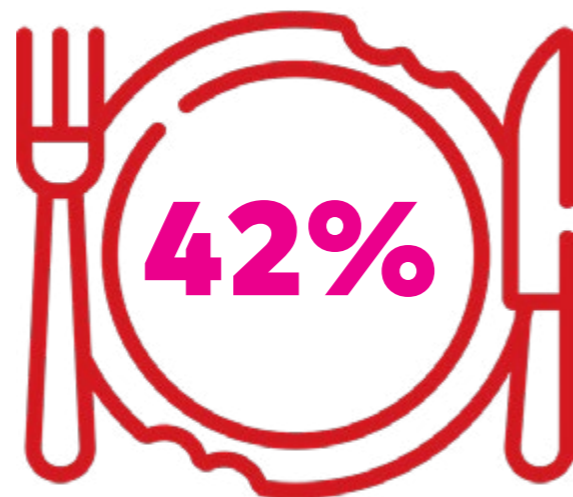
proteção e desenvolvimento social

Durante a pandemia da Covid-19, muitas organizações do ISP interromperam o curso de seus planejamentos e canalizaram esforços para prover alimentos, itens de higiene e de saúde para parte da população brasileira. O tema da proteção e assistência social voltou a ganhar, assim, centralidade na atuação dos investidores sociais.

O estranhamento inicial com as mudanças abruptas na forma de atuar deu lugar a um entendimento sobre a necessidade de recorrer a práticas assistenciais e contribuir para enfrentar um dos graves problemas do período. Com a fome de volta para grande parcela da população brasileira, tornou-se também necessário repensar ações assistenciais no ISP, com maior valorização de políticas públicas que garantam direitos básicos dos cidadãos.

DADOS DE CONTEXTO

O CENSO GIFE 2018 MOSTROU QUE **42% DOS INVESTIDORES SOCIAIS ATUARAM EM INICIATIVAS DE ASSISTÊNCIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL E/OU DE COMBATE À POBREZA E FOME**. AINDA QUE EXPRESSIVA, A ATUAÇÃO DA FILANTROPIA EM INICIATIVAS DE ASSISTÊNCIA SOCIAL VEM PERDENDO CENTRALIDADE.



34,5% PROJETOS DE RESPOSTA À EMERGÊNCIA DA COVID-19 SÃO DE PROTEÇÃO E ASSISTÊNCIA SOCIAL

DE ACORDO COM A BASE DE PROJETOS GIFE, **93 (34,5%) DOS 269 PROJETOS DE RESPOSTA À EMERGÊNCIA PROVOCADA PELA PANDEMIA DE COVID-19 SÃO DE PROTEÇÃO E ASSISTÊNCIA SOCIAL**. JUNTO COM SAÚDE, ESSE FOI UM FOCO CENTRAL NAS AÇÕES DE RESPOSTA DA FILANTROPIA À EMERGÊNCIA.

TEMAS E PRIORIDADES PARA OS PRÓXIMOS ANOS

- A diferenciação entre resposta humanitária e assistencialismo em uma situação de emergência mostra que, além de atender necessidades mais imediatas, é possível pensar para além da lógica da caridade e buscar caminhos de transformação.
- A experiência e os aprendizados na resposta à pandemia indicam que, assim como na educação e saúde, o papel do Estado na promoção do desenvolvimento social é estruturante e fundamental. Também mostram o potencial e a importância da ampliação das contribuições da filantropia nessa agenda, com ações mais potentes e estratégicas de apoio à elaboração de políticas públicas.
- A colaboração com o poder público para estruturar, implementar e avaliar políticas públicas de proteção e assistência social e econômica, produzindo dados e evidências, é fator decisivo. Da mesma forma, o investimento em dados, produção de conhecimento e disseminação de informações é fundamental para embasar a elaboração de políticas públicas nessa área.
- O investimento na capacitação técnica para a gestão pública pode ser feito em parceria com organizações de lideranças públicas, como Frente Nacional de Prefeitos, Confederação Nacional dos Municípios, Conselho Nacional dos Gestores Municipais de Assistência Social, entre outros.
- O debate político-institucional em torno do tema da desigualdade social estrutural precisa ser promovido e fortalecido.
- A inclusão e centralidade das perspectivas de gênero e raça no debate de políticas de proteção social leva em conta que as mulheres e pessoas negras representam mais da metade da população e são as mais afetadas pelas desigualdades.
- O fortalecimento de organizações locais e pequenas, que atuam no cotidiano, considerando seu potencial, permite a criação de soluções locais que podem contribuir com o desenvolvimento e o avanço de políticas públicas.
- A ampliação de conexões entre o ISP e as comunidades de base deve amparar o desenho, o acompanhamento e a avaliação de políticas públicas, com diálogo com movimentos e lideranças periféricas e comunitárias.

- Ações de *advocacy* e incidência pública da sociedade civil organizada em políticas de proteção e assistência social e econômica impulsionam a atuação dos movimentos sociais nessas agendas.
- A criação de condições e ambientes que permitam estabelecer relações de confiança entre doadores, investidores sociais e organizações apoiadas incluem garantir que as organizações tenham autonomia financeira para decidir como investir os recursos e fazer *advocacy* nas agendas de combate à fome e de garantia de renda mínima.
- A manutenção das equipes das OSC precisa do apoio do ISP, com investimentos para o desenvolvimento institucional. As organizações lutam para se manter vivas, então é preciso recursos financeiros para contribuir com gastos fixos, além dos projetos. Se não estão fortalecidas, a pressão social, tão necessária para avançar, também fica enfraquecida.
- A construção de pauta e narrativas engajadoras para a mídia e os meios de comunicação ajudam a sensibilizar a sociedade sobre o papel e a relevância de políticas de assistência, influenciando atores e o próprio ISP.
- O trabalho intersetorial, colaborativo e em redes e alianças, seja via estratégias e arquiteturas de filantropia colaborativa, seja via cooperação intersetorial com as diferentes instâncias governamentais, academia e sociedade civil organizada, pode promover a criação de fundos patrimoniais com aporte de vários financiadores para apoiar as organizações de base.

PARA SABER MAIS

- GIFE. Censo GIFE 2018. 2019.
- GIFE. Pandemia, pós-pandemia e políticas sociais. 11º congresso GIFE: live. 2020.
- GIFE. Mosaico - Portal de dados do investimento social: base de projetos.
- GIFE. Proteção social: pensando desafios, comunicando soluções. 11º congresso GIFE. 2020.
- POLAZ, Karen. Filantropia e investimento social na pandemia: respostas, aprendizados e reflexões sobre o futuro. GIFE, 2021.



CLIQUE NO
CONTEÚDO PARA
SABER MAIS

CLIQUE PARA
VOLTAR AO MENU



direitos da infância e adolescência

Um ambiente de cuidado, amor, estímulos, boa nutrição, acesso à educação e à saúde, tudo isso com segurança, são todos os fatores que levam a um desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes e as permitem alcançar uma vida adulta mais equilibrada. Por outro lado, experiências de exposição a violências, desnutrição, incúria e omissão pelos cuidadores e falta de acesso a cuidados básicos gera os efeitos negativos sobre o desenvolvimento do indivíduo e, por conseguinte, da relação dele com a sociedade.

Por conta disso, existe cada vez mais urgência de assegurar que crianças e adolescentes sejam sujeitos de direitos: "direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão". Esse é o artigo 227 da Constituição de 1988, que falou das crianças e adolescentes como uma prioridade absoluta.

O ISP brasileiro tem atuado de forma constante na busca para que sejam garantidos esses direitos. Conquistas importantes foram realizadas e precisam ser celebradas, mas ainda há muito por fazer: tanto pelo cenário de revisionismo ultraconservador de muitos dos direitos preconizados constitucionalmente, quanto pela pandemia, no qual se viu uma explosão de ocorrências de violências. Ao mesmo tempo, e pelo mesmo motivo, os canais e espaços que serviam para reconhecer e denunciar casos de violência, como escolas e CRAS, foram temporariamente fechados, agravando o problema.

DADOS DE CONTEXTO

DENTRE OS INVESTIDORES QUE CONSIDERAM O PERFIL DO PÚBLICO COMO UM FOCO DE SUA INTERVENÇÃO, **AS FAIXAS ETÁRIAS CORRESPONDENTES À INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA FORAM PREVALENTES, SENDO A FAIXA DOS 15 AOS 17 ANOS A QUE MAIS RECEBEU ATENÇÃO (62%) NOS PROJETOS INVESTIGADOS PELO CENSO GIFE 2018.**



**15 AOS 17 ANOS
FAIXA ETÁRIA QUE
MAIS RECEBEU
ATENÇÃO (62%)**

**12%
DAS ORGANIZAÇÕES
TÊM PROJETOS
RELACIONADOS À
DEFESA DOS DIREITOS
DA CRIANÇA E DO
ADOLESCENTE**

AINDA SEGUNDO O CENSO GIFE, **12% DAS ORGANIZAÇÕES RESPONDENTES MANIFESTARAM TER, DENTRE SEUS PROJETOS OU PROGRAMAS MAIS REPRESENTATIVOS, OS RELACIONADOS À DEFESA DE DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE.**

TEMAS E PRIORIDADES PARA OS PRÓXIMOS ANOS

- A paralisação do CONANDA enfraqueceu a capacidade da sociedade civil acompanhar e influenciar as políticas públicas para o setor. A chegada de um novo grupo de conselheiros no início do ano, somada ao agravamento da pandemia, dificulta o acompanhamento necessário, a realização de ações integradas e a própria orientação da política pública.
- A violência sexual não é isolada e também está associada a ambientes digitais, que passaram a ser mais acessados pelas crianças na pandemia. Para tornar os crimes sexuais mais visíveis, é necessário assegurar instituições e processos de qualidade, como a Lei Federal 13.431 prevê, com escuta qualificada e protegida de crianças nas redes de proteção do Brasil. A política pública e o arcabouço legal de proteção à criança e ao adolescente são bons, a questão é o fato de não serem executados. O ISP pode contribuir com acompanhamento e controle social de sua aplicação.

- À luz do contexto político e social, em que se deteriora a salvaguarda de direitos de crianças e do adolescentes, fomentar e apoiar ações coordenadas de *advocacy* pelos direitos dessa população, também induzindo mudanças estruturais que garantam uma vivência plena e digna, visam assegurar a proteção integral: contra a violência sexual e doméstica, pela moradia, educação, segurança alimentar, saúde e direito de brincar, que não podem ser fragmentados e precisam ser tratados pelo conjunto dos atores, em espaços interinstitucionais, transdisciplinares e colaborativos.
- O fortalecimento de políticas públicas e espaços de participação e escuta, especialmente os conselhos de direitos, pode contar com o ISP, que tem potencial e espaço de contribuir para a capacitação de conselheiros (aspectos legais e relacionados propriamente aos direitos das crianças e adolescentes, orçamento público, responsabilização etc.), fortalecer os fundos, proteger equipes que operam na ponta e apoiar a melhoria de sua infraestrutura de trabalho (como no caso dos conselheiros tutelares).
- A escola sempre foi um espaço de segurança das crianças. A segurança das crianças com a retomada das atividades presenciais, bem como a qualidade das aulas *online*, são pontos de atenção importantes no contexto da pandemia para institutos e fundações que trabalham nessa temática. É preciso apoiar as redes de educação para que superem o atraso pedagógico e diminuam a evasão escolar. É oportuno apoiar professores e gestores escolares a acolher e encaminhar problemas de saúde mental, violências etc.
- Recortes de raça e gênero, como marcadores sociais das violações e garantia de direitos de crianças e adolescentes, precisam ser observados e trabalhados ativamente.

PARA SABER MAIS

- GIFE. A importância do começo da vida. 11º congresso GIFE. Série Fronteiras Coletivas, podcast n. 3. 2020.
- GIFE. Atuação em rede: criança e adolescente.
- GIFE. Censo GIFE 2018. 2019.
- GIFE. Censo GIFE 2018: temas e focos de atuação. 2019.
- GIFE. O futuro que a gente quer. 11º congresso GIFE. Série Fronteiras Coletivas, podcast n. 4. 2021.



CLIQUE NO
CONTEÚDO PARA
SABER MAIS

CLIQUE PARA
VOLTAR AO MENU



juventudes

Ainda que a população brasileira esteja envelhecendo nas últimas décadas, a juventude – ou melhor, juventudes – são um grupo enorme no nosso país. São quase 50 milhões de pessoas entre 15 e 29 anos. É muita gente, com muita energia e muito potencial para promover mudanças significativas em todos os contextos da vida social do país.

Mas a vida não tem sido fácil para os jovens brasileiros. De todos os desafios que eles precisam enfrentar, um dos piores é o desemprego, que afeta ainda mais os jovens do que os adultos. Se as dificuldades para conseguir um lugar no mercado de trabalho já são enormes, fica ainda mais difícil conquistar uma boa ocupação, um trabalho com sentido em que possam exercer seus melhores talentos. Eles também são os principais afetados pelos alarmantes índices de segurança. Para mudar essa história e fazer com que toda essa potencialidade da juventude vire realidade e ação, o país precisa urgentemente de uma agenda de ações efetivas e coordenadas entre governos, sociedade civil e setor privado.

A filantropia e o ISP buscam fazer sua parte. Dados do GIFE mostram que a maioria das organizações associadas têm iniciativas voltadas para o público jovem, desenvolvendo projetos com foco em educação, formação para o trabalho e geração de renda. E as questões relativas a esse público-foco são transversais a outras temáticas com as quais o campo do ISP também está familiarizado, como educação, cultura, inclusão produtiva, saúde. Mesmo organizações que não têm esse segmento da população como atuação principal, muitas vezes acabam por reconhecer e incluir os jovens entre as suas prioridades de investimento. Afinal, falar de juventude é falar de potência.

DADOS DE CONTEXTO



AO CONSIDERAR A FAIXA ETÁRIA ENQUANTO ELEMENTO DE PRIORIZAÇÃO PARA DIRECIONAR O INVESTIMENTO SOCIAL, A FAIXA DE 15 A 17 ANOS APARECEU COMO RECORTE DE ATUAÇÃO DE 62% DOS RESPONDENTES DO CENSO GIFE, SEGUIDA DOS JOVENS DE 18 A 29 ANOS (47%).

TEMAS E PRIORIDADES PARA OS PRÓXIMOS ANOS

- As juventudes não podem ser vistas como algo homogêneo, mas na diversificação de seus contextos, territórios e segmentos etários, com a pluralidade que as caracteriza.
- Em particular, as juventudes negras, além de terem seus direitos cotidianamente violados, constituem a principal parcela da população vítima dos altos índices de homicídio no país, inclusive institucionalmente pelo Estado.

- Evidências apontam quais são os caminhos para garantir condições básicas de desenvolvimento das juventudes: assentam-se sobretudo no tripé empregabilidade, cultura e educação (com particular ênfase para a formação de habilidades para suas autonomias, seus projetos de vida e empreendedorismo).
- Especificamente no que tange à educação, é importante monitorar a evasão escolar, que já era um ponto crítico junto a jovens do ensino médio antes da pandemia, piorando ainda mais na atualidade.
- Quanto à empregabilidade, é importante atuar para garantir condições de entrada no mercado de trabalho, a partir do desenvolvimento de competências que favoreçam o acesso. Isso pode ser feito com educação não-formal, mas também no ensino médio, aqui desafiado a contemplar tais competências diante de uma contemporaneidade tão dinâmica.
- Em um mundo mais digital, é necessário promover a universalização da conectividade, que hoje é um ambiente de interação e aprendizado dos jovens. Enquanto houver 20 milhões de lares sem acesso à internet, não há como um projeto de futuro menos desigual entre as juventudes se concretizar.
- A construção coletiva é muito importante nesse campo, já que o esforço coletivo cria iniciativas mais abrangentes, com capacidade de escala de modelos e impactos. Tais mobilizações passam pela escuta dos beneficiários, que precisam ser os verdadeiros protagonistas de seus projetos de vida.
- Um direcionamento à atuação do ISP em juventudes é a criação e fomento a redes de lideranças e coletivos jovens, apostando no protagonismo e na criação de soluções das vozes periféricas, de jovem para jovem. As juventudes precisam se engajar em espaços de poder e produção. Ao se avançar nisso, também pode ser oportuno investir na formação política de lideranças jovens, envolvendo-os nas questões de natureza pública do país e desenvolvendo seu senso de cidadania.

PARA SABER MAIS

- GIFE. Censo GIFE 2018. 2019.
- GIFE. Censo GIFE 2018: temas e focos de atuação. 2019.



CLIQUE NO CONTEÚDO PARA SABER MAIS

CLIQUE PARA VOLTAR AO MENU



inclusão produtiva

O tema da inclusão produtiva refere-se a iniciativas de geração de renda, formação técnico-profissional, inserção no mercado de trabalho ou, ainda, estímulo ao empreendedorismo. Um tema que no Brasil tem uma importância enorme, por conta dos indicadores de pobreza, falta de acesso à educação de qualidade universal e falta de equidade de oportunidades no país.

Dados do IBGE indicam que quase 55 milhões de brasileiros vivem em situação de pobreza e mais de 13 milhões em pobreza extrema. Um panorama que tem piorado ainda mais por causa de uma crise global do emprego, que atingiu muitos países, principalmente na América Latina e, atualmente, tem se agravado desafiadoramente por conta da pandemia. Dado esse cenário, a inclusão produtiva ganha cada vez mais espaço na atuação do ISP como contribuição para reduzir a pobreza de maneira sustentável no longo prazo e, assim, as imensas desigualdades.

A necessidade de reconstrução econômica – que deverá se seguir por alguns anos após 2021 –, também passa pela necessidade da filantropia e do ISP brasileiros ampliarem suas estratégias sobre essa questão, decisiva para o crescimento do país, para a minimização das desigualdades e para o bem-estar geral da população.

DADOS DE CONTEXTO

O TEMA "TRABALHO, EMPREENDEDORISMO E GERAÇÃO DE RENDA" FOI O SEGUNDO QUE MAIS MOBILIZOU INVESTIDORES SOCIAIS: 66% DOS RESPONDENTES DO CENSO GIFE 2018 MANIFESTARAM TRABALHAR COM ESSA ESTRATÉGIA DE ATUAÇÃO, SENDO QUE 38% DELES PREDOMINANTEMENTE EXECUTAVAM SEUS PRÓPRIOS PROJETOS, ENQUANTO 40% APOIARAM PROGRAMAS DE TERCEIROS.



TEMAS E PRIORIDADES PARA OS PRÓXIMOS ANOS

- As permanentes transformações no mundo do trabalho, as tendências em curso e suas influências sobre a inclusão produtiva dos brasileiros precisam ser acompanhadas. Características como: a digitalização da economia que, se cria novas oportunidades por um lado, na outra ponta acaba por reduzir postos de trabalho; e o envelhecimento da população brasileira, que exige (re)inserção de uma camada da população que não foi preparada para esse novo mundo do trabalho.
- O ciclo da inserção produtiva precisa ser considerado: começa na educação e passa pelo ensino técnico, pela articulação oferta-demanda e pela retenção das pessoas no trabalho. Não existe uma única solução que vai resolver a questão da inclusão produtiva. São várias, que precisam ser pareadas e adaptadas para territórios e públicos específicos, considerando suas particularidades. A abordagem precisa ser holística, sistêmica e integrada, sustentando-se nas evidências disponíveis.
- Além de pensar no longo prazo, é necessário produzir resultados de curto prazo. No contexto pandêmico, com forte desemprego e queda da renda, prever dois anos de curso de formação para quem tem a necessidade imediata de comida na mesa não é razoável.
- Muitos agentes imersos nas discussões desse tema têm demonstrado a necessidade de trabalhar a inclusão produtiva por meio de recortes populacionais: o trabalho e o jovem; o trabalho para a população negra; o trabalho para as mulheres; o trabalho da população urbana ou rural; etc. Também o foco em grupos específicos de vulneráveis e respostas adequadas às suas especificidades – incluindo imigrantes, pessoas em situação de rua, povos tradicionais etc. – é necessário, envolvendo também as OSC que trabalham com essas populações.
- Entrelaçando a discussão da empregabilidade à educação, é importante que o desenvolvimento de competências para o mundo do trabalho seja incorporado no ensino médio regular, não somente no ensino técnico: cooperação, trabalho em equipe, empreendedorismo, autonomia, busca de soluções etc.

- Uma melhor conexão entre oferta (formações, profissões, perfis, competências) e demanda (oportunidades) é fundamental. Em alguma medida, muitas das iniciativas voltadas à formação de jovens para o mercado de trabalho estão preparando-os para um mundo que não vai mais existir. A contratação de jovens começa a migrar para uma situação em que não ter diploma de graduação pode começar a se tornar normal. Importante sensibilizar as empresas para o tema, pois, além de muitas vezes demandarem competências que os jovens não precisam ter na execução do seu trabalho cotidiano, apenas os currículos não traduzem a vocação e os talentos que os candidatos possam ter.
- A promoção da inserção produtiva de pessoas em vulnerabilidades e grupos minoritários precisa garantir o ambiente de acolhimento necessário nas empresas, para que permaneçam e tenham melhores condições de aprendizado naquele ofício e, por conseguinte, maiores chances de seguir progredindo na carreira. As empresas precisam promover uma cultura de acolhimento permanente.
- No Brasil pós-pandêmico, não se pode pensar em inclusão produtiva sem considerar a assistência social. Evidências mostram que a oferta de formações é mais eficaz quando acompanhada da disponibilização de subsídios financeiros que assegurem ao indivíduo condições para focar em sua formação. Também considerar microsseguros e planos de desenvolvimento para trabalhadores informais, que na pandemia foram imensamente afetados.

PARA SABER MAIS

- FUNDAÇÃO ARYMAX. Inclusão produtiva.
- GIFE. Censo GIFE 2018. 2019.
- GIFE. Censo GIFE 2018: temas e focos de atuação. 2019.
- GIFE. Da educação à inclusão produtiva. 11º congresso GIFE. Série Fronteiras Coletivas, podcast n. 5.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Extrema pobreza atinge 13,5 milhões de pessoas e chega ao maior nível em 7 anos.



CLIQUE NO
CONTEÚDO PARA
SABER MAIS

CLIQUE PARA
VOLTAR AO MENU



cultura

No Brasil, nas últimas décadas, a cultura recebeu muito apoio do ISP e o setor cultural se desenvolveu. Isso porque a política cultural do Brasil está ancorada nas leis de incentivo, especialmente na conhecida lei Rouanet, que tem mais de trinta anos e é muito utilizada por investidores sociais.

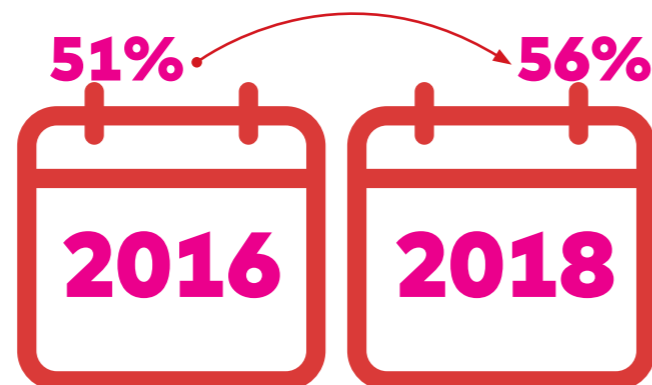
A lei Rouanet aporta mais de um bilhão de reais para o setor da cultura no Brasil, um volume de recursos maior do que o total de investimento da própria Secretaria Especial de Cultura. Isso deixa claro a importância da parceria entre a cultura e o setor privado e, por conta dessa relação tão estreita e da importância da cultura em uma sociedade, essa é uma agenda importante para o setor.

O GIFE se dedica à valorização da cultura, especialmente, por meio das trocas e debates promovidos no âmbito da Rede Temática de Cultura.

O ano de 2020 foi muito difícil para a cultura brasileira. Com a pandemia, o setor cultural foi o primeiro a parar e, possivelmente, será o último a retomar as atividades de maneira completa. Ao mesmo tempo, há um consenso sobre a importância de todas as formas de manifestações artístico-culturais para que, como indivíduos e sociedade, se pudesse lidar com o contexto pandêmico e o confinamento. A cultura teve que se reinventar para sobreviver e cumprir seu fundamental papel social.

DADOS DE CONTEXTO

A ATUAÇÃO EM AGENDAS DE CULTURA E ARTE PASSOU DE 51% PARA 56% ENTRE 2016 A 2018, SEGUNDO OS RESPONDENTES DO CENSO GIFE 2018.



SÃO 31% DAS ORGANIZAÇÕES DO ISP QUE EXECUTARAM PROJETOS PRÓPRIOS EM CULTURA E 32% QUE APOIARAM PROJETOS E PROGRAMAS DE TERCEIROS.



COM 56% DAS ORGANIZAÇÕES RESPONDENTES DO CENSO GIFE 2018 COM FOCO EM CULTURA E ARTES, ESSA FOI CONSIDERADA A TERCEIRA TEMÁTICA MAIS IMPORTANTE PARA O ISP.

TEMAS E PRIORIDADES PARA OS PRÓXIMOS ANOS

- A pandemia trouxe grandes desafios para as atividades culturais, que foram reinventadas e reorganizadas. A cultura se mostrou importante agente de equilíbrio mental das pessoas, que obtiveram, com o consumo da produção cultural virtual, uma válvula de escape.
- As ações culturais nos territórios projetam artistas como líderes comunitários e eles se tornam referência de diálogo com a sociedade. Também se tornam líderes políticos e influenciam agendas. Seu fortalecimento se faz necessário nos territórios, com reconhecimento dentro dos movimentos periféricos.

- Ações de democratização da cultura precisam ser incentivadas. Muitas ações se reinventaram e foram para o universo virtual de forma gratuita, contribuindo para uma democratização da cultura. Porém, as desigualdades sociais são escancaradas quando há falta de internet para uma grande camada da população.
- A cultura deve ser entendida como lugar de comunicação e formação do repertório coletivo.
- Formulação de políticas públicas e fortalecimento de legislações alinhadas às realidades culturais, com toda a sua diversidade e abrangência, são temas importantes, bem como produzir dados e pesquisas sobre o legado da cultura.
- O Fundo Nacional de Cultura e o Mecenato, conjunto de incentivos de natureza fiscal que se traduzem na redução de impostos para quem contribui com a proteção de artistas e das artes e promove o desenvolvimento cultural do país, precisam ser fortalecidos.
- Manifestações culturais diversas devem ser vistas pelo ISP como ações a serem apoiadas. O ISP pode apoiar a criação de iniciativas como o LAB Fantasma, um *hub* de entretenimento que tem gravadora, editora, produtora de eventos e marca de *streetwear*. Fundado pelos irmãos Emicida e Fióti, desde 2009 trabalha com o propósito de transformar a realidade do mercado da música e da moda, colocando a cultura das ruas como protagonistas.
- Exigências e burocracia de leis, editais, prestação de contas e modelos de formatação de projetos precisam ser reduzidas, uma vez que tais arranjos concentram recursos e repelem uma enorme massa de empreendedores e artistas pouco familiarizados com a gestão de projetos e sem equipes de suporte.

PARA SABER MAIS

- GIFE. Arte, cultura e investimento social. 11º congresso GIFE. Série Fronteiras Coletivas: podcast, n. 6.
- GIFE. Censo GIFE 2018. 2019.
- GIFE. Censo GIFE 2018: temas e focos de atuação. 2019.
- GIFE. Cooperação e investimento social por cidades justas e sustentáveis. 11º congresso GIFE. 2020.
- GIFE. Desafios e contribuições para a cultura e comunicação cidadã na pandemia. WebHour GIFE, n. 5.



CLIQUE NO
CONTEÚDO PARA
SABER MAIS

CLIQUE PARA
VOLTAR AO MENU



leitura e escrita

Ler e escrever são como alimentos para as pessoas desenvolverem a razão e a sapiência, expandirem suas visões de mundo, aumentarem seus repertórios e sua sensibilidade, além de ferramentas essenciais para o acesso ao mercado de trabalho. Mas mais do que isso, aprender a ler e escrever é um direito fundamental, inclusive para que possam ser exercidos outros direitos e deveres de cidadania.

No Brasil, esse ainda é um enorme desafio. Segundo dados da PNAD 2019, o país ainda tem 6,6% da população analfabeta, o que corresponde a um universo de quase 11 milhões de pessoas. Dentre os letrados, a pesquisa Retratos da Leitura do Brasil (set./2020) aponta que somente metade dos brasileiros têm o hábito de ler, sendo que 30% afirmam ter dificuldades de compreender livros.

É em atendimento a esse cenário que a leitura e escrita é um tema histórico no GIFE desde 2012, quando foi criada a Rede Leitura e Escrita de Qualidade para Todos, uma das mais antigas no arco de cooperação dos atores da rede GIFE.

DADOS DE CONTEXTO



DE ACORDO COM O CENSO GIFE 2018, DENTRE OS INSTITUTOS E FUNDAÇÕES QUE TRABALHAM NO CAMPO DA EDUCAÇÃO, PRINCIPAL ÁREA TEMÁTICA DE INVESTIMENTO SOCIAL NO PAÍS, 27% TIVERAM PROJETOS ESPECIFICAMENTE VOLTADOS À PROMOÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA.

TEMAS E PRIORIDADES PARA OS PRÓXIMOS ANOS

- Maior articulação e espaços de reflexão a respeito da alfabetização e dos letramentos, entendendo que a formação de leitores se efetiva ao longo desses dois processos.
- Ampliação do diálogo entre os campos da educação e da cultura para avançar na construção de políticas públicas de leitura e escrita, melhor integradas, menos segmentadas.
- Sistematização e disseminação de iniciativas realizadas nos diferentes territórios do país como forma de inspirar e mobilizar toda a sociedade a participar da construção, implementação e controle social de políticas públicas de leitura e escrita, assegurando-as como direito de todas as pessoas.

- Fortalecimento de práticas e construção de narrativas de leitura e escrita, garantindo diferentes perspectivas, de acordo com as especificidades dos territórios e pertencimentos étnico-raciais, de gênero, entre outros.
- Sensibilização e mobilização do ISP para apoiar a sustentabilidade das ações desenvolvidas pela sociedade civil no campo da leitura e da escrita, em especial no contexto atual e posterior à pandemia da Covid-19.
- Criação de agendas, diálogos e cooperação com as diversas instâncias governamentais, de modo a intensificar seu compromisso com a efetivação das políticas públicas de leitura e escrita, por exemplo com *advocacy* pela isenção de taxa de livros em um país onde já se lê tão pouco.
- Discussão e publicidade a dados, evidências e experiências que vêm sendo produzidas por diferentes atores da sociedade civil no campo da leitura e escrita, como modo de influenciar percepções e agendas da sociedade.
- Apoio, político e financeiro, para a implementação do Plano Nacional de Leitura e Escrita, por meio do incentivo à efetivação dos planos (estaduais e municipais) do livro, leitura, literatura e bibliotecas.
- Incentivo a políticas de promoção da equidade, apoiando iniciativas realizadas pela sociedade civil que buscam assegurar o direito à leitura e à escrita às pessoas com deficiência.

PARA SABER MAIS

- GIFE. Atuação em rede: leitura e escrita.
- GIFE. Censo GIFE 2018. 2019.
- GIFE. Censo GIFE 2018: temas e focos de atuação. 2019.
- GIFE. Transformação em verso e prosa. 11º congresso GIFE. Série Fronteiras Coletivas, podcast, n. 7
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa nacional por amostra de domicílios. 2019.
- INSTITUTO PRÓ-LIVRO. Retratos da leitura no Brasil. 5ª edição.
- LEQT – Rede Leitura e Escrita de Qualidade para Todos. Indicadores LEQT: qualidade em projetos de leitura.



CLIQUE NO CONTEÚDO PARA SABER MAIS

CLIQUE PARA VOLTAR AO MENU

equidade racial

Não há dúvidas de que a equidade racial é uma pauta prioritária para a filantropia e o investimento social brasileiro. Nos últimos anos, o tema vem ocupando os espaços de conversa e reflexão do setor e, em menor medida, sua ação. Um grupo de institutos, fundações e empresas engajados em incorporar o recorte racial em suas estratégias finalísticas começa a se adensar, revisando suas próprias organizações para evitar a reprodução da desigualdade nas equipes e na governança.

É sabido como a desigualdade racial permanece como fardo inaceitável na sociedade brasileira. Isso é retratado no noticiário, em quaisquer indicadores de violência, acesso a emprego e renda, representatividade política. O racismo institucional se faz presente no convívio social do país. E urge que esse cenário seja revertido.

A crise da Covid-19, somada a outras tragédias ao longo de 2020, reforça e renova o chamado para que a sociedade lance um olhar mais sensível sobre as desigualdades históricas do país e para que os diferentes setores se sintam corresponsáveis pela mudança.

Por tudo isso, são cada vez mais frequentes e intensas as reflexões sobre como o racismo opera dentro do campo da filantropia e do ISP e sobre formas de tornar o setor mais justo e antirracista nas mais variadas dimensões.

DADOS DE CONTEXTO

DE ACORDO COM O CENSO GIFE 2018, **10% DAS ORGANIZAÇÕES AFIRMAM FOCALIZAR A POPULAÇÃO NEGRA EM SEUS PROGRAMAS E PROJETOS.** O PERCENTUAL CAI PARA 2% QUANDO SE TRATA DE DEFINIR ORGANIZAÇÕES COM A POPULAÇÃO NEGRA, A EQUIDADE RACIAL OU O COMBATE AO RACISMO COMO FOCO PRIORITÁRIO.



APENAS 8% DAS ORGANIZAÇÕES CONTAM COM NEGROS EM SEUS CONSELHOS DELIBERATIVOS, NÚMERO LEVEMENTE MELHOR DO QUE NO CENSO 2016 (3%). AINDA ASSIM, **MUITO LONGE DE UM MÍNIMO SATISFATÓRIO.**

TEMAS E PRIORIDADES PARA OS PRÓXIMOS ANOS

- A reflexão e a atuação de combate à desigualdade racial precisam se tornar estratégia central e contínua no enfrentamento da desigualdade estrutural no país. O ISP pode fomentar uma perspectiva de atuação antirracista que impacte a construção de respostas institucionais à injustiça racial na sociedade, em particular durante a pandemia (uma vez que a população negra é e segue sendo a mais afetada).
- Em busca de uma sociedade civil mais plural, é importante que as organizações do campo da filantropia criem e ampliem estratégias e práticas de fortalecimento de organizações negras, de movimentos negros e de suas lideranças. Por exemplo, investindo maciçamente na formação de lideranças e renovação de quadros, aproveitando o aumento da proporção de jovens e professores negros nas universidades. A representação política da população negra precisa crescer.

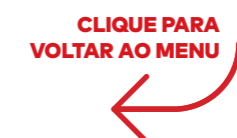
- Com vistas a garantir trabalho e renda a negros, o ISP pode contribuir com ações afirmativas e com recortes raciais em seus programas, projetos e doações. É importante que as lideranças do setor vocalizem a necessidade da continuidade do auxílio emergencial no contexto de pandemia, já que a população negra é a mais afetada.
- Considerando a representação do tema de educação nos projetos do campo, o ISP pode investir decisivamente em uma educação antirracista, já que a educação pública de qualidade para todos pode ser um expediente fundamental na promoção da equidade racial. Educação e cultura são instrumentos para disputar o imaginário social no enfrentamento do autoritarismo e do apagamento das experiências coletivas do povo negro.
- O recorte da juventude negra, em particular, precisa se tornar prioridade na agenda racial – pela necessidade de promoção, significado e potência (cultural, de trabalho etc.), mas também pelo brutal número de assassinatos cometidos contra essa parcela da população brasileira.
- Gênero e raça precisam ser abordados de forma interseccional, pois se reforçam mutuamente.
- Fomento e apoio a ações afirmativas podem ocorrer a partir do engajamento de empresas, institutos e fundações para revisar suas práticas internas, composição das equipes, códigos laborais pautados pela branquitude e governança.
- O racismo está presente em todos os espectros da vida social, de modo que a promoção da equidade racial deve ser aproximada, articulada e integrada com outras agendas estruturantes, como saúde, educação, cultura, desenvolvimento econômico etc.
- Mais pessoas e organizações brancas precisam se engajar na agenda antirracista e de equidade racial, dividindo com a população negra os esforços e resultados em prol de uma sociedade mais inclusiva e menos desigual.

PARA SABER MAIS

- GIFE. Censo GIFE 2018. 2019.
- GIFE. Censo GIFE 2018: temas e focos de atuação. 2019.
- GIFE . Investimento social para a equidade racial. 11º congresso GIFE. Painel Agenda Pública. 2020.
- GIFE. O que o ISP pode fazer por... equidade racial.



CLIQUE NO
CONTEÚDO PARA
SABER MAIS



CLIQUE PARA
VOLTAR AO MENU

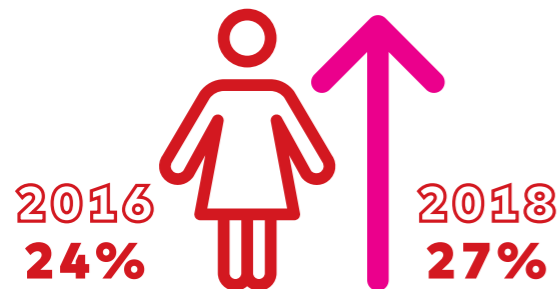
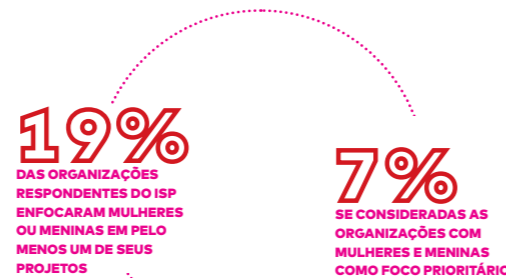
direito das mulheres

Os direitos das mulheres são uma pauta cada vez mais em evidência na sociedade e no ISP, transversal a muitos temas tradicionalmente postos na agenda pública da sociedade, como saúde, educação, segurança pública, cultura, geração de renda, sexualidade, representatividade política, para ficar em poucos exemplos. A lista dos desafios para os direitos das mulheres hoje no Brasil é bastante extensa e vão desde menores salários e maiores taxas de desemprego, passam pela baixa taxa de ocupação de mulheres ocupando cargos de liderança nas empresas e na representação política brasileira, chegando aos níveis inadmissíveis de violência de toda ordem a que estão expostas, muitas vezes dentro da própria casa.

Soma-se a todo esse contexto questões e disputas conceituais e políticas em torno dos significados de feminismo, com a emergência de valores ultraconservadores que frequentemente contrapõem direitos, narrativas que obscuramente visam confundir o debate público de promoção dos direitos das mulheres e a pouca visibilidade da dimensão racial no debate sobre gênero.

DADOS DE CONTEXTO

SEGUNDO O CENSO GIFE 2018, **19% DAS ORGANIZAÇÕES RESPONDENTES DO ISP ENFOCARAM MULHERES OU MENINAS EM PELO MENOS UM DE SEUS PROJETOS OU PROGRAMAS. ESSE NÚMERO CAI PARA 7% SE CONSIDERADAS AS ORGANIZAÇÕES COM MULHERES E MENINAS COMO FOCO PRIORITÁRIO.**



NO MONTANTE TOTAL DE MEMBROS DOS CONSELHOS, **A PROPORÇÃO DE MULHERES CRESCERAM 3 PONTOS PERCENTUAIS, SUBINDO DE 24% EM 2016 PARA 27% EM 2018. O QUE INDICA QUE, APESAR DA MELHORIA RECENTE, AINDA HÁ OPORTUNIDADE PARA TORNAR OS CONSELHOS MAIS PLURAIS.**

TEMAS E PRIORIDADES PARA OS PRÓXIMOS ANOS

- As iniciativas focadas em gênero ainda são incipientes e há muito espaço para avançar nos próximos anos. O tema deve ser percebido em sua transversalidade com as agendas de saúde, educação, segurança pública, cultura, economia, políticas públicas, sexualidade, representatividade política, governança e gestão etc.

- A diversidade é facilmente visualizada na sociedade brasileira. É preciso vê-la também nas organizações, nos espaços de poder e nos processos políticos.
- Tal como preconizado no ODS 5, é importante promover o engajamento do setor privado e da sociedade civil na agenda, tornando-a um esforço de toda a sociedade.
- No que diz respeito às organizações do ISP, é preciso evoluir no enfoque de gênero nas agendas, programas e projetos e, também, nas organizações.
- O apoio a organizações e coletivos que trabalham com equidade de gênero precisa ser ampliado, com mais espaço para formação e suporte a lideranças femininas e inclusão de mulheres nos canais institucionais da esfera pública.
- Quanto a possíveis iniciativas para a agenda de gênero, o ISP pode desenvolver e apoiar campanhas educativas, formação de operadores de políticas públicas, desenvolvimento de soluções inovadoras para segurança das mulheres, financiamento de equipamentos públicos voltados ao cuidado de mulheres vítimas de violência, produção de dados abertos, projetos de inclusão das mulheres no mercado de trabalho, fortalecimento de lideranças, organizações e movimentos sociais já existentes e consolidados de defesa dos direitos das mulheres.
- Campanhas e processos de sensibilização da sociedade e de mudança cultural para a equidade de gênero, com produção e disseminação de conhecimento, iniciativas de comunicação, campanhas de engajamento e envolvimento dos homens na reflexão sobre as relações de gênero, também requerem apoio.

PARA SABER MAIS

- GIFE. Censo GIFE 2018. 2019.
- GIFE. Censo GIFE 2018: temas e focos de atuação. 2019.
- GIFE. ISP tema: direitos das mulheres.
- ONU – Organização das Nações Unidas. Notícias: covid-19 mulheres a frente e no centro.



CLIQUE NO
CONTEÚDO PARA
SABER MAIS

CLIQUE PARA
VOLTAR AO MENU



desenvolvimento territorial

A dedicação a processos de ação e colaboração para o desenvolvimento regional e territorial em pontos diversos do país insere-se entre as dimensões principais da atuação do ISP no Brasil.

Seja a partir do envolvimento de grandes empresas, com a promoção da ação cidadã e pública nas regiões em que têm unidades de negócio, seja pela iniciativa de fundações, institutos familiares ou independentes comprometidos com a adoção do território como espaço central para a condução de processos abrangentes de desenvolvimento e cooperação multissetorial, são inúmeros os casos de organizações trabalhando com essa perspectiva – conjugam esforços cotidianos com outros agentes da sociedade civil local, a partir de uma visão integralizada do território, do desenvolvimento das políticas públicas locais e do fortalecimento das comunidades contempladas.

DADOS DE CONTEXTO

CONFORME O CENSO GIFE 2018, 54% DOS RESPONDENTES TRABALHAM COM A ESTRATÉGIA DE DESENVOLVIMENTO LOCAL, TERRITORIAL OU COMUNITÁRIO.

54%

TEMAS E PRIORIDADES PARA OS PRÓXIMOS ANOS

- Práticas de desenvolvimento territorial podem ser pensadas como formas de organizar a intervenção, a mobilização e a coordenação de capitais. Implicam esforços e compromissos compartilhados de um conjunto de atores comprometidos com um território, incluindo os investidores sociais. Assim, articular e coordenar trabalhos em rede com atores locais é fundamental para que as organizações do ISP ampliem suas capacidades de gestão estratégica e apoiem arranjos com governança diversa, envolvendo atores locais para priorizar, dimensionar e construir agendas, implementar e avaliar as iniciativas.
- O fortalecimento da gestão e das políticas públicas locais é crucial para efetivar as transformações sociais almejadas e dar sustentabilidade às ações e projetos do ISP. Enquanto organizações públicas são diretamente responsáveis pela gestão do território (especialmente se afastado dos grandes centros), as organizações do ISP podem apoiar sua qualificação, fortalecendo suas capacidades institucionais.
- O reconhecimento dos saberes locais e a valorização de sua escuta são posturas essenciais para melhor compreender as demandas do território, enfrentar problemas e desenhar modelos de governança local, alcançando uma visão integrada do território. Os territórios são dinâmicos, estão em constante transformação e

guardam singularidades de história, realidade, cultura e demandas, de forma que atuar pelo desenvolvimento do território impõe também uma abertura permanente do ISP em acolher essas nuances na orientação de sua atuação.

- Os territórios são formados por pessoas, de modo que elas devem ser o centro das estratégias de atuação e das transformações sociais.
- O ISP deve trabalhar de forma equilibrada, buscando balancear ações estruturantes e de longo prazo com ações de curto prazo, que surgem a partir da própria dinâmica dos territórios (como as questões emergenciais relacionadas à pandemia de Covid-19 ou outros eventos não previsíveis que afetam a vida das comunidades, como secas, inundações, apagões, impactos de grandes obras etc.).
- Os indicadores de avaliação de impactos têm que revelar não apenas os resultados almejados, mas também o aprendizado com os processos.
- Os temas e espaços que importam ao convívio cotidiano de determinada população são os prioritários para apoio, promoção e fortalecimento da participação social territorial. Nesse movimento, é fundamental trabalhar por promover a formação, ascensão e engajamento de novas lideranças locais, principalmente jovens (e, em particular, junto a esse público, considerar a tecnologia como instrumento de conexão e integração entre atores territoriais e de engajamento cidadão).
- O ISP deve reconhecer os interesses e as relações de poder envolvidas no trabalho de desenvolvimento territorial, valorizando as diversas lideranças comunitárias e se colocando como mais um entre os atores imbricados nos processos.
- A identificação de elementos comuns das experiências de atuação nos territórios, com vistas a ampliar o repertório de práticas e estratégias replicáveis, deve permeiar a atuação do ISP. E, com isso, auxiliar a sociedade civil local a reconhecer o trabalho e as potências que ela mesma produz nos seus territórios e evidenciar cases que possam ser reproduzidos em contextos territoriais parecidos.
- Boas experiências de planejamento estratégico territorial devem ser fomentadas para produzir estratégias alinhadas com a sociedade, o local e o território.
- Experiências de zeladoria por espaços públicos, criando espaços bem concebidos e conservados, reduzem a taxa de criminalidade local, bem como aumentam a possibilidade de atividades sociais e culturais formais ou informais, contribuindo para uma maior familiaridade e segurança das pessoas no espaço.

PARA SABER MAIS

- GIFE. Censo GIFE 2018. 2019.
- GIFE. Censo GIFE 2018: temas e focos de atuação. 2019.



CLIQUE NO CONTEÚDO PARA SABER MAIS

CLIQUE PARA VOLTAR AO MENU



amazônia

Ainda que a Amazônia tenha recebido investimentos ao longo das últimas décadas – com destaque aos internacionais –, a urgência e relevância dessa agenda para o Brasil e o mundo a torna prioritária, sendo necessária a ampliação da colaboração e a mobilização de mais esforços e recursos.

A agenda Amazônia exige uma revisão dos paradigmas de desenvolvimento do país. Esse debate tem acontecido e, ainda que existam muitos pontos de conflito, também se apresentam inúmeras oportunidades.

A dicotomia entre a preservação da Amazônia e o seu desenvolvimento social e econômico precisa ser superada. São inúmeros os exemplos de experiências exitosas que conjugam os dois aspectos, cujas práticas precisam ser estendidas e adotadas como via principal.

DADOS DE CONTEXTO

ENTRE AS 133 ORGANIZAÇÕES DO CENSO GIFE 2018, **38 TÊM PROJETOS EM ESTADOS DA AMAZÔNIA LEGAL, OU 29% DO TOTAL.**



A AMAZÔNIA LEGAL É A 5ª REGIÃO DO BRASIL COM MAIS ORGANIZAÇÕES DE FILANTROPIA ATUANDO.

O CENSO GIFE IDENTIFICOU **932 PROJETOS OU PROGRAMAS, DOS QUAIS 121 NOS ESTADOS DA AMAZÔNIA LEGAL, REPRESENTANDO 13% DO TOTAL DE PROJETOS DECLARADOS NA PESQUISA. DELES, 41% TINHAM FOCO EM EDUCAÇÃO.**



TEMAS E PRIORIDADES PARA OS PRÓXIMOS ANOS

- Ampliação, fortalecimento e desenvolvimento do engajamento e da atuação do setor na agenda amazônica: "amazonizar" o investimento social e a filantropia brasileira.
- A atuação da filantropia e do ISP na Amazônia deve considerar que a região é permeada por uma disputa fundamental de paradigmas: ainda que concepções alternativas estejam ganhando mais visibilidade, há dicotomia entre a busca pelo desenvolvimento econômico e a conservação ambiental. Essa tensão se torna ainda mais complexa quando consideradas as populações que ali vivem e fazem parte dessas dinâmicas, em especial tendo em vista as gritantes desigualdades (econômicas, educacionais, de acesso a serviços públicos etc.) que os mais de 20 milhões de habitantes da região vivenciam.
- A filantropia na região amazônica precisa ser humanizada, levando em conta as populações indígenas, quilombolas, ribeirinhas e urbanas da região, com escuta atenta às suas necessidades e cocriando soluções com os habitantes da região.
- A prioridade é a coordenação de esforços que tenham como premissa uma abordagem de longo prazo e sistêmica.
- Uma agenda comum para o território amazônico, em parceria com a gestão pública municipal e estadual, deve levar em conta todas as dimensões de desenvolvimento.
- Parcerias entre governos, empresas, sociedade civil, filantropia nacional e internacional precisam guiar os investimentos para o desenvolvimento do território. Para tanto, faz-se necessário fortalecer as instituições e organizações locais.
- O investimento na Amazônia em saúde, educação, geração de trabalho e renda, no desenvolvimento de cidades sustentáveis, deve integrar a preservação ambiental.
- Duas das principais agendas que ameaçam a Amazônia são o risco de colapso climático e a gravidade da situação de proteção aos direitos humanos, provocada pelo aumento da violência dos conflitos fundiários e relacionados ao garimpo.

- Outras agendas que são estruturantes para o desenvolvimento do território amazônico estão relacionadas à governança, aumento do desmatamento e das queimadas, avanço do narcotráfico e poluição urbana e por mercúrio.
- Mais investimentos na produção de conhecimento da Amazônia para identificar vocações, ampliar as informações sobre os ativos florestais e criar novas oportunidades de desenvolvimento da bioeconomia da região são necessários.

PARA SABER MAIS

- GIFE. Censo GIFE 2018. 2019.
- GIFE. Investimento social pela Amazônia. 11º congresso GIFE: mesa. 2020.
- GIFE. Investimento social por Amazônia e clima. 11º congresso GIFE: live. 2020.
- GIFE. Investimento social pela Amazônia.



CLIQUE NO
CONTEÚDO PARA
SABER MAIS

CLIQUE PARA
VOLTAR AO MENU



clima

A mudança climática é um fato científico e as consequências dela já não são possibilidades de futuro, mas uma realidade do presente. Afetam a vida de todos, especialmente de populações mais vulneráveis, e têm um enorme impacto social e ambiental.

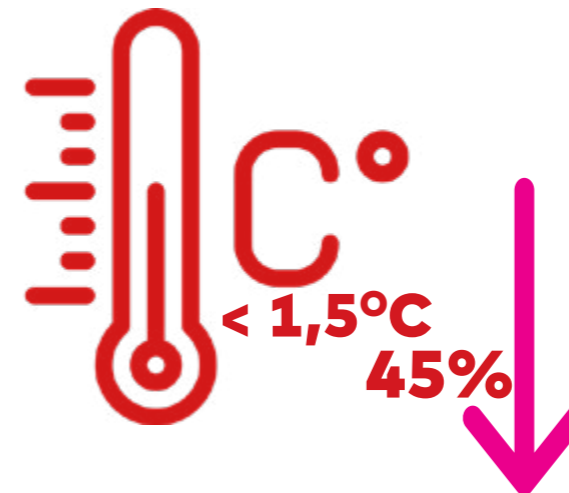
Considerando a complexidade, abrangência e urgência desse debate, o ISP pode ter um papel estratégico em diferentes frentes, ampliando seu investimento ou atuando de modo transversal a outros temas que já são foco das organizações.

DADOS DE CONTEXTO

SEGUNDO O OBSERVATÓRIO DO CLIMA, **O BRASIL FOI RESPONSÁVEL POR 4% DAS EMISSÕES BRUTAS E POR 5% DAS EMISSÕES LÍQUIDAS GLOBAIS DE GASES DE EFEITO ESTUFA NA ATMOSFERA, ENTRE 1990 E 2016**, ANO EM QUE O PAÍS EMITIU 2,27 BILHÕES DE TONELADAS BRUTAS DE GÁS CARBÔNICO, SENDO A AGROPECUÁRIA A PRINCIPAL FONTE DE EMISSÃO (74%).



O BRASIL FOI RESPONSÁVEL POR 4% DAS EMISSÕES BRUTAS E POR 5% DAS EMISSÕES LÍQUIDAS GLOBAIS DE GASES DE EFEITO ESTUFA NA ATMOSFERA



O CLIMAINFO APONTA QUE, **PARA MANTER O AQUECIMENTO ABAIXO DE 1,5°C, AS EMISSÕES DE DIÓXIDO DE CARBONO TERIAM QUE DIMINUIR CERCA DE 45% ENTRE 2010 E 2030, E AS EMISSÕES LÍQUIDAS DE GASES DE EFEITO ESTUFA, ZERADAS ATÉ 2050.**

MENOS DE 2,5% DOS INVESTIDORES SOCIAIS RESPONDENTES DO CENSO GIFE ATUARAM EM INICIATIVAS DE COMBATE ÀS MUDANÇAS CLIMÁTICAS EM 2018.

**2,5%
ATUARAM NO COMBATE
ÀS MUDANÇAS
CLIMÁTICAS EM 2018**

TEMAS E PRIORIDADES PARA OS PRÓXIMOS ANOS

- A questão climática pode ser incorporada de modo transversal às áreas de atuação já existentes nas organizações de ISP e filantropia. A relação do tema das mudanças climáticas com todos os outros desafios coletivos precisa se tornar mais concreta e objetiva.
- A agenda climática deve se aproximar da agenda de garantia de direitos. As consequências das mudanças climáticas têm sido uma barreira importante para garantir direitos básicos às populações mais vulneráveis, de modo que deve haver um diálogo muito maior e intenso entre quem atua nessas duas agendas.
- Ainda que muito se tenha estudado sobre esse tema nas últimas décadas, mais iniciativas de produção, monitoramento e disseminação de conhecimento em âmbito local são essenciais.
- Compreensão, conscientização e engajamento da sociedade de forma ampla para a causa climática é uma aliada importante para impulsionar as mudanças necessárias. Muitas vezes, o debate fica restrito à academia e espaços de especialistas, sendo preciso traduzir o conhecimento para a linguagem adequada, em diálogo com o contexto e os aspectos culturais de cada território, meio e interlocutor. Essa discussão deve chegar, da forma certa e linguagem adequada, para as populações que mais sofrem seus efeitos, por vezes com baixa consciência das suas causas e baixa participação na construção de soluções.
- Como a agenda climática requer mudanças profundas nos modelos de produção e consumo, iniciativas de *advocacy* são fundamentais para promovê-la.
- Modelos sustentáveis de negócio que levem em conta a questão climática devem ser fomentados, reconhecendo a importância fundamental do setor privado na agenda climática.
- Ferramentas financeiras que estimulem o interesse e compromisso com a responsabilidade climática devem ser desenvolvidas e implementadas.

PARA SABER MAIS

- CLIMAINFO. Climainfo.
- GIFE. A Amazônia azul. 11º congresso GIFE. Série Fronteiras Coletivas, podcast n. 9. 2020.
- GIFE. Censo GIFE 2018. 2019.
- GIFE. Censo GIFE 2018: temas e focos de atuação. 2019.
- GIFE. Diálogos contemporâneos: mudanças climáticas. 11º congresso GIFE: debate. 2020.
- GIFE. Guia ISP por mudanças climáticas.
- GIFE . Investimento social por Amazônia e clima. 11º congresso GIFE: live. 2020.
- GIFE. Mudanças climáticas.
- OBSERVATÓRIO DO CLIMA. Observatório do clima.



CLIQUE NO
CONTEÚDO PARA
SABER MAIS

CLIQUE PARA
VOLTAR AO MENU



ciência e informação

A defesa e a valorização dos modos de produção e disseminação de ciência e informação de qualidade encontra-se entre os desafios centrais do nosso tempo. Preservar e revitalizar uma esfera pública pautada pelo compromisso com a ciência e os fatos, a pluralidade de atores e ideias, a independência e o respeito ao debate são condições cada vez mais essenciais construir avanços nas várias dimensões da vida coletiva.

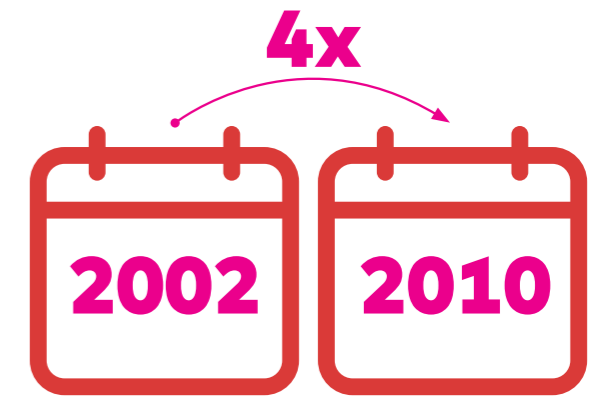
Soma-se, ainda, o desafio, também histórico, de fortalecer as bases de produção científica e difusão de conhecimento na sociedade brasileira, para amparar a cultura democrática com o bom debate de ideias na cena pública, expandir a democratização de oportunidades, realizar plenamente potenciais e/ou posicionar o país de forma efetiva para a inserção na sociedade contemporânea.

DADOS DE CONTEXTO

O BRASIL TEM UMA TRADIÇÃO CIENTÍFICA QUE PRECISA SER PRESERVADA E AMPLIADA. **O PAÍS ESTÁ ENTRE OS 15 QUE MAIS PRODUZEM CIÊNCIA NO MUNDO**, NÃO APENAS APLICADA, MAS TAMBÉM CIÊNCIA BÁSICA, DE ACORDO COM O SJR.



O GRAVE MOMENTO DA CIÊNCIA BRASILEIRA SE TRADUZ NO ABANDONO DE CARREIRAS E FUGA DE CÉREBROS. **O INVESTIMENTO PÚBLICO EM CIÊNCIA NO BRASIL QUADRUPLOU ENTRE 2002 E 2010 E ATUALMENTE, VOLTOU AO PATAMAR DO INÍCIO DOS ANOS 2000**, DE ACORDO COM O IPEA. **O INVESTIMENTO PÚBLICO EM CIÊNCIA É FUNDAMENTAL PARA QUE A CONTRAPARTIDA PRIVADA EXISTA.**



SEGUNDO O CENSO GIFE, **18% DOS INVESTIDORES SOCIAIS DECLARAM APOIAR PROJETOS RELACIONADOS À CIÊNCIA E TECNOLOGIA.**

TEMAS E PRIORIDADES PARA OS PRÓXIMOS ANOS

- O ISP tem um enorme potencial para contribuir, de forma mais ampla, com a ciência e a informação, especialmente considerando o contexto atual brasileiro que revela o agravamento de uma situação que já era preocupante e tornou-se dramática por conta da pandemia.
- O contexto atual pede um investimento muito estratégico e focalizado: identificar oportunidades e riscos para conter retrocessos.
- O investimento em educação e ciência é investimento em pessoas e no Brasil.
- Tanto a ciência quanto o jornalismo/ produção de informação precisam entrar na agenda da filantropia com status prioritário, para que o setor possa exercer o seu potencial transformador, assim como acontece na agenda de educação.

- O olhar para a diversidade, tanto na produção científica quanto na produção e disseminação de informação, é fundamental para garantir lugares de fala representativos da diversidade do Brasil.
- Recursos da filantropia são fundamentais para possibilitar inovação por meio de apoio a projetos experimentais e para testar novos formatos.
- O problema crescente de circulação de desinformação e *fake news* afeta todas as áreas da vida coletiva e tem impacto em qualquer agenda de atuação.
- O ganho de importância das redes sociais como fonte de informação para a sociedade em geral, inclusive para os públicos apoiados por ISP e filantropia, as tornam fundamentais para pensar na disseminação de informação e conteúdo relacionado a qualquer foco temático.
- O apoio a iniciativas de produção de informação independente, inclusive conteúdos produzidos pelos públicos e/ou comunidades apoiados pelas organizações de filantropia, deve ser ampliado.
- A necessidade de disseminação de informações de qualidade da forma certa e com a linguagem adequada é um desafio que precisa estar integrado às estratégias de atuação da filantropia.
- Articulação para apoiar estudantes e jovens cientistas por meio de bolsas é fundamental para que esses jovens consigam sobreviver e seguir com suas pesquisas.
- Um cientista é formado durante muito tempo – ensino fundamental, ensino médio, ensino superior, até chegar na pós-graduação. Portanto, existe uma conexão muito direta entre educação – principal tema de atuação do setor e agenda na qual o ISP tem um trabalho consolidado e estratégico – e investimento em ciência. É muito importante que a filantropia invista em cientistas com esse olhar de longo prazo, identificando oportunidades desde o início da vida escolar.

PARA SABER MAIS

- GIFE . Censo GIFE 2018: temas e focos de atuação. 2019.
- GIFE . Censo GIFE 2018. 2019.
- GIFE . Investimento social por ciência e informação. 11º congresso GIFE: painel. 2020.
- GIFE . Investimento social por ciência e informação. 11º congresso GIFE: live. 2020.
- GIFE . O que o investimento social privado pode fazer por... ciência e informação.
- NEGRI Fernanda de; KOELLER Priscila. O declínio do investimento público em ciência e tecnologia: uma análise do orçamento do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações até o primeiro semestre de 2019. Nota Técnica. IPEA, Diretoria de Estudos e Políticas Setoriais de Inovação e Infraestrutura, ago. 2019.
- SJR – Scimago Journal & Country Rank. Ranking de países. Maio 2021



CLIQUE NO
CONTEÚDO PARA
SABER MAIS

CLIQUE PARA
VOLTAR AO MENU



democracia

Reconhecer a importância e garantir a existência de instituições fortes, atuantes e independentes, da liberdade de expressão e do respeito pela pluralidade de opiniões e visões, além de buscar a equidade combinada com a redução das desigualdades, garantindo que todos os brasileiros e brasileiras possam ser ouvidos como cidadãos e participantes ativos da vida e construção democrática, são pilares fundamentais da essência da democracia.

O momento atual coloca em risco as conquistas alcançadas desde a Constituição de 1988, como marco fundamental do processo de redemocratização. A dissolução do pacto social então alcançado se traduz na erosão do pluralismo e da capacidade de convívio com diferentes, somada a ações de intimidação, intolerância, coerção, cerceamento de liberdades e vozes dissonantes.

Esse contexto de ataques ao espaço de construção democrática se tornou frequente e deteriora a capacidade coletiva de coordenar e produzir respostas em diversos temas. Tudo isso ganha uma dramaticidade ampliada e trágica no contexto da pandemia e aponta para a gravidade da crise e do ineditismo da destruição institucional vivido.

Ainda que a forma mais óbvia e direta de envolvimento da filantropia com a agenda da democracia possa ser o apoio a iniciativas que a promovem e fortalecem – e isso pode e precisa ser ampliado –, o tecido que sustenta a democracia está diretamente conectado com muitas outras formas de atuação, dado que uma sociedade civil forte, atuante, diversa, legitimada e estruturada é um de seus pilares fundamentais. É por meio da sociedade civil organizada que são criados mecanismos de participação, controle e incidência na elaboração e implementação de políticas públicas. Assim, abrem-se muitas possibilidades de contribuição do setor com essa agenda.

DADOS DE CONTEXTO

O BRASIL FOI O QUARTO PAÍS QUE MAIS SE AFASTOU DA DEMOCRACIA EM 2020, SEGUNDO O RANKING DE 202 PAÍSES ANALISADOS PELO RELATÓRIO VARIÁVEIS DA DEMOCRACIA (V-DEM), DO INSTITUTO DE MESMO NOME, LIGADO À UNIVERSIDADE DE GÖTEMBERGO, NA SUÉCIA.



NO CENSO GIFE 2018, **36% DAS ORGANIZAÇÕES INDICARAM QUE LEVAM MUITO EM CONTA AS CARACTERÍSTICAS DO AMBIENTE DE ATUAÇÃO PARA O PLANEJAMENTO DE SUAS AÇÕES NO ÚLTIMO BIÊNIO**. QUANTO AOS DOIS ANOS SEGUINTE, UMA PARCELA AINDA MAIOR DE RESPONDENTES (43%) INDICOU QUE PRETENDE CONSIDERAR MUITO O CONTEXTO DE ATUAÇÃO NO SEU PLANEJAMENTO FUTURO.



AINDA COM BASE NO CENSO GIFE 2018, OS INVESTIDORES SOCIAIS TINHAM A PERCEPÇÃO QUE O AMBIENTE DE ATUAÇÃO SE DETERIOROU MAIS PARA AS ORGANIZAÇÕES PARCEIRAS E PARA O CAMPO EM GERAL DO QUE PARA AS ORGANIZAÇÕES DE INVESTIMENTO SOCIAL. FORAM **39% OS QUE PERCEBERAM UMA DETERIORAÇÃO NO AMBIENTE DE ATUAÇÃO PARA O CAMPO EM GERAL**.

TEMAS E PRIORIDADES PARA OS PRÓXIMOS ANOS

- A expressão máxima do ambiente de cidadania é a existência de uma sociedade civil diversa, forte e atuante. O papel do ISP no fortalecimento das OSC, que já é muito relevante, pode se desenvolver, ampliar e ter uma contribuição ainda maior.
- A promoção da diversidade e representatividade na vida pública pode se dar apoiando a participação de OSC, lideranças comunitárias, movimentos sociais, coletivos etc.
- A contribuição para o fortalecimento das instituições pode se dar por meio de posicionamentos públicos e do apoio a ações de *advocacy* estratégicas, articulando com organizações e redes comprometidas com as mais variadas agendas de interesse coletivo.

- Ética e integridade em todos os espaços da esfera pública, não somente como uma meta do setor público – e nas interfaces com ele – deve pautar a atuação de todos os setores que convivem no espaço coletivo.
- O momento pede novas respostas, que não virão dos mesmos lugares. Quem melhor sabe as respostas e mudanças necessárias são as pessoas que estão trabalhando nas bases da sociedade. É preciso investir nessas pessoas: essa é a coragem que a filantropia precisa. É preciso parar de repetir modos de atuação que se tornaram automáticos.
- Valorização real e profunda da diversidade e pluralidade significa que não basta buscar novas iniciativas e organizações para apoiar, procurando espelhos nelas. É preciso arriscar e financiar pessoas que “não se parecem comigo” e “modos de fazer diferentes do meus”.
- Os recursos da filantropia e do investimento social devem ser dedicados a ações que possam incidir e transformar as bases da desigualdade, pois inclusive ações bem-sucedidas, quando analisadas isoladamente, podem estar contribuindo para perpetuar estruturas sociais que sustentam desigualdades.

PARA SABER MAIS

- GIFE . Censo GIFE 2018. 2019
- GIFE . Democracia, cidadania e participação. 11º congresso GIFE: live. 2020.
- GIFE . Diálogos contemporâneos: democracia, pluralismo e diversidade. 11º congresso GIFE: debate. 2020.
- GIFE . Doação e transformação. 11º congresso GIFE. Série Fronteiras Coletivas, podcast n. 1
- GIFE . O que o investimento social privado pode fazer por... democracia.
- GIFE . Semana do investimento social: filantropia, cidadania e democracia.
- V-DEM Institute. Autocratization turns viral: democracy report 2021. 2021.



CLIQUE NO
CONTEÚDO PARA
SABER MAIS

CLIQUE PARA
VOLTAR AO MENU



PARA SABER MAIS LISTA COMPLETA ABNT

ABCR – Associação Brasileira de Captadores de Recursos. **Associação Brasileira de Captadores de Recursos**. Disponível em: <<https://captadores.org.br/>>. Acesso em: mai. 2021.

ABCR – Associação Brasileira de Captadores de Recursos. **Monitor das doações**. Disponível em: <<https://www.monitordasdoacoes.org.br/pt>>. Acesso em: mai. 2021.

ABRAMOVAY, Ricardo. **Amazônia**: por uma economia do conhecimento da natureza. São Paulo: Elefante, 2020.

AGLER, Ellen; BOULOS, Marcos; ARROYAVE, Verónica; POLLARA, Wilson Modesto. Investimento social privado e inovação na saúde. **III Fórum Brasileiro de Filantropos e Investidores Sociais**. 2015. Disponível em: <<https://sinapse.gife.org.br/download/iii-forum-brasileiro-de-filantropos-e-investidores-sociais-palestra-investimento-social-privado-e-inovacao-na-saude>>. Acesso em: mai. 2021.

ALIANÇA PELOS INVESTIMENTOS E NEGÓCIO DE IMPACTO. **O ecossistema de investimentos e negócios de impacto entre 2015 e 2020**. São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://aliancapeloimpacto.org.br/wp-content/uploads/2020/12/2020-relatorioalianca-15-20-v09.pdf>>. Acesso em: mai. 2021.

ALIANÇA PELOS INVESTIMENTOS E NEGÓCIO DE IMPACTO. **Visões de futuro para a agenda de impacto no Brasil**: recomendações para o avanço dos investimentos e negócios de impacto até 2025. São Paulo, 2021. Disponível em: <<https://aliancapeloimpacto.org.br/wp-content/uploads/2021/03/alianca-interativo.pdf>>. Acesso em: mai. 2021.

ALIANÇA PELOS INVESTIMENTOS E NEGÓCIOS DE IMPACTO. **Recomendações até 2025**. Disponível em: <<http://aliancapeloimpacto.org.br/recomendacoes/>>. Acesso em: mai. 2021.

ALMEIDA, Eloísa Machado de; FERRARO, Luíza Pavan. **Agenda da sustentabilidade econômica das organizações da sociedade civil no Supremo Tribunal Federal**. GIFE, 2020. Disponível em: <<https://sinapse.gife.org.br/download/agenda-da-sustentabilidade-economica-das-organicoes-da-sociedade-civil-no-supremo-tribunal-federal>>. Acesso em: mai. 2021.

BRETTAS, Gabriela. **Olhares sobre a atuação do investimento social privado no campo de negócios de impacto**. GIFE, 2018. Disponível em: <<https://sinapse.gife.org.br/download/olhares-sobre-a-atuacao-do-investimento-social-privado-no-campo-de-negocios-de-impacto>>. Acesso em: mai. 2021.

CAF – Charities Aid Foundation. **Brasil giving report 2019**. 2019. Disponível em: <https://idis.org.br/pesquisadoacaobrasil/wp-content/uploads/2016/10/PBD_IDIS_Sumario_2016.pdf>. Acesso em: mai. 2021.

CAMPOS, Julio Nunes. Conectando o investimento social privado aos negócios de impacto ambiental: o papel das organizações intermediárias. **GIFE**, 2020, v. 2, n. 2. DOI: 10.33816/gife.20200202a3. Disponível em: <<https://sinapse.gife.org.br/download/conectando-o-investimento-social-privado-aos-negocios-de-impacto-ambiental-o-papel-das-organicoes-intermediarias>>. Acesso em: mai. 2021.

CANDID. **What is a community foundation?** Where can I learn more about them? 2020. Disponível em: <<https://learning.candid.org/resources/knowledgebase/community-foundations/>>. Acesso em: mai. 2021.

CFA – Community Foundation Atlas. **Community Foundation Atlas Project**. 2014. Disponível em: <<https://communityfoundationatlas.org/facts/>>. Acesso em: mai. 2021.

CFC – Community Foundations of Canada. **What is a community foundation?** 2018. Disponível em: <<https://www.communityfoundations.ca/wp-content/uploads/2019/05/What-is-a-Community-Foundation-english.pdf>>. Acesso em: mai. 2021.

CHARLES STEWART MOTT FOUNDATION; IDIS – Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social. **Filantropia comunitária**: terreno fértil para o desenvolvimento social. IDIS, 2019. Disponível em: <<https://sinapse.gife.org.br/download/filantropia-comunitaria-terreno-fertil-para-o-desenvolvimento-social>>. Acesso em: mai. 2021.

CITI FOUNDATION; SYNERGOS. **Financiamento baseado em relações de confiança**: análise sobre a importância do financiamento operacional geral e do desenvolvimento de competências institucionais. 2020. Disponível em: <<https://sinapse.gife.org.br/download/financiamento-baseado-em-relacoes-de-confianca-analise-sobre-a-importancia-do-financiamento-operacional-geral-e-do-desenvolvimento-de-competencias-institucionais>>. Acesso em: mai. 2021.

PARA SABER MAIS

CLIMAINFO. **Climainfo**. Disponível em: <<https://climainfo.org.br/>>. Acesso em: mai. 2021.

DALBERG. **The impact of covid-19 on the global philanthropic sector**: CEO barometer survey and deep-dive interview result. 5 jun. 2020. Disponível em: <<https://dalberg.com/wp-content/uploads/2020/06/The-Impact-of-COVID-19-on-the-Global-Philanthropic-Sector-Report.pdf>>. Acesso em: mai. 2021.

DOAN, Dana R. H. **What is community philanthropy?** A guide to understanding and applying community philanthropy. Global Fund for Community Philanthropy, 2019. Disponível em: <<https://globalfundcommunityfoundations.org/wp-content/uploads/2019/08/WhatIsCommunityPhilanthropy.pdf>>. Acesso em: mai. 2021.

DOC SOCIETY. **O guia de campo para o impacto**: da arte ao impacto. 2015. Disponível em: <<https://sinapse.gife.org.br/download/o-guia-de-campo-para-o-impacto-da-arte-ao-impacto>>. Acesso em: mai. 2021.

DONNINI, Thiago. **O investimento social privado e o modelo de acordo de cooperação do MROSC**. GIFE, 2020. DOI: 10.33816/gife.20200202a2. Disponível em: <<https://sinapse.gife.org.br/download/o-investimento-social-privado-e-o-modelo-de-acordo-de-cooperacao-do-mrosc>>. Acesso em: mai. 2021.

FGV Social. **A escalada da desigualdade**: qual foi o impacto da crise sobre distribuição de renda e pobreza? 2019. Disponível em: <<https://cps.fgv.br/desigualdade>>. Acesso em: mai. 2021.

FIIMP – Fundações e Institutos de Impacto. **Nossa jornada de aprendizado em finanças sociais e negócios de impacto**. São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://sinapse.gife.org.br/download/27910>>. Acesso em: mai. 2021.

FUNDAÇÃO ARYMAX. **Inclusão produtiva**. Disponível em: <<https://arymax.org.br/conhecimento/inclusaoprodutivanobrasil/>>. Acesso em: mai. 2021.

FUNDAÇÃO TIDE SETUBAL. **Comunicação de causas**: reflexões e provocações para novas narrativas. 2020. Disponível em: <<https://fundacaotidesetubal.org.br/publicacoes/comunicacao-de-causas-reflexoes-e-provocacoes-para-novas-narrativas/#>>. Acesso em: mai. 2021.

GFCF – Global Fund Community Foundations. **What we stand for**. Disponível em: <<https://globalfundcommunityfoundations.org/what-we-stand-for/shiftthepower/>>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. A Amazônia azul. **11º congresso GIFE**. Série Fronteiras Coletivas, *podcast* n. 9. 2020. Disponível em: <<https://congressogife.org.br/2020/podcast-9-a-amazonia-azul-20210316>>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. A importância do começo da vida. **11º congresso GIFE**. Série Fronteiras Coletivas, *podcast* n. 3. 2020. Disponível em: <<https://congressogife.org.br/2020/podcast-3-a-importancia-do-comeco-da-vida-20210226>>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. **Agenda de avaliação**. s.d. Disponível em: <<https://avaliacao.gife.org.br/>>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. Além da emergência: por um Brasil mais doador, sempre. **11º congresso GIFE**: mesa. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-SUHXL7MDY&ab_channel=GIFE>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. Ambiente legal para a sociedade civil e o investimento social. **11º congresso GIFE**: *webhour*. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SkSVQQwlyl0&ab_channel=GIFE>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. Apoio ao sistema de saúde e às políticas de proteção social. **WebHour GIFE**, n. 1. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Wmvr4Vu_xO8&t=709s&ab_channel=GIFE>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. Arte, cultura e investimento social. **11º congresso GIFE**. Série Fronteiras Coletivas: *podcast*, n. 6. Disponível em: <<https://congressogife.org.br/2020/podcast-6-arte-cultura-e-investimento-social-20210226>>. Acesso em: mai. 2021.

PARA SABER MAIS

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. **Atuação em rede:** criança e adolescente. Disponível em: <<https://gife.org.br/atuacao-em-rede/crianca-e-adolescente/>>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. **Atuação em rede:** leitura e escrita. Disponível em: <<https://gife.org.br/atuacao-em-rede/leitura-e-escrita/>>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. **Censo GIFE 2018:** perfil dos respondentes. Disponível em: <<https://mosaico.gife.org.br/censo-gife/temas/tipos-de-investidores-sociais/8-universo-pesquisado>>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. **Censo GIFE 2018:** infográfico. Disponível em: <<https://mosaico.gife.org.br/censo-gife/infograficos/4>>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. **Censo GIFE 2018:** colaboração e filantropia. 2019. Disponível em: <<https://mosaico.gife.org.br/censo-gife/infograficos/5>>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. **Censo GIFE 2018:** alinhamento do ISP às políticas públicas. 2019. Disponível em: <<https://mosaico.gife.org.br/censo-gife/infograficos/6>>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. **Censo GIFE 2018:** monitoramento e avaliação no ISP. 2019. Disponível em: <<https://mosaico.gife.org.br/censo-gife/infograficos/9>>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. **Censo GIFE 2018:** a comunicação no ISP. 2019. Disponível em: <<https://mosaico.gife.org.br/censo-gife/infograficos/8>>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. **Censo GIFE 2018:** temas e focos de atuação. 2019. Disponível em: <<https://mosaico.gife.org.br/censo-gife/temas/focos-de-atuacao/29-temas-e-foco-de-atuacao>>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. **Censo GIFE 2018.** 2019. Disponível em: <<https://sinapse.gife.org.br/download/censo-gife-2018>>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. **Conheça 10 instrumentos financeiros inovadores para alavancar negócios de impacto.** São Paulo, 2019. Disponível em: <<https://sinapse.gife.org.br/download/conheca-10-instrumentos-financeiros-inovadores-para-alavancar-negocios-de-impacto>>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. Cooperação e desenvolvimento territorial. **11º congresso GIFE.** Série Pautas ISP. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1VhAj8yx9Y8&ab_channel=GIFE>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. Cooperação e investimento social por cidades justas e sustentáveis. **11º congresso GIFE.** 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-eZ7VXY-c4Y&ab_channel=GIFE>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. Da educação à inclusão produtiva. **11º congresso GIFE.** Série Fronteiras Coletivas, *podcast* n. 5. Disponível em: <<https://congressogife.org.br/2020/podcast-5-da-educacao-a-inclusao-produtiva-20210226>>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. Democracia, cidadania e participação. **11º congresso GIFE: live.** 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GLCU-FyTOA&ab_channel=GIFE>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. Desafios e contribuições para a cultura e comunicação cidadã na pandemia. **WebHour GIFE,** n. 5. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=v28Pswt9ME&t=1s&ab_channel=GIFE>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. Diálogos contemporâneos: nova economia e futuro do trabalho. **11º congresso GIFE:** debate. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-Zqqf2FASiw&t=1590s&ab_channel=GIFE>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. Diálogos contemporâneos: saúde global e pandemias. **11º congresso GIFE.** 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Fdcp8SjEcRA&list=PLzXv8s8_J1bxIYdTtF0BRQ1cAJnk1KyfQ&index=64&ab_channel=GIFE>. Acesso em: mai. 2021.

PARA SABER MAIS

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. Diálogos contemporâneos: mudanças climáticas. **11º congresso GIFE: debate**. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KeTQoucAwRE&ab_channel=GIFE>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. Diálogos contemporâneos: democracia, pluralismo e diversidade. **11º congresso GIFE: debate**. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mj9ZX7W8_xU&ab_channel=GIFE>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. **Diretrizes GIFE de advocacy e incidência pública**. s.d. Disponível em: <<https://diretrizes-de-advocacy.gife.org.br/>>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. Doação e transformação. **11º congresso GIFE**. Série Fronteiras Coletivas, *podcast* n. 1. Disponível em: <<https://congressogife.org.br/2020/podcast-1-doacao-e-transformacao-20210226>>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. **Emergência Covid-19**. S.d. Disponível em: <<https://emergenciacovid19.gife.org.br/>>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. Empresas e sociedade: propósito, impacto e a busca por novos paradigmas. **11º congresso GIFE: mesa**. 2020. Disponível em: <<https://youtu.be/RiJwKsjo968>>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. Empresas, filantropia e impacto social. *Podcast* GIFE. **Fronteiras coletivas**, n. 2. 25 jan. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tK9-JInaBEA&list=PLzXv8s8_J1bxYel9EtMEcPPZRN6-OLbdI&index=10&ab_channel=GIFE>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. Filantropia colaborativa. **11º congresso GIFE: mesa**. 2020. Disponível em: <<https://congressogife.org.br/2020/palestra/filantropia-colaborativa>>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. Filantropia e movimentos sociais. **11º congresso GIFE**. Série Pautas ISP. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gwtKXZ3jhwc&ab_channel=GIFE>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. Filantropia e pandemia: a produção de conhecimento. **11º congresso GIFE**. 1º. out. 2020. Disponível em: <<https://youtu.be/xdG9jGHQeOw>>. Acesso em mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. Financiamento baseado em relações de confiança. **11º congresso GIFE**. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nZDCXyVxpRo>>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. **GrantLab**. s.d. Disponível em: <<https://grantlab.gife.org.br/>>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. Grupo de colaboração: investimentos e negócios de impacto social. **11º congresso GIFE**. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5e5bP1DOmSo&ab_channel=GIFE>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. Grupo de colaboração: *grantmaking*. **11º congresso GIFE: oficina**. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-bmJKJwWuSs&ab_channel=GIFE>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. Grupo de colaboração: *grantmaking*: sistematização. **11º congresso GIFE**. 2020. Disponível em: <<https://congressogife.org.br/2020/sistematizacao-grupo-de-colaboracao-de-grantmaking-20210113>>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. Grupo de colaboração: cooperação com a gestão pública. **11º congresso GIFE: palestra**. 2020. Disponível em: <<https://congressogife.org.br/2020/palestra/cooperacao-com-a-gestao-publica>>. Acesso em: mai. 2021.

PARA SABER MAIS

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. **Grupo de conhecimento**. São Paulo. Disponível em: <<https://gife.org.br/atuacao-em-rede/grupo-de-conhecimento/>>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. **Guia de tendências e práticas do investimento social familiar**. 2017. Disponível em: <<https://sinapse.gife.org.br/download/guia-de-tendencias-e-praticas-investimento-social-familiar>>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. **Guia ISP por mudanças climáticas**. Disponível em: <<http://gife.rds.land/guia-mudancas-climaticas>>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. **Indicadores GIFE de governança**. s.d. Disponível em: <<https://gife.org.br/indicadores-gife-de-governanca/>>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. Investimento de impacto: avaliação e perspectivas de futuro. **11º congresso GIFE**. 2020. Semana do Investimento Social. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0M_XEUvsSRI&t=899s&ab_channel=GIFE>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. Investimento social familiar. **11º congresso GIFE**: webhour. 2020. Disponível em: <<https://youtu.be/usQX2X1Xzc8>>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. **Investimento social independente**. São Paulo, 2014. Disponível em: <<https://sinapse.gife.org.br/download/investimento-social-independente>>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. **Investimento social independente**: para fortalecimento e autonomia das organizações da sociedade civil. São Paulo, 2014. Disponível em: <<https://sinapse.gife.org.br/download/investimento-social-independente-para-fortalecimento-e-autonomia-das-organizacaoes-da-sociedade-civil>>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. Investimento social em saúde. **Especial Rede GIFE**. Disponível em: <<https://gife.org.br/especial-redegife-o-investimento-social-privado-em-saude-veio-para-ficar/>>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. Investimento social para a equidade racial. **11º congresso GIFE**. Painel Agenda Pública. 2020. Disponível em: <<https://congressogife.org.br/2020/palestra/equidade-racial>>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. Investimento social pela Amazônia. **11º congresso GIFE**: mesa. 2020. Disponível em: <<https://youtu.be/Yw9uDIV34P8>>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. Investimento social por Amazônia e clima. **11º congresso GIFE**: live. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3enVCwjhkd8&ab_channel=GIFE>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. **Investimento social pela Amazônia**. Disponível em: <<https://ispelaamazonia.gife.org.br/>>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. Investimento social por ciência e informação. **11º congresso GIFE**: painel. 2020. Disponível em: <<https://youtu.be/KdxWT3czBI0>>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. Investimento social por ciência e informação. **11º congresso GIFE**: live. 2020. Disponível em: <<https://youtu.be/FjbLSFrbiOs>>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. **ISP tema**: direitos das mulheres. Disponível em: <https://isppor.gife.org.br/isp_tema/direitos-das-mulheres/>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. **Materiais de referência**. s.d. Disponível em: <<https://avaliacao.gife.org.br/publicacao>>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. **Mudanças climáticas**. Disponível em: <https://isppor.gife.org.br/isp_tema/mudancas-climaticas/>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. Nova economia, ESG, propósitos e valor público. **11º congresso GIFE**: live. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Uj764YE-Ubg&ab_channel=GIFE>. Acesso em: mai. 2021.

PARA SABER MAIS

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. O futuro que a gente quer. **11º congresso GIFE**. Série Fronteiras Coletivas, *podcast* n. 4. 2021. Disponível em: <<https://congressogife.org.br/2020/podcast-4-o-futuro-que-a-gente-quer-20210226>>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. **O que o investimento social privado pode fazer por...** ciência e informação. Disponível em: <<https://isppor.gife.org.br/>>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. **O que o investimento social privado pode fazer por...** democracia. Disponível em: <https://isppor.gife.org.br/isp_tema/democracia/> Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. **O que o ISP pode fazer por...** equidade racial. Disponível em: <https://isppor.gife.org.br/isp_tema/equidade-racial/>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. Oficina avaliação. **11º congresso GIFE**. 23 fev. 2021. Disponível em: <<https://congressogife.org.br/2020/palestra/cooperacao-com-a-gestao-publica>>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. Oficina de comunicação e *advocacy*. **11º congresso GIFE**. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kkd073S8Yvw&ab_channel=GIFE>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. Pandemia, pós-pandemia e políticas sociais. **11º congresso GIFE: live**. 2020. Disponível em: <<https://youtu.be/dtWybEadyzM>>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. Pandemia, pós-pandemia e políticas sociais. **11º congresso GIFE: live**. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dtWybEadyzM&ab_channel=GIFE>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. **Panorama e agenda da produção de conhecimento sobre o terceiro setor**. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://gife.org.br/wp/media/2020/03/Gife_Oficina_Conhecimento_V2-1.pdf>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. **Panorama e agenda da produção de conhecimento sobre o terceiro setor**. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://gife.org.br/wp/media/2020/02/Infografico_Grupo-de-Conhecimento-GIFE_vf.pdf>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. Panorama sociedade viva, proteção social. **11º congresso GIFE: palestra**. 2020. Disponível em: <<https://congressogife.org.br/2020/palestra/panorama-sociedade-viva-4>>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. Percursos e fronteiras para a filantropia e o investimento. **11º congresso GIFE: encontro de encerramento**. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CNSY4uogqCs&list=PLzXv8s8_J1bwejpH0UFu4xP6qOutUjrB&ab_channel=GIFE>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. **Plataforma Mosaico**. s.d. Disponível em: <<https://mosaico.gife.org.br/>>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. **Portal de dados do investimento social**: que ações/estratégias foram utilizadas pela organização respondente no projeto/programa? São Paulo, 2020. Disponível em: <https://mosaico.gife.org.br/censo-gife/monte-seu-grafico?contexto=org&grafico=P5_4a>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. **Portal de dados do investimento social**: que estratégia(s) de aproximação ou alinhamento com políticas públicas a organização respondente adota? São Paulo, 2020. Disponível em: <https://mosaico.gife.org.br/censo-gife/monte-seu-grafico?contexto=org&grafico=q4_4>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. **Portal de dados do investimento social**: gestão institucional. 2019. Disponível em: <<https://mosaico.gife.org.br/censo-gife/temas/gestao-institucional/17-governanca-e-transparencia>>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. **Portal de dados do investimento social**: focos de atuação. Disponível em: <<https://mosaico.gife.org.br/censo-gife/temas/focos-de-atuacao/29-temas-e-foco-de-atuacao>>. Acesso em: mai. 2021.

PARA SABER MAIS

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. **Portal de dados do investimento social:** base de projetos. Disponível em: <<https://mosaico.gife.org.br/base-de-projetos>>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. **Projeto Sustenta OSC:** Projeto Sustentabilidade Econômica das Organizações da Sociedade Civil. Disponível em: <<https://gife.org.br/osc/sobre/>>. Acesso em: mai. 2020.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. Proteção social: pensando desafios, comunicando soluções. **11º congresso GIFE.** 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1mKQgHnLTFs&ab_channel=NOSSAS>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. **Rubricas avaliativas:** marco de análise das iniciativas de enfrentamento aos efeitos da Covid-19. s.d. Disponível em: <<https://rubricascovid.gife.org.br/>>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. **Seleção do movimento por uma cultura de doação.** s.d. Disponível em: <<https://sinapse.gife.org.br/collection/movimento-por-uma-cultura-de-doacao>>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. **Semana do investimento social:** filantropia, cidadania e democracia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=g9M4L2XJmfQ&ab_channel=GIFE>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. **Sinapse:** biblioteca virtual do investimento social. s.d. Disponível em: <<https://sinapse.gife.org.br/>>. Acesso em: mai. 2021.

GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. Transformação em verso e prosa. **11º congresso GIFE.** Série Fronteiras Coletivas, *podcast*, n. 7. Disponível em: <<https://congressogife.org.br/2020/podcast-7-transformacao-em-verso-e-prosa-20210301>>. Acesso em: mai. 2021.

HANAI, Andrea; FABIANI, Paula; PASQUALIN, Priscila; LEVISKY, Ricardo. **Fundos patrimoniais filantrópicos:** sustentabilidade

para causas e organizações. São Paulo: GIFE, 2020. Disponível em: <<https://sinapse.gife.org.br/download/fundos-patrimoniais-filantropicos-sustentabilidade-para-causas-e-organizacoes>>. Acesso em: mai. 2021.

HIRATA, Augusto Jorge; GRAZZIOLI, Raquel; DONNINI, Thiago. **Fundos patrimoniais e organizações da sociedade civil.** São Paulo: GIFE, 2019. Disponível em: <<https://sinapse.gife.org.br/download/fundos-patrimoniais-e-organizacoes-da-sociedade-civil>>. Acesso em: mai. 2021.

HOPSTEIN, Graciela. **Expandindo e fortalecendo a filantropia comunitária no Brasil.** Rede de Filantropia para Justiça Social, 2019. Disponível em: <<https://sinapse.gife.org.br/download/expandindo-e-fortalecendo-a-filantropia-comunitaria-no-brasil>>. Acesso em: mai. 2021.

IBGC – Instituto Brasileiro de Governança Corporativa; GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. **Guia das melhores práticas de governança para institutos e fundações empresariais.** s.d. Disponível em: <<https://sinapse.gife.org.br/download/guia-das-melhores-praticas-de-governanca-para-institutos-e-fundacoes-empresariais>>. Acesso em: mai. 2021.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **As fundações privadas e associações sem fins lucrativos no Brasil – FASFIL.** Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/9023-as-fundacoes-privadas-e-associacoes-sem-fins-lucrativos-no-brasil.html?=&t=o-que-e>>. Acesso em: mai. 2021.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Extrema pobreza atinge 13,5 milhões de pessoas e chega ao maior nível em 7 anos.** 2019. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25882-extrema-pobreza-atinge-13-5-milhoes-de-pessoas-e-chega-ao-maior-nivel-em-7-anos>>. Acesso em: mai. 2021.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa nacional de saúde 2019.** Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101748.pdf>>. Acesso em: mai. 2021.

PARA SABER MAIS

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios**. 2019. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_media/ibge/arquivos/8ff41004968ad36306430c82eece3173.pdf>. Acesso em: mai. 2021.

IDIS – Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social. **Conhecimento**. s.d. Disponível em: <<https://www.idis.org.br/conhecimento/>>. Acesso em: mai. 2021.

IDIS – Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social. **Guia de gestão de pessoas no terceiro setor**: módulo 2. Disponível em: <<https://www.idis.org.br/publicacoes/idis/guia-de-gestao-de-pessoas-no-terceiro-setor-modulo-2/>>. Acesso em: mai. 2021.

IDIS – Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social; CAF – Charities Aid Foundation. **Fundos patrimoniais filantrópicos**. Nota técnica. Disponível em: <<https://www.idis.org.br/nota-tecnica-fundos-patrimoniais-filantropicos/>>. Acesso em: mai. 2021.

IDIS – Instituto pelo Desenvolvimento do Investimento Social. **Pesquisa doação Brasil**. 2015. Disponível em: <https://idis.org.br/pesquisadoacaobrasil/wp-content/uploads/2016/10/PBD_IDIS_Sumario_2016.pdf>. Acesso em: mai. 2021.

INSTITUTO MOL. **3º Seminário Doar**: o ano da doação. 23 dez. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/playlist?list=PLIEGmRmY0xPqu8uBKgxxao4rdfmG2oJY6>>. Acesso em: mai. 2021.

INSTITUTO MOL. **Aqui se faz aqui se doa**. Podcasts. Disponível em: <<https://www.youtube.com/playlist?list=PLIEGmRmY0xPr844wotQ8JuaxVTRkmu-vS>>. Acesso em: mai. 2021.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil**. 5ª edição. Disponível em: <<https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/>>. Acesso em: mai. 2021.

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Mapa das organizações da sociedade civil**. Disponível em: <<https://mapaosc.ipea.gov.br/>>. Acesso em: mai. 2021.

KISIL, Marcos; SPERCEL, Thiago. **Organizações da sociedade civil**: melhores práticas de governança para terceiro setor. GIFE. 2019. Disponível em: <<https://sinapse.gife.org.br/download/organizacoes-da-sociedade-civil-melhores-praticas-de-governanca-para-terceiro-seto>>. Acesso em: mai. 2021.

LEICHSENDRING, Alexandre Ribeiro; SOUZA, Aline Gonçalves de; OLIVEIRA, Letícia de; BOAS, Lucas Vilas; MENDONÇA, Patricia; DONNINI, Thiago. **Marco regulatório das organizações da sociedade civil**: avanços e desafios. São Paulo: GIFE, 2020. Disponível em: <<https://sinapse.gife.org.br/download/marco-regulatorio-das-organizacoes-da-sociedade-civil-avancos-e-desafios>>. Acesso em: mai. 2021.

LEQT – Rede Leitura e Escrita de Qualidade para Todos. **Indicadores LEQT**: qualidade em projetos de leitura. Disponível em: <<https://sinapse.gife.org.br/download/indicadores-leqt-qualidade-em-projetos-de-leitura>>. Acesso em: mai. 2021.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA. **Enimpecto**. Disponível em: <<https://www.gov.br/produtividade-e-comercio-exterior/pt-br/assuntos/inovacao/enimpecto>>. Acesso em: mai. 2021.

MOBILIZA; REOS PARTNERS. **Impacto da COVID-19 nas OSCs brasileiras**: da resposta imediata à resiliência. 2020. Disponível em: <<https://sinapse.gife.org.br/download/impacto-da-covid-19-nas-oscs-brasileiras-da-resposta-imediata-a-resiliencia-sumario-executivo>>. Acesso em: mai. 2021.

MORIN, Edgar. **É hora de mudarmos de via**: as lições do coronavírus. Rio de Janeiro: Bertrand, 2020.

MOVIMENTO POR UMA CULTURA DE DOAÇÃO. **Documento de diretrizes**. s.d. Disponível em: <https://4c7e479b-c69d-474d-971e-377669452104.filesusr.com/ugd/7ecc18_817ef228e8394f7c9041a426d32c40c5.pdf>. Acesso em: mai. 2021.

MOVIMENTO POR UMA CULTURA DE DOAÇÃO. **Página inicial**. s.d. Disponível em: <<https://www.doar.org.br/>>. Acesso em: mai. 2021.

PARA SABER MAIS

NEGRI Fernanda de; KOELLER Priscila. **O declínio do investimento público em ciência e tecnologia:** uma análise do orçamento do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações até o primeiro semestre de 2019. Nota Técnica. IPEA, Diretoria de Estudos e Políticas Setoriais de Inovação e Infraestrutura, ago. 2019. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/190828_NT_48_Diset.pdf. Acesso em: mai. 2021.

OBSERVATÓRIO DO CLIMA. **Observatório do clima.** Disponível em: <https://www.oc.eco.br/>. Acesso em: mai. 2021.

OLIVA, Rafael. **Alinhamento entre o investimento social privado e o negócio.** São Paulo: GIFE, 2016. Disponível em: <https://sinapse.gife.org.br/download/alinhamento-entre-o-investimento-social-privado-e-o-negocio>. Acesso em: mai. 2021.

ONU – Organização das Nações Unidas. **Notícias:** covid-19 mulheres a frente e no centro. Disponível em: <https://www.onumulheres.org.br/noticias/covid-19-mulheres-a-frente-e-no-centro/>. Acesso em: mai. 2021.

OXFAM. **O vírus da desigualdade.** 2021. Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/justica-social-e-economica/forum-economico-de-davos/o-virus-da-desigualdade/>. Acesso em: mai. 2021.

PAGOTTO, Lívia Menezes. **Advocacy em rede:** em busca de maior impacto do investimento social privado no Brasil. São Paulo: GIFE, 2019. Disponível em: <https://sinapse.gife.org.br/download/advocacy-em-rede-em-busca-de-maior-impacto-do-investimento-social-privado-no-brasil>. Acesso em: mai. 2021.

PANNUNZIO, Eduardo; VILELLA, Mariana; CARVALHO, Pedro Andrade C.; OLIVA, Rafael; TREZZA, Valéria Maria. **Fortalecimento da sociedade civil:** redução de barreiras tributárias às doações. GIFE, 2020. Disponível em: <https://sinapse.gife.org.br/download/fortalecimento-da-sociedade-civil-reducao-de-barreiras-tributarias-as-doacoes>. Acesso em: mai. 2021.

PATROCÍNIO, Fernanda. **Guia rede temática de negócios de impacto do GIFE 2019.** São Paulo: GIFE, 2019. Disponível em: <https://sinapse.gife.org.br/download/guia-rede-tematica-de-negocios-de-impacto-do-gife-2019>. Acesso em: mai. 2021.

PENSSAM – Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar. **Inquérito nacional sobre insegurança alimentar no contexto da pandemia da Covid-19 no Brasil.** 2021. Disponível em: http://olheparaafome.com.br/VIGISAN_Inseguranca_alimentar.pdf. Acesso em: mai. 2021.

PIPE SOCIAL. **Mapa 2019.** 2019. Disponível em: <https://pipe.social/pipelabo/mapa2019>. Acesso em: mai. 2021.

POLAZ, Karen. **Boas práticas na relação entre financiadores e donatários.** Notas Técnicas. GIFE, 2020. Disponível em: <https://sinapse.gife.org.br/download/boas-praticas-na-relacao-entre-financiadores-e-donatarios>. Acesso em: mai. 2021.

POLAZ, Karen. **Filantropia e investimento social na pandemia:** respostas, aprendizados e reflexões sobre o futuro. GIFE, 2021. Disponível em: <https://sinapse.gife.org.br/download/filantropia-e-investimento-social-na-pandemia-respostas-aprendizados-e-reflexoes-sobre-o-futuro>. Acesso em: mai. 2021.

POND, Anna. HODGSON, Jenny. **Como a filantropia comunitária transfere o poder.** São Paulo, 2018. Disponível em: <https://sinapse.gife.org.br/download/como-a-filantropia-comunitaria-transfere-o-poder>. Acesso em: mai. 2021.

PONTEAPONTE EMPREENDEDORISMO SOCIAL. **Cenários e tendências sobre o campo de negócios de impacto e intermediários frente à Covid-19.** São Paulo: GIFE, 2020. Disponível em: <https://sinapse.gife.org.br/download/cenarios-e-tendencias-sobre-o-campo-de-negocios-de-impacto-e-intermediarios-frente-a-covid-19>. Acesso em: mai. 2021.

PULSO Público. **Responsabilidade política:** sugestões de boas práticas em transparência, ética e compliance em *advocacy*. 2016. Disponível em: <https://sinapse.gife.org.br/download/responsabilidade-politica-sugestoes-de-boas-praticas-em-transparencia-etica-e-compliance-em-advocacy>. Acesso em: mai. 2021.

PARA SABER MAIS

RBMA – Rede Brasileira de Monitoramento e Avaliação. **Página inicial.** s.d. Disponível em: <<https://rbma.com.br/>>. Acesso em: mai. 2021.

REDE DE FILANTROPIA PARA A JUSTIÇA SOCIAL. s.d. **Os desafios para comunicar a filantropia comunitária e de justiça social.** s.d. Disponível em: <<https://www.redefilantropia.org.br/post/os-desafios-para-comunicar-a-filantropia-comunit%C3%A1ria-e-de-justi%C3%A7a-social>>. Acesso em: mai. 2021.

REDE NARRATIVAS. **Comunicação de causas:** reflexões e provocações para novas narrativas. Mesa de lançamento. s.d. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=02kGGTMY8al&ab_channel=RedeNarrativas>. Acesso em: mai. 2021.

REDES NARRATIVAS. **Página inicial.** Disponível em: <<https://narrativas.org.br/>>. Acesso em: mai. 2021.

SAEZ, Erika Sanchez. **Filantropia colaborativa.** São Paulo: GIFE, 2020. DOI: 10.33816/978-65-86701-04-3. Disponível em: <<https://sinapse.gife.org.br/download/filantropia-colaborativa>>. Acesso em: mai. 2021.

SALLA, Ana Leticia Mafra; SANCHES, Michelle Baldi Ballon; SALINAS, Natasha Schmitt Caccia. **Incentivos regulatórios à filantropia individual no Brasil.** São Paulo: GIFE, 2019. Disponível em: <<https://sinapse.gife.org.br/download/incentivos-regulatorios-a-filantropia-individual-no-brasil>>. Acesso em: mai. 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O futuro começa agora:** da pandemia à utopia. Coimbra: Edições 70, 2020.

SJR – Scimago Journal & Country Rank. **Ranking de países.** Disponível em: <<https://www.scimagojr.com/countryrank.php>>. Acesso em: mai. 2021.

SUS – Sistema Único de Saúde. **Simpacto.** S.d. Disponível em: <<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/pacto/2001/simpacto.htm>>. Acesso em: mai. 2021.

TOMA, Costanza de. **Advocacy toolkit:** guidance on how to advocate for a more enabling environment for civil society in your context. 2020. Disponível em: <<https://sinapse.gife.org.br/download/advocacy-toolkit-guidance-on-how-to-advocate-for-a-more-enabling-environment-for-civil-society-in-your-context>>. Acesso em: mai. 2021.

V-DEM Institute. **Autocratization turns viral:** democracy report 2021. 2021. Disponível em: <https://www.v-dem.net/media/filer_public/74/8c/748c68ad-f224-4cd7-87f9-8794add5c60f/dr_2021_updated.pdf>. Acesso em: mai. 2021.

VELASCO, Ana; DEGENSZAJN, Andre; ROLNIK, Iara. **Retratos do investimento social familiar no Brasil.** São Paulo: GIFE, 2015. Disponível em: <<https://sinapse.gife.org.br/download/retratos-do-investimento-social-familiar-no-brasil>>. Acesso em: mai. 2021.

WINGS. **Knowledge hub.** s.d. Disponível em: <<https://wingsweb.org/en/knowledge-hub>>. Acesso em: 13 de maio de 2021.

